

**Neologismos do Português de Angola:
Proposta de constituição de base de dados com vista
à construção
de um Observatório Linguístico**

Ana Bela Pereira Loureiro

**Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão
da Informação de Especialidade**

Maiο, 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino.

Declaro que esta dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, de de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

A orientadora,

Lisboa, de de

Dedicatória

Ao meu marido Luís,

companheiro de todas as horas

Aos meus filhos Harrison e Tiago,

pelas elevadas horas de abandono

À Lála, minha ... irmã (in memoria).

Agradecimentos

A Deus por Tudo.

Os meus sinceros agradecimentos à Prof^a Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino, pela humildade, disponibilidade, rigor científico demonstrado ao longo da orientação deste trabalho de investigação e por me fazer acreditar que seria capaz de chegar ao fim.

À Prof^a Doutora Rute Costa, Prof^a Doutora Raquel Silva e Prof^a Doutora Maria Lobo por tudo quanto pude aprender neste Mestrado.

A Sua Excelência Senhor Ministro da Educação, Prof. Doutor Pinda Simão e ao INAGBE pela concessão desta bolsa.

À Comissão Multisectorial para o Acordo Ortográfico de 1990 pelo encorajamento, acompanhamento sistemático e fraternal.

A V. Ex.^a Revma. Dom José Manuel Imbamba, à Dr^a Ana Paula Henriques por todo o apoio incondicional.

Às minhas amigas Jane, Ana pela oportunidade e por, mais uma vez, me encorajarem nos momentos mais críticos desta investigação.

Ao Director do periódico “Cultura, Jornal Angolano de Artes e Letras”, Dr. José Luís Mendonça pela disponibilidade incondicional em conceder o material para o corpus.

Aos meus irmãos: Mila, São, Norberto, Ir^a Domingas, Rita, Petaias, João e à minha sogra Georgina por todo o incentivo e apoio.

À Irina pelo carinho, colaboração e ao Miguel, Cândida, Gil, Marinela, Rui e Nadir pela ajuda incondicional.

Enfim, a todos aqueles que de forma directa ou indirecta contribuíram para que pudesse terminar essa trajectória.

Resumo

O processo de evolução do léxico de determinada língua necessita de um acompanhamento sistemático dos fenómenos neológicos resultantes deste – recolha, estudo, selecção, convenção, registo e divulgação – por estruturas físicas e humanas, reconhecidas internacionalmente, em consonância com os padrões socioculturais e sociolinguísticos. Isto pressupõe a existência de normalização e harmonização linguística.

A partir de estudos realizados por Ieda Alves, Tereza Cabré, Teresa Lino, Jean-François Sablayrolles, Alain Rey e Margarita Correia, efectuámos uma investigação sobre as tendências neológicas da Língua Portuguesa, tendo como base a imprensa angolana, com o auxílio do programa *Hyperbase* de Étienne Brunet. De setenta e quatro candidatos a neologismos analisados, concluímos que são mais frequentes os processos de formação por composição (24), hibridismo (21) e empréstimo (20), o que confere algumas especificidades neológicas, resultantes da coabitação do Português com as línguas angolanas de origem africana.

Por isso, propomos a constituição de uma base de dados de neologismos como actividade pioneira, permitindo o registo oficial de novas unidades lexicais no acervo lexical desta variante (Português angolano), e incentivar o surgimento de projectos de investigação que visem contribuir para a evolução do léxico, Ensino do léxico, produção lexicográfica, prevendo a valorização e divulgação desta variante.

Palavras – chave: neologismos angolanos, base de dados, Ensino, normalização, harmonização.

Abstract

Neologisms in Angolan Portuguese: a proposal for the establishment of a database with the view to constructing a linguistic observatory

The process of the evolution of a lexicon of a specific language requires a systematic accompaniment of neological phenomena resulting from this – collection, study, selection, convention, register and divulgation – through physical and human structures internationally recognized in accordance with socio-cultural and socio-linguistic patterns. This presupposes the existence of linguistic normalization and harmonization.

From studies carried out by Ieda Alves, Tereza Cabré Teresa Lino, Jea-François Sablayrolles, Alain Rey and Margarida Correia, we conducted an investigation into neological tendencies in the Portuguese language, from the Angolan press backed up by the *Hyperbase* programme by Etienne Brunet. Of seventy-four proposed neologisms analyzed, we concluded that training processes by composition (24), hybridism (21) and borrowing (20) are the most productive, which confers some neological specifications, resulting from the cohabitation of Portuguese with indigenous languages.

Therefore, we propose the establishment of a database of neologisms as a pioneer activity, allowing for an official register of new lexical units in the lexical collection of this version (Angola Portuguese), and to encourage the creation of investigation projects that aim to contribute to the evolution of the lexicon, Teaching of lexicon, lexicographical production, foreseeing the valuing and divulgation of this version.

Key words: Angolan neologisms, database, Teaching, normalization, harmonization.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPITULO I- PARTICULARIDADES SOCIOLINGUÍSTICAS DE ANGOLA ...	5
1.1 Situação sociolinguística	6
1.2 Políticas linguísticas	18
1.3 O Português em coabitação com outras línguas de Angola.....	24
CAPÍTULO II - CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	30
2.1 Corpus.....	31
2.2 Tipo de textos analisados.....	32
2.3 Ficha de candidatos a neologismos.....	33
2.4 Tratamento semi-automático	35
2.4.1 Extensão do corpus <i>ANGONEO</i>	36
2.4.2 Altas frequências.....	37
2.4.3 Riqueza vocabular e hapax.....	38
2.4.5 Concordâncias	42
2.4.6 Frequência no <i>Corpus ANGONEO</i>	44
CAPÍTULO III – FENÓMENOS NEOLÓGICOS ENCONTRADOS	47
3.1 Alguns pressupostos sobre a inovação lexical	48
3.2 Aspectos a considerar no ensino-aprendizagem do léxico em PLM, LS e LE .	54
3.3 As tendências neológicas no Português de Angola.....	58
3.4 Classificação dos neologismos	61
3.5 Neologia de Forma.....	63
3.5.1 Derivação prefixal.....	63
3.5.2 Derivação sufixal.....	64
3.5.3 Composição.....	65
3.6 Siglas e Acrónimos.....	67
3.7 Amálgama	67
3.8 Hibridismo lexical.....	68
3.9 Neologia Semântica	70
3.9.1 Extensão Semântica.....	71
3.9.2 Empréstimos.....	71
3.9.3 Expressões Idiomáticas	72
3.10 Classificação por relevância	74
3.11 Da língua corrente.....	75

CAPÍTULO IV – PROPOSTRA DE BASE DE DADOS DE NEOLOGISMOS ...	77
4.1 A importância de base de dados de neologismos	77
4.2 Constituição da proposta de base de dados.....	79
4.3 A importância de um Observatório Linguístico	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGÁFICAS	84
ANEXO I.....	i
ANEXO II.....	ii
ANEXO III	vi

INTRODUÇÃO

Em quase todos os contextos da vida humana, o surgimento de alguém ou algo de novo constitui motivo de curiosidade, suscitando várias questões que o próprio homem se propõe procurar e apresentar propostas esclarecedoras de acordo com a circunstância em que tal novidade ocorre.

Nas Ciências Humanas, domínio da Linguística, cabe à Lexicologia estudar os processos de formação de novas unidades lexicais, as características fonológicas, sintáticas, morfológicas, semânticas e as relações que surgem entre as unidades lexicais de língua corrente e os termos, sejam de sinonímia, antonímia, hiponímia, hiperonímia, polissemia, homonímia, metonímia.

Actualmente registam-se vários trabalhos sobre o estudo de fenómenos neológicos na Língua Portuguesa, como por exemplo: Alves, Ieda (1998, 2010); Carvalho, Nelly (2010); Antunes & Correia (2010); Lino, Teresa (2003, 2010); Lino & Contente (2011, 2013), Mendes, Irene (2000); estas investigações tendem a aumentar e a direccionar-se por distintas perspectivas de análise.

Apesar de a Língua Portuguesa ter o estatuto de língua viva em Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola - países membros da CPLP- não encontramos resultados da realização de estudos sobre a novidade lexical dessas variantes, pelos respectivos países.

No entanto, dados apresentados pela OLP – Observatório da Língua Portuguesa, de 25 de Agosto de 2010, e pelo Censo Populacional de Angola de 2014, atestam que Angola é o segundo país com maior número de falantes da Língua Portuguesa.

Sendo a Língua Portuguesa o maior veículo de comunicação nas principais actividades internas e externas, em Angola, preocupa-nos o facto de neste país não existir, de forma escrita, os princípios reguladores do uso oral e escrito do Português, nem estruturas que garantam a fiabilidade linguística do Português, sua língua oficial.

Outro problema, não menos importante, é a fraca existência ou inexistência de estruturas, cujo objecto de estudo seja a investigação científica. Estruturas que tratem de assuntos relacionados com a terminologia, lexicologia e lexicografia - academias, institutos, observatórios, bases de dados, e outros - que ajudem a comunidade linguística

a melhor contribuir para o desenvolvimento, valorização e divulgação das línguas de Angola de modo a melhor se afirmar na arena internacional.

De entre as várias divergências de ponto de vista entre estudiosos de língua firma-se a indiscutível teoria de que a Língua não é um sistema estático. Sem se subordinar à norma, pois, na maior parte dos casos ela surge depois, a língua apresenta um processo evolutivo constante. Um dos fenómenos que contribui, em grande parte, para a efectivação desse processo evolutivo são os neologismos.

Cada vez mais, surgem no Português falado e escrito, em Angola, unidades lexicais novas, principalmente, divulgadas pela comunicação social. Daí a necessidade de criação de meios e organismo que trate e filtre estas inovações lexicais para posterior harmonização e / ou normalização, procurando adequar-se às necessidades e exigências do mercado nacional e internacional.

Havendo esta lacuna, muito dificilmente se pode desenvolver a produção de produtos terminológicos, lexicológicos, lexicográficos (didácticos ou não) fiáveis, pois não há organismos oficiais que os validem para posterior utilização e divulgação.

Por essa razão, queremos dar contributos para a criação de uma Base de Dados sobre Neologia do Português, em Angola, como alicerce para a constituição do futuro Observatório Linguístico, monolíngue; contribuir para a união dos linguistas, terminólogos, lexicólogos e lexicógrafos angolanos, como garante de maior investimento incondicional, na investigação em questões linguísticas, concretamente sobre neologia; valorizar os empréstimos das línguas angolanas de origem africana e estrangeiras para o Português validados pelos linguistas e/ou especialistas de outros domínios; despertar nos linguistas e professores a importância do estudo dos fenómenos de neologia e a sua valorização em sala de aula nas abordagens sobre o léxico; apelar a um maior envolvimento do Estado na criação de infraestruturas que garantam o pleno funcionamento das estruturas supra citadas.

A criação de uma base de dados de neologismos pode contribuir para a harmonização e normalização de neologismos do Português (variante angolana) que serão úteis: a aprendentes de PLM, LS ou a LE na aquisição de competências lexicais; na elaboração de dicionários e vocabulários; e, posteriormente, evoluir para a constituição de um Observatório Linguístico.

A nossa pesquisa centra-se na análise de neologismos do Português de Angola e de acordo com os critérios recomendados pela Linguística de Corpus, extraímos estes neologismos a partir de textos escritos electrónicos no periódico: *Cultura, Jornal Angolano de Artes e Letras* dos quais analisamos cerca de seis edições. Este jornal, de periodicidade quinzenal, foi fundado em Abril de 2012 e perdura até hoje. A sua divulgação também é feita *on-line*, aumentando, assim, o número de leitores.

Ao analisar os fenómenos neológicos presentes na imprensa escrita angolana, pretendemos avaliar: o seu impacto e frequência dentro do discurso corrente, escrito e posteriormente classificá-los, tendo em conta o índice de subjetividade, o seu valor morfológico e semântico; a sua importância no processo de ensino-aprendizagem do léxico em Português Língua Materna, Língua Segunda e Língua Estrangeira. Por outro lado, é também necessário explicitar a classificação e estabelecer critérios de fiabilidade para a harmonização e normalização de neologismos da variante angolana.

Constituímos um corpus de análise fechado e monolíngue, composto por seis jornais dos quais integram cinquenta e seis textos digitalizados, num total de 10.534 formas. Na sua organização, numa primeira fase, efectuámos a recolha das novas unidades lexicais. Posteriormente, procedemos ao tratamento semiautomático dos dados no programa *Hyperbase*, de Étienne Brunet, versão 10, 2015. *pour Windows*, seguida da descrição dos fenómenos registados.

Para a estruturação, inserção e classificação dos dados em ficha neológica recorreremos ao programa *access*.

Numa análise descritiva, seguindo a perspectiva semasiológica, efectuámos nos textos a identificação e análise dos *candidatos a neologismos*. Ao classificá-los adoptámos a perspectiva onomasiológica, logo, seguimos uma metodologia mista.

A falta de harmonização nas entradas nos dicionários¹ levou –nos a optar por um *corpus de exclusão*² *lexicográfico* diversificado: Porto Editora; Priberam *on-line*; Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa (I e

¹ Não há dois dicionários com as mesmas entradas. [...]com as mesmas palavras registadas. E não há um dicionário definitivo, todos têm limitações evidentes. Logo, nunca um dicionário nos garante se determinada palavra é aceitável ou não. Gomes et al. (2004: 28).

² Por falta de validação, pelo Departamento de Línguas Nacionais do INIDE – Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação – e pelo Instituto de Línguas Nacionais, alguns dicionários em línguas autóctones não foram tidos como referência de *corpus de exclusão*.

II volume); Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (do tomo I ao VI, versão adaptada à norma europeia); Dicionário de Siglas e Abreviaturas Angolanas; Vocabulário da Língua do *Kimbundu* de Angola [*sic*].

CAPÍTULO I

PARTICULARIDADES SOCIOLINGÜÍSTICAS

DE ANGOLA

1.1 Situação sociolinguística

A sociolinguística surge da necessidade de analisar dados resultantes da dicotomia língua / sociedade. Sendo uma o complemento da outra, subentende-se que não há língua sem cultura nem cultura sem língua. Logo, a língua reflecte o valor cultural de uma comunidade linguística, isto é, a Sociolinguística estuda a língua como um factor social, considerando as suas relações com a sociedade (cf. VILELA, M.,1994:9).

Consequentemente, a Sociolinguística trata do estudo das consequências do contacto entre línguas, decorrente de processos históricos de migração e colonização através da análise das mudanças linguísticas que ocorrem no processo de coabitação de línguas, num mesmo território (cf. MATEUS, M.H. & VILLALVA, A., 2007:87). Afinal, nenhuma língua se desenvolve sem a interacção entre falantes da mesma comunidade linguística e de outras comunidades. Não queremos, aqui, fixar a ideia de dependência, pois, a necessidade de interacção é característica do ser humano.

Uma das evidências deste facto é o de a Língua Portuguesa registar no seu léxico, ao longo da sua existência, palavras derivadas do latim e do grego³.

Estudos realizados, numa perspectiva diacrónica, atestam que a Língua Portuguesa, herança do colonizador Romano, em consequência de contacto com outras línguas de invasores (como por exemplo: árabes) foi vivendo o processo evolutivo do seu léxico. E outras comunidades linguísticas no mundo viveram semelhante experiência no seu percurso histórico; é o caso do Inglês nos Estados Unidos da América, no Canadá, na África do Sul, nas Ilhas Maurícias, no Quênia; o Francês no Canadá, na Bélgica, nas Ilhas Maurícias, no Congo Democrático; o Espanhol, no México, na Colômbia; e a Língua Portuguesa em, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.

Sendo a Lexicologia e a Lexicografia ciências multidisciplinares, destaca-se, aqui, a sua relação com a Sociolinguista. GALISSON, R. (1981, apud, LINO,T. et al.

³ Como todas as línguas românicas, o português possui um vocabulário complexo: às palavras que se mantiveram sempre vivas desde a época latina, e que constituem o “patrimônio hereditário” da língua, vieram juntar-se palavras eruditas, criadas, em todas as épocas, com base no latim e no grego (ex.: internacional, automóvel e telefone em português contemporâneo. Este processo de criação vocabular começou bem antes dos primeiros textos escritos em galego-português, [...],Gomes et al. (2004: 19).

2010:188) sublinha a importância do estudo do léxico associado a questões culturais através do neologismo *lexicultura*, criado por ele próprio, nos finais da década de oitenta.

A análise diacrónica e sincrónica dos factos sociais estão por detrás do surgimento de certos fenómenos de inovação lexical de vários tipos, semânticos e morfológicos e de exportação lexical, isto é, de *empréstimos interlinguísticos*⁴.

No caso dos países plurilingues, como Angola, talvez devêssemos considerar como fenómeno de *importação lexical* o que resulta do contacto de língua de uma mesma comunidade linguística, como acontece, por exemplo, com Português - Kimbundu e Kimbundu - Português. Por isso, optámos pelo uso do termo *empréstimo interlinguístico*, uma vez que os empréstimos às *Línguas Angolanas de Origem Africana*, não são sentidos pelos angolanos como estrangeirismos, mas como *empréstimos interlinguísticos* portadores, muitas vezes, de semas culturais específicos à cultura Kimbundu, Kikongo, Umbundu, entre outras, empréstimos estes que, ao longo do tempo, vão enriquecendo e transformando a *Língua Portuguesa Variante Angolana*.

Nas pesquisas feitas, pudemos verificar que o fenómeno de neologia é o principal responsável pelo carácter dinâmico, pela exuberância expressa numa língua, através da renovação do seu léxico, seja por via de empréstimos ou por novas unidades lexicais.

Portanto, a interacção que ocorre entre língua e sociedade também pode suceder entre distintas comunidades linguísticas de maneira superficial ou profunda. As marcas deixadas por esse contacto repercutir-se-ão, no contexto linguístico e cultural, de acordo com o tipo de contacto estabelecido, seja superficial ou profundo; por isso, cada Estado deve criar condições para a regulação sistemática dos fenómenos que vão surgindo nas suas línguas já que nem sempre contribuem para o seu enriquecimento lexical — por exemplo — quando surgem, numa determinada língua, empréstimos para nomear

⁴ Expressão usada atualmente por alguns linguistas em substituição do termo estrangeirismo ou empréstimo, em comunicações sobre o fenómeno de neologia; optámos pelo uso do termo empréstimo interlinguístico.

situações, coisas ou objectos já designados pela mesma, como por exemplo, a redundância, *arreió – arreió*⁵.

Esta regulação pode apresentar dois caminhos: por um lado, os estudiosos que perspectivam as suas abordagens com base no *purismo* linguístico movidos pela ideia de superioridade cultural e linguística, limitando a evolução da língua em causa, e por outro lado, situam-se os que defendem através de fundamentos científicos o enriquecimento lexical de determinada língua.

Mas, de acordo com a sociolinguística, não existem comunidades linguísticas homogéneas e fechadas (cf. MARTINET, A., 1991:137)⁶. Logo, é muito difícil evitar a interacção entre povos que ocorre por vários motivos: pelo simples prazer de fazer turismo; pela necessidade comercial, social, cultural, política ou científica; porque a fronteira, natural, geográfica a permite; pelo fenómeno de emigração / imigração, ou pela curiosidade humana de desvendar mistérios da natureza física e/ou humana além-fronteiras.

À partida, o próprio desenvolvimento global de um Estado leva-o ao acto de partilha de experiências, serviços e meios que o permitem avançar, cada vez mais, de forma aproximada ou paralela aos estados mais avançados económica e cientificamente, fazendo jus ao exposto no artigo 3º da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural:

[...]a diversidade cultural amplia as possibilidades de escolhas que se oferecem a todos e se torna uma das fontes de desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento económico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória. [*sic*]⁷.

Não sendo o homem um ser polivalente, nem nenhuma comunidade linguística totalmente autónoma nas várias esferas da sociedade, é inevitável a necessidade de interacção com outras comunidades linguísticas.

⁵ Expressão usada, em Angola, em anúncio de promoção no mercado informal, normalmente, associada semanticamente ao lexema zungueira.

⁶ Elementos de Linguística Geral, traduzida por Jorge Morais Barbosa, 1991.

⁷ UNESCO: 2002, s/p.

Portanto, subentende-se, por um lado, ser pouco plausível afirmar que a língua se desenvolve num circuito fechado e que pode ser propriedade de determinada comunidade linguística, por outro lado, essa interacção entre povos pode influenciar positivamente no desenvolvimento do sistema linguístico de uma comunidade linguística ou causar instabilidade linguística na mesma, se não existirem estruturas capazes de filtrar empréstimos ou novas unidades lexicais derivados da coabitação entre as línguas angolanas de origem africana, a língua oficial, a (s) língua (s) estrangeira (s) ou, simplesmente, derivados de criações à margem da norma da língua em causa, como casos considerados de extensão semântica do significado.

Neste contexto, podemos afirmar que Angola se enquadra entre os países plurilingues ao que COSTA, A. (2006: 47) designa de *situação de heterogeneidade idiomática* e considera serem seis *os sistemas linguísticos autóctones de maior difusão de origem bantu*, a citar: *quicongo, quimbundo, umbundo, choque, mbunda, e cuanhama*. Refere-se também a um *sistema de comunicação não bantu, bosquimanes*. [sic].

Na nossa análise, verificamos que há convergência entre o autor supracitado e MUDIAMBO, Q. (cf.2014:37)⁸, relativamente à existência de dois grupos linguísticos, cujas línguas, de acordo com a sua origem, se podem classificar, *Bantu* e *Khoisan*. O mesmo não se pode dizer no tocante à grafia⁹; MUDIAMBO, Q. (2014:37- 4) afirma que o grupo *bantu* se fracciona em oito subgrupos, conforme descrevemos na figura abaixo:

Grupos Étnicos		Língua
<i>Bantu</i>	Não <i>Bantu</i>	
Bakongo		Kikongo
Ambundu ou Akwambundu		Kimbundu
Ovimvundu		Umbundu
Lunda-Tchokwe		Chokwe, Ngangela
<i>Nyaneka -Humbe ou Nkhumbi</i>		<i>Lunyaneka e Lukhumbi</i>
<i>Ovambo</i>		kwanyama
<i>Helelo ou Herero</i>		Tjhelelo
-	<i>Khoisan, Bosquímanes ou Kung</i>	<i>Khoisan</i>

Figura 1 – Grupos Étnicos de Angola

⁸ Segundo este autor, são no total oito grupos, sete *Bantu* e um não *Bantu*.

⁹ Não encontramos sustentação científica para justificar a substituição da consoante *K* pela consoante *C* ou *Q*, contrariamente ao que consta da Resolução N°3/87. Outrossim, na descrição dos alfabetos das seis línguas em nenhum deles consta a consoante *Q*. Relativamente à consoante *C*, existe nas línguas *Umbundu* e *Cokwe*, mas com o valor de *tché*. Note-se que essa discrepância ortográfica não se regista apenas nesses autores e sim em quase todos que se referem à situação das línguas de Angola de origem africana.

Em conformidade com a *Resolução n°3/87* foram aprovados, em fase experimental, o alfabeto das línguas *Kikongo, Kimbundu, Cokwe, Umbundu, Mbunda e Oxikwanyama e as respectivas regras de transcrição*¹⁰.

A falta de harmonização na grafia dos nomes dos grupos etnolinguísticos, em textos e discursos produzidos por linguistas, elementos da comunicação social evidencia a urgência da harmonização do alfabeto e regras ortográficas das *Línguas de Angola de Origem Africana*, da descrição do léxico e do vocabulário fundamental de cada uma delas, reduzindo as incoerências de grafia que se têm registado até hoje.

Olhando para a realidade angolana actual e tendo em conta o pensamento de MARTINET, A. (1999), surgem-nos as seguintes questões: em que grupo integraremos os cidadãos angolanos cuja Língua Materna é a Língua Portuguesa? Não seria lícito, cientificamente, considerar a existência de nove grupos em vez de oito, sendo este último designado por grupo neolatino? E, assim, criar espaço para o surgimento e permanência de uma harmonia social e mais rapidamente se atingir a harmonia linguística, pois, em nosso entender, constitui um dos critérios essenciais para o avanço de projectos que visam o desenvolvimento sociolinguístico de qualquer comunidade linguística.

Porquanto, essa diversidade linguística atribui-lhe a riqueza sociocultural e sociolinguística na qual o Estado tem a responsabilidade de criar condições para a sua preservação e difusão.

E é nessa tomada de consciência que se tem notado o esforço de órgãos do Estado angolano e de pessoas singulares, na tomada de decisões, que levam à execução de projectos para a definição da situação sociolinguística sem perder de vista a sua realidade sociocultural, de modo a corresponder a um nível de desenvolvimento sociolinguístico aceitável internacionalmente e, assim, melhor desempenhar o seu papel no alcance de metas traçadas pela CPLP, da qual é membro; a título de exemplo, podemos citar os projectos desenvolvidos pela CNIILP (Comissão Nacional do Instituto Internacional da Língua Portuguesa) num convénio entre Ministério da Educação e os

¹⁰ Instituto de Línguas Nacionais, Boletim N° 1, Luanda, 1987.

Ministérios das, Relações Exteriores, Administração do Território, Comunicação Social, Ciência e Tecnologia, Ensino Superior e Cultura.

Afinal, no rumo ao desenvolvimento de um Estado, a(s) sua(s) língua(s) devem ser consideradas os *pilares* que, também, sustentem e acompanhem o crescimento desse Estado.

Os seres humanos agem e interagem, usando diferentes formas de comunicação; conseqüentemente, o estudo e o tratamento de questões linguísticas, visando o desenvolvimento das mesmas, devem ser vistas como parte integrante dos assuntos prioritários no percurso de desenvolvimento de um Estado ou de uma determinada comunidade linguística. A este acto, propomo-nos designar de valorização da(s) língua(s).

No âmbito nacional (em Angola), a tarefa de estudo para desenvolvimento e criação de condições para a difusão das línguas angolanas de origem africana, oficialmente, tem sido incumbida, fundamentalmente, ao Instituto de Línguas Nacionais, em colaboração com a Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, tutelados pelo Ministério da Cultura.

Como já nos referimos, legalmente, o Instituto de Línguas Nacionais é um órgão tutelado pelo Ministério da Cultura (*art.5º, nº4 alínea b*), cuja finalidade é estudar cientificamente as Línguas Nacionais, contribuir para a sua normalização e ampla utilização em todos os sectores da vida nacional e desenvolver estudos sobre a tradição oral¹¹.

Na sua funcionalidade, o Instituto de Línguas Nacionais e a Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto (Ministério do Ensino Superior) desenvolvem o trabalho de harmonização da grafia das línguas *bantu* com a participação de especialistas do Centro de Estudos Avançados da África do Sul, da República Democrática do Congo, da Zâmbia, do Congo Brazaville e da Namíbia¹², países que também possuem línguas de origem *bantu* e, igualmente, vivem a situação de plurilinguismo.

¹¹ Ponto 1 do 18º Art. do Estatuto Orgânico do Ministério da Cultura de Angola.

¹² Idem.

No Ministério da Educação existe o Departamento de Línguas Nacionais inserido no Instituto Nacional para a Investigação e Desenvolvimento da Educação. Sendo este instituto um órgão público rege-se pela legislação da função pública e é *dotado de personalidade jurídica e de autonomia administrativa, financeira e patrimonial, ao qual compete a investigação pedagógica, estudos, concepção e elaboração de currículos e outros materiais pedagógicos, que permitam a realização e aperfeiçoamento permanente do processo docente-educativo nos subsistemas de ensino primário e secundário.*¹³

Das várias acções do Instituto de Línguas Nacionais, está em curso, desde 2010, o projecto sobre *Mapeamento Linguístico de Angola*, centrado no trabalho de levantamento de dados sociolinguísticos de cada província (incluindo todos os seus municípios e comunas), com vista a elaboração de um *Atlas Linguístico de Angola* (PEDRO: 2014). A leitura do título *Mapeamento Linguístico de Angola* relacionado com o ponto dois do art. 19º da Constituição Angolana — citado acima — remete-nos para uma questão: a Língua Portuguesa (variante angolana) estará incluída neste estudo? Fará parte do futuro Atlas Linguístico de Angola?

Ao que nos parece, apesar do art. 19º da Constituição Angolana (2010) expressar a *política de inclusão*, (cf. VARELA, 2013:17), relativamente à Língua Portuguesa, a preocupação da instituição supracitada, de realizar estudos sobre as línguas de Angola de origem africana não é extensiva à Língua Portuguesa. Como medida imediata, talvez fosse coerente voltar à primeira designação, Instituto Nacional de Línguas — conforme vigorava no decreto nº62 de 06 de abril de 1978 — ao invés de Instituto de Línguas Nacionais — Decreto nº40 de 18 de Novembro de 1985 e, assim, contribuir para a redução considerável dos conflitos etnolinguísticos que se têm verificado entre angolanos fruto de *ressentimentalismos* históricos.

Paralelamente aos vários estudos por se realizar, em torno das línguas angolanas, a análise e o tratamento das novidades lexicais, fenómenos resultantes de interações entre comunidades linguísticas, sejam das línguas autóctones, da Língua Portuguesa ou de línguas estrangeiras não devem ser ignoradas nem postos em último plano, na pirâmide das prioridades, dos órgãos competentes, tendo em vista a caminhada paralela cuja meta é a evolução sociolinguística e sociocultural.

¹³ Cf. <http://www.portalangop.co.ao/angola/pt>.

Porém, a existência dessas instituições não anula a necessidade iminente da constituição de uma Academia de Letras. O artigo 40º, alínea b), série nº 65, de 31 de Dezembro de 2001, do Diário da República prevê a criação de Academias. Talvez, causas como a guerra (delimitação de recurso financeiros) e a falta de quadros (linguistas, sociólogos, terminólogos, lexicólogos e lexicógrafos) suficientes estivessem na base da não execução do disposto na alínea b) do art.40º, nos anos precedentes, mas hoje, supõe-se que tais argumentos estejam totalmente ultrapassados.

Passados catorze anos desde a publicação em Diário da República, ora citado, são vários os apelos, de linguistas e não linguistas, para a criação urgente de Academia (s): MINGAS, A. (2004:76) defende a criação de uma Academia de Língua Portuguesa de natureza científica, técnica e eminentemente académica em que o objectivo geral é o estudo e acompanhamento da evolução da língua nos vários países que a falam, na conferência internacional sobre o *Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial*.

Na mesma óptica, VARELA (2013:17), no seu discurso de abertura desta conferência, frisa o facto de ao nível da CPLP, apenas três Estados possuírem Academias (Portugal, Brasil e Moçambique); na mesma conferência SILVEIRA, J. (2013: 45) refere-se às vantagens de ter uma Academia, de *Ciências* ou de *Letras*, propondo que a mesma seja criada *por universidades e com as universidades*, pois, permitiriam a *realização de estudos oficiais mais dirigidos feitos por equipas de trabalho conceituadas*; as mesmas equipas criariam facilidades para a *concepção de projectos de elaboração de material oficial do Estado*.

Não pretendemos, aqui, fazer comparações entre Angola e os três Estados citados na medida em que as realidades históricas, sociais, políticas e linguísticas subjacentes a cada um dos Estados, claramente, anulam a ideia de os comparar.

Como já nos referimos, anteriormente a ideia de constituição de uma academia, por razões de instabilidade política, económica e de recursos humanos era impensável, mas, hoje, numa altura em que, constantemente, se fala em crescimento da economia angolana, em que se investe mais, quantitativa e qualitativamente na formação de quadros (licenciados, mestres e doutores), entendemos ser o momento oportuno para se atender aos referidos apelos; as experiências dos Estados mais avançados em investigação científica na CPLP, podem promover por um lado a interação entre os seus

centros de pesquisa e, por outro, valorizar, harmonizar e difundir cada vez mais a Língua Portuguesa. Por isso, é altura de se investir mais na investigação em distintos domínios das ciências da língua.

Sobre as sugestões apresentadas, pelos autores supracitados, sobre o tipo de Academia e olhando para a realidade sociolinguística de Angola, talvez, a curto prazo, fosse mais coerente criar-se a Academia de Letras, e não apenas de Língua Portuguesa e, assim realizar estudos paralelos sobre as línguas de Angola; a médio prazo poder-se-ia pensar em projectos extensivos a outros domínios, que seriam, então, a criação da Academia das Ciências.

Entretanto, com base nos pressupostos que acabamos de apresentar, sem anular as instituições existentes, nem desvalorizar o trabalho que estas têm realizado, defendemos a necessidade da constituição de uma Academia de letras com instalações próprias, com um número de investigadores efectivos e com autonomia financeira para tornar mais célere a execução de projectos sobre o estudo das línguas de Angola, com vista à harmonização e regularização, e, em simultâneo, promover a valorização e difusão das mesmas. Nesta trajetória, propomos o envolvimento de todas as universidades com cursos no domínio das letras.

A execução integral das competências desses órgãos — Instituto de Línguas Nacionais, Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação e futura Academia de Letras — antevê a definição de estratégias claras, dentro dos padrões internacionais, de políticas linguísticas também claras, nos subsistemas de Ensino Primário e Secundário para garantir a estabilidade do sistema e, então, assegurar a formação de quadros eficientes que, por sua vez, garantirão a criação de produtos lexicológicos, lexicográficos e terminológicos — em papel e formato digital — com fiabilidade no mercado internacional e de fácil acesso no território nacional.

Estas iniciativas devem garantir a elaboração escrita do acervo linguístico oral, do Vocabulário Ortográfico Nacional, aumentar, consideravelmente, a produção de produtos lexicográficos, elaboração definitiva de alfabeto e normas da ortografia e realização de estudos para a proposta da transcrição das línguas de Angola para a harmonização gráfica e fónica e, então, dar continuidade a trabalhos de tradução de

obras de Português/ língua autóctone e vice-versa, afinal, ***o Estado promove a ciência e a investigação científica e tecnológica*** (Art. 79º, Constituição Angolana, 2010: 28).

Das várias reflexões que têm sido feitas por linguistas e não linguistas, nacionais e estrangeiros — em conferências, teses, e outros estudos — à volta da situação sociolinguística de Angola, são evidentes as divergências quanto ao posicionamento linguístico, relativamente ao estatuto das línguas de Angola de origem africana e da Língua Portuguesa, variante angolana. Há divergências na definição da norma ortográfica e isto é visível no modo heterogéneo da escrita desta ou daquela palavra; há divergências na definição desta ou daquela Língua angolana de ensino nacional ou regional, apesar de o ponto dois do artigo 19º da constituição angolana anular qualquer possibilidade de assimetrias no modo de tratamento das línguas de Angola.

ZAU, F. (cf.2005: 735), na sua tese de doutoramento, chama atenção aos angolanos ao afirmar que (...)

é tempo dos lexicógrafos angolanos se porem de acordo, abandonarem trincheiras e encararem soluções no sentido de se unificar a ortografia, medida tendente a facilitar o indispensável ensino e a leitura das línguas nacionais (...).

Mais do que lexicógrafos, cremos que, em primeira instância e, no contexto angolano, a tarefa da elaboração da proposta de unificação da ortografia cabe aos linguistas, lexicólogos, sociólogos e, quando necessário, recorrer a historiadores sob orientação dos Ministérios da Educação, do Ensino Superior, e da Cultura, pois, recomenda-se que ao analisar os aspectos gramaticais se tenha em atenção os aspectos culturais que estão por detrás deste ou daquele fenómeno, razão da existência da *Lexicultura* e da Sociolinguística.

Com reflexões conduzidas numa perspectiva científica e jurídica, culminando na apresentação de projectos exequíveis, tendo em vista a realidade linguística e a actualidade técnico-científica internacional, resultando no estabelecimento de critérios de referência, mais rapidamente, se consegue tomar medidas práticas, para a concretização sistemática do estudo, ensino e difusão das línguas de Angola, nas suas mais distintas perspectivas, dando a devida atenção ao estudo da evolução do acervo

lexical destas como resultado, ou não, da interacção entre ambas, tanto do ponto de vista sincrónico como diacrónico.

Urge, portanto, fazer o inventário de linguistas (em Língua Portuguesa e em Línguas Africanas), Lexicólogos, Lexicógrafos e Terminólogos angolanos existentes – quem são, grau académico, o que há produzido e em produção, em que línguas, em que áreas actuam. Para que com exactidão se possam delinear projectos de investigação direccionados à produção de materiais didácticos e não didácticos nos vários domínios das Línguas deste país.

A criação da Associação de linguistas e Associação de lexicólogos, terminólogos e lexicógrafos de Angola pode ser o primeiro passo para ajudar os órgãos competentes na fundação da Academia de Letras. Tendencialmente, as Associações transmitem a ideia de união e de defesa de uma causa comum, onde nem sempre a componente financeira (para fins remunerativos) é posta em primeiro lugar.

A aposta na harmonização em estudos sobre as línguas, respeitando as leis de cada Estado, deve constituir factor preeminente, considerando, sempre, que não existem línguas maioritárias nem minoritárias e que a língua é património cultural de todos que a fazem uso. Afinal, o desenvolvimento linguístico alcançado por uma comunidade linguística está relacionado com factores histórico–culturais que directa ou indirectamente interferem nas políticas de língua que varia de Estado para Estado.

A harmonização e a normalização linguísticas são de extrema importância se as observarmos como um dos meios que garantem o sucesso na implementação de políticas de ensino de línguas de uma comunidade.

No caso de Angola, uma das medidas precedentes ao ensino das línguas africanas de origem angolana, alicerçado numa conciliação linguística, é a harmonização dos alfabetos das suas línguas para facilitar a comunicação, a investigação e, concludentemente, o seu desenvolvimento integrado na realidade actual.

Recordamos que, em conformidade com a *Resolução nº3/87, de 23 de Maio, o Conselho de Ministros da República aprovou, a título experimental, o alfabeto e as regras de transcrição de seis línguas de Angola: Kikongo, Kimbundu, Umbundu,*

Cokwe, Mbunda e Oxikwanyama.¹⁴ Sem nos desviarmos da linha da nossa pesquisa e tendo em conta que a língua não é estática, ousamos questionar se passados 28 anos a vigorar a Resolução 3/87 com o *título experimental*, ainda se adaptará à realidade sociolinguística actual de Angola. Eis uma das razões que nos leva a pensar, insistentemente, na criação de uma Academia de Letras como garante da promoção e valorização das línguas de Angola.

As reflexões expostas nas páginas 13-14, são notáveis em três processos apontados por REIS, V. (2006:54-56)¹⁵, mediante os quais é possível promover a valorização das línguas: *normalização linguística* que se circunscreve na definição da base jurídica; *codificação linguística* centra-se na elaboração de normas de funcionamento do sistema linguístico; *modernização linguística* insere-se no tratamento das questões terminológicas e de lexicologia/lexicografia). Portanto, os fenómenos de inovação lexical, na nossa perspectiva seriam enquadrados, no último processo, porque consideramos ser uma das características da neologia: *modernizar* o léxico.

Notamos a existência de uma conexão de dependências entre os três processos, em que, se tivéssemos de representar num esquema, colocaríamos o léxico no centro como elo de ligação e objecto de estudo.

Contudo, a aplicação desses processos requer dinamismo na execução das políticas linguísticas e de projectos ligados a esta área; requer também disponibilidade financeira, reconhecimento do trabalho executado ou a executar pelos quadros envolvidos em tais projectos e requer rigor na supervisão para cumprimento dos prazos de execução dos mesmos projectos.

Ainda como medida imediata, talvez fosse prudente optar por realização de concursos públicos sobre apresentação de projectos que visem a concretização de medidas, a curto ou médio prazo, para a resolução da problemática das línguas de Angola.

As novas tecnologias criam facilidades e diversidades de meios de tratamento de *corpora* textuais e a divulgação de tudo que se produz em curto espaço de tempo.

¹⁴ Diário da República Conselho de Ministros, Resolução n. 3/87, de 23 de Maio de 1987. Aprova a título experimental o alfabeto de seis línguas nacionais. 1Série, n. 41.

¹⁵ Citamos apenas três processos por acharmos os mais pertinentes adaptados ao contexto angolano.

Porém, para que tenha o *selo de qualidade*, é importante que os produtos lexicográficos produzidos sejam validados por organismos de referência, como os indicados anteriormente.

1.2 Políticas linguísticas

Teoricamente, a diversidade linguística constitui um bem comum, fonte de riqueza cultural e social, resultante da coabitação entre povos ou comunidades linguísticas.

Na maior parte dos países multilingues ou plurilingues, inicialmente, a diversidade linguística — línguas locais, Língua Estrangeira e Língua Oficial — constitui motivo de conflitos entre os usuários das línguas envolvidas, no momento da definição da língua a adoptar como Língua Nacional, Língua de Ensino, Língua de Comunicação Internacional.

Os conflitos, geralmente, partem de preconceitos — étnicos, culturais, ideológicos e sociais — porque os utentes de uma dada língua, os das zonas que detêm maior poder económico, tendem a considerar a sua língua superior à (s) outra (s) ou o contrário. Pois, *Cada uma delas defende, dogmaticamente, a sua posição. Ninguém quer abdicar de princípios que não são tal, porque reflectem apenas o resultado artificial de circunstâncias de trabalho, acidentais e ultrapassadas* (ZAU, F., 2005:735). Porém, é incontornável a ideia de que para a resolução de tais conflitos deve recorrer-se, e, aqui, insistimos, a fundamentos científicos e jurídicos aplicáveis no contexto prático.

Por sua vez, alguns governos, ao priorizarem os seus interesses políticos, às vezes, tomam decisões importantes concernentes às políticas linguísticas dos seus Estados sem o contributo de linguísticas, pedagogos, sociólogos e historiadores, gerando outro tipo de conflito (resistência em cumprir com as leis emanadas porque não são exequíveis em contexto prático).

SABLAYROLLES, J-F. (2004:9) contraria essa forma de proceder ao afirmar que o linguista deve ser o protagonista na definição de política linguística:

La politique linguistique doit être confiée à des professionnels [...] et ces professionnels, ce sont les linguistes.»¹⁶.

Afinal, é um assunto da sua jurisdição.

O ser humano age e interage melhor quando actua na sua área de domínio. Por isso, deve ser da competência de linguistas, organizados em instituições credíveis, propor a lei sobre a normalização linguística, envolvendo especialista (s) da área jurídica, correcção e actualização do sistema linguístico para facilitar a interacção linguística e a uniformização terminológica no ceio da CPLP. É preciso também estabelecer mecanismos de controlo da entrada de neologismos, fundamentalmente, os empréstimos desnecessários.

Mais relevante do que a disputa entre a língua mais poderosa e menos poderosa é a necessidade de reunir forças, de especialistas de distintas áreas, e eliminar os obstáculos ideológicos, sociais, religiosos e linguísticos, centrando-se em propostas viáveis a curto e médio prazos.

Em suma, essa riqueza sociocultural e sociolinguística — diversidade linguística — pode constituir um instrumento de unificação, porém, também pode tornar-se num instrumento de dominação ou de exclusão, daí a necessidade de inclusão ou revisão de políticas linguísticas que harmonizem tais conflitos para melhor evolução e expansão de determinada língua.

A Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de Barcelona (1996) atesta que,

[...] diversos factores de natureza extralinguística (políticos, territoriais, históricos, demográficos, económicos, socioculturais, sociolinguísticos e relacionados com comportamentos colectivos) geram problemas que provocam o desaparecimento, a marginalização e a degradação de numerosas línguas, [...].

Ao olharmos para os factores extralinguísticos descritos nessa citação, observamos que o desenvolvimento de uma sociedade está basicamente ligado aos factores linguísticos, visto que, uma língua por si só não evolui tão pouco numa

¹⁶ In: Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, 2004: 33-54. (versão pré-publicação).

comunidade linguística. Sendo ela o principal veículo de comunicação nas diferentes atividades humana, é preciso (...) *que os direitos linguísticos sejam considerados sob uma perspectiva global, para que se possam aplicar em cada caso as soluções específicas adequadas;*¹⁷ [...].

A confluência de factores extralinguísticos e intralinguísticos na realização de estudos sobre as línguas, na partilha mútua de conhecimentos, entre povos, pode contribuir para a concretização da evolução de uma língua se se tiver em conta que *todas as comunidades linguísticas têm o direito de desenvolver e promover o seu sistema linguístico, sem interferências induzidas ou forçadas, (...)*¹⁸.

Embora a necessidade de interacção entre povos seja inevitável, cabe a cada comunidade linguística definir a trajectória a seguir para que a (s) sua (s) língua (s) se torne(m) ou permaneça(m) viva(s) e reconhecida(s).

A problemática em torno das línguas de um Estado constitui preocupação relevante, porque quando não se dá o devido tratamento e de forma congruente, isso poderá reflectir-se no ensino-aprendizagem das línguas seja ela Materna, não Materna ou Estrangeira.

À partida, haverá maior interesse em aprender as línguas que detêm maior poder económico e cultural. Urge, portanto, a necessidade de estudo dos fenómenos que vão surgindo e a actualização sistemática dos dados postos à disposição da comunidade linguística, tanto em língua corrente, como em língua de especialidade.

A questão do ensino das línguas *bantu*, em Angola, vista numa perspectiva paralela a outros países plurilingues, consideramo-la uma situação complexa e delicada que deve ser tratada com bastante acuidade, visto que, há outros aspectos subjacentes—factores extralinguísticos — que resultam da consequência do seu passado sociopolítico, sociocultural e sociolinguístico e não devem ser ignorados.

Sem recursos humanos suficientes e eficientes, material didáctico, com insuficiência de estruturas físicas devidamente equipadas, por todo país, ainda que se esteja diante de projectos bem estruturados, humanamente, seria irrealizável. Então, pressupõe-se que a análise dos dados estatísticos e geográficos sobre o uso dessas

¹⁷ Art.9º, Declaração Universal dos Direitos Linguísticos: 1996.

¹⁸ Idem.

línguas — quantos e quem são os falantes de cada zona linguística — faça parte do alicerce de estudos que se pretenda fazer sobre as Línguas de Angola a todos os níveis.

De certa forma, a concretização do censo de 2014 possibilitará aos estudiosos e investigadores interessados actualizar as informações já existentes e desenvolver estudos com dados actuais, sobre as Línguas de Angola, numa perspectiva sincrónica e diacrónica.

Segue-se a apresentação de um mapa com a distribuição percentual da densidade populacional por província com a indicação da respectiva região e as línguas autóctones, supostamente mais faladas, sendo Luanda (26.8%) a mais populosa seguida das províncias da Huíla (9.7 %) e Benguela (8.4%), enquanto a província do Bengo (1.4%) é a menos habitada.¹⁹

Região	Província ²⁰	Língua	Densidade Populacional	Total Percentual por Região
Sul 1	Bié	Umbundu	5.5	21.7
	Huambo		7.8	
	Benguela		8.4	
Sul 2	Huíla	Nhaneka, Kwanyama Nganguela	9.7	17.7
	Namibe		1.9	
	Cunene		4.0	
	Cuando Cubango		2.1	
Norte	Cabinda	Fiote	2.8	2.8
	Zaire	Kikongo	2.3	9.1
	Uíge		5.8	
	Luanda	Kimbundo	26.8	36.2
	Bengo		1.4	
	Malanje		4.0	
	Cuanza Norte		1.8	
Sul 3	Cuanza Sul* ²¹		2.1	
Leste	Lunda Norte	Cokwe	3.3	8.4
	Lunda Sul		2.1	
	Moxico		3.0	

Figura 2 – Mapa da distribuição percentual da densidade populacional - 2014

¹⁹ Os valores percentuais foram extraídos dos resultados preliminares do censo 2014, apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística em 2014.

²⁰ Os topónimos, constantes deste mapa, foram escritos segunda a grafia utilizada pelo Ministério da Administração e do Território.

²¹ A partir de fontes orais, soubemos que nesta província fala-se o Kimbundo e o Umbundu.

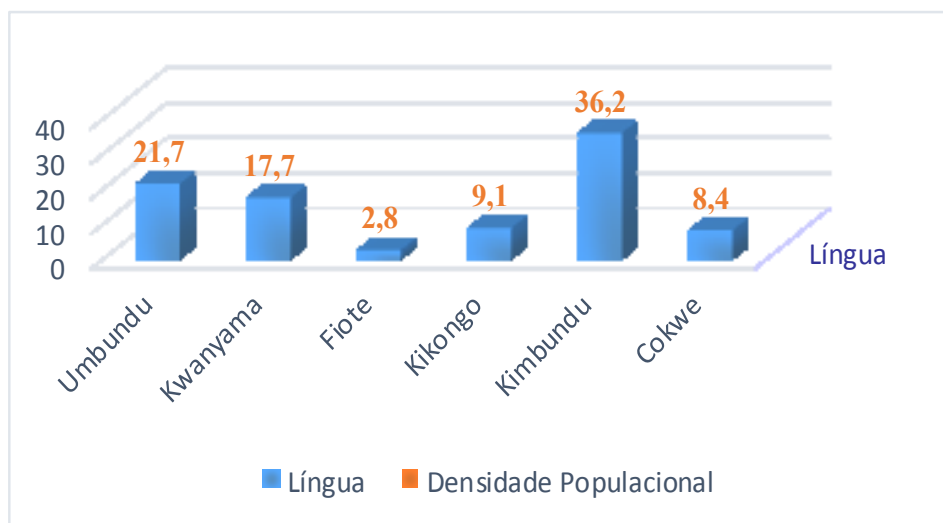


Figura 3 – Representação gráfica

Ao analisarmos este mapa, concluímos que ele ainda não nos dá os dados estatísticos desejados, na medida em que não é possível saber quantos falantes de Língua Portuguesa existem por província; quantos angolanos têm a Língua Portuguesa como Língua Materna e quantos têm como Língua Segunda; quantos falantes das línguas angolanas de origem africana existem por zona etnolinguística e por província; quais as línguas estrangeiras predominantes por província. Deste modo, proporíamos, ao Instituto de Línguas Nacionais, a realização de inquéritos que dessem respostas às questões acima apresentadas, com a ajuda de representantes de cada província, e/ou levar estudantes da Faculdade de Letras e interessados a participarem de tais pesquisas.

Em síntese, os dados acima apresentados unicamente servem de referência para análise do total de pessoas existentes por província, visto que, no contexto étnico e geográfico não existem províncias habitadas por grupos linguisticamente homogêneos, de entre as várias razões destacamos o factor guerra e a existência de povos com costumes nómadas como por exemplo os povos das etnias *Herero* e *Nyaneka - NKumbi*.

Porém, não estendemos a nossa abordagem para mais além por não se enquadrar nos objectivos da nossa pesquisa. Pelo que, é uma das temáticas que requer um tratamento urgente visto que muitos estudos, e tomada de decisões importantes sobre política linguística e política de ensino dependem da concretização desta informação. Por exemplo: identificar, por província, os falantes em Língua Portuguesa como língua

primeira, que línguas angolanas de origem africana exercem maior poder económico e cultural e que línguas estrangeiras são mais usadas, são informações (primeiro e segundo caso) que seriam úteis para a definição de políticas relativas ao Ensino das línguas de origem africana, no Ensino da Língua Portuguesa como Língua Materna ou como Língua Segunda, assim, como para a definição estatística actualizada, da situação sociolinguística de Angola, orientar o agrupamento e a planificação do Ensino das línguas (Língua Materna, Língua Segunda e Língua Estrangeira).

Apenas muito recentemente se começou a tomar consciência que ao invés de uma atitude discriminatória e *ressentimentalista* (patente na expressão Línguas Nacionais e Língua do Colonizador) há necessidade de se promover a investigação científica para analisar os fenómenos sobre inovação lexical resultantes da coabitação entre as línguas *bantu*, as línguas não *bantu* de Angola e da interferência linguística de outras línguas estrangeiras.

A definição de políticas linguísticas deve ser uma medida diligente e de interesse nacional. De igual modo, a sua execução implica certo dinamismo na interação entre as instituições que as envolvem como: *Estado (órgãos competentes), órgãos de Ensino e Difusão, Centros de Investigação Linguística, Organizações Não – Governamentais* (cf. REIS, V., 2006:51).

Olhando para países como Portugal, Brasil, França, inferimos que no alcance de forma célere de resultados em investigação sobre neologia não se deve esperar somente pela tomada de iniciativa do Estado porque na maior parte dos casos, os investimentos em projectos do género o Estado apenas intervém depois de se ter dado o primeiro passo, pois já tem o garante de que não será mais um projecto arquivado no reservatório de projectos inacabados ou porque diante dos factos percebe-se a elevada relevância do referido estudo. Daí o recurso à boa vontade do investigador e às Organizações Não – Governamentais, por via de patrocínios.

Entretanto, a execução plena das competências desses órgãos, carece de definição de estratégias claras, dentro dos padrões internacionais, de políticas linguísticas também claras, nos subsistemas de Ensino Primário e Secundário para garantir a estabilidade do sistema e então assegurar a formação de quadros eficientes que, por sua vez, garantirão a criação de produtos lexicográficos didácticos e não

didáticos, com fiabilidade no mercado internacional e de fácil acesso no território nacional.

Definidas as políticas linguísticas, insistimos que urge investir, cada vez mais, na promoção e valorização da investigação científica, a partir das escolas secundárias, mediante a realização de concursos regionais e nacionais que culminariam com a apresentação de estímulos, como: divulgação dos melhores trabalhos; oferta de bolsas internas e externas; recrutamento para centros de investigação, de acordo com as tendências de cada um/a visando uma melhor integração e participação na vida académica, na vida social em consonância com as novas tecnologias e exigências pelo mercado de trabalho.

1.3. O Português em coabitação com outras línguas de Angola

Sem dúvida, o avanço da ciência e da tecnologia leva, cada vez mais, à partilha de conhecimento fruto do alargamento de intercâmbio entre povos, tornando as línguas vivas mais dinâmicas, dando espaço ao fenómeno de neologia e levando, sistematicamente, linguistas a realizarem estudos em torno dos processos de criação lexical que ocorrem nas distintas línguas.

Na nossa pesquisa verificamos que não constitui uma preocupação a criação lexical, mas sim a entrada em massa de empréstimos de determinada língua, podendo perigar a sua identidade cultural, principalmente nos casos em que o uso do empréstimo é feito por conveniência e não por convenção.

Ao olharmos para a história da língua, surge-nos a ideia de que o fenómeno da *importação lexical*²² começa a partir do momento em que determinada comunidade linguística sente e concretiza, a necessidade de interagir com os outros povos por razões económicas, religiosas, culturais e/ou políticas. Citamos, como exemplo, a Língua Portuguesa em que muitas unidades lexicais tiveram origem no grego, árabe, no latim e noutras línguas.

²² Designação usada por alguns linguistas para designar o tradicional estrangeirismo ou empréstimo.

Nas *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguistas* (2004, s/p), os intervenientes afirmam que o empréstimo não é um fenómeno novo, apenas tende a crescer, acompanhando a evolução e as transformações do mundo, tornando as línguas actualizadas no decorrer dos tempos e que a utopia de Gonçalves Viana e Leite de Vasconcelos não conseguiriam travar.

Diante esta evidência, no mesmo encontro, GONZÁLES, LOPES & SABLAYROLLES²³, como solução deste problema, defendem a necessidade urgente da existência de *regulação institucional da importação lexical* para que a Língua Portuguesa não perca a sua identidade e possa caminhar, em paralelo, com as outras línguas internacionais.

A evolução de uma língua depende das necessidades comunicativas do grupo que a utiliza, necessidades que estão interligadas à vida intelectual, social e económica desse mesmo grupo (cf. MARTINET, A. 1991:162). No desenvolvimento de um povo, os factores linguísticos estarão sempre presentes de forma intrínseca ou extrínseca, por via formal ou informal.

A manifestação quantitativa de novidade lexical ocorrerá à medida da necessidade comunicativa dos falantes de cada língua representada em três polos: de um lado operam as comunidades linguísticas detentoras de maior poder económico, maior desenvolvimento técnico científico (*fornecedora* de neologismos e neónimos); em segundo plano colocamos as comunidades linguísticas menos desenvolvidas, em relação às primeiras, que assimilam e/ou muito adaptam as novas unidades lexicais recebidas das comunidades que, em percentagem inferior, procuram tomar procedimentos de reciprocidade; em terceiro plano, enquadramos as comunidades linguísticas não desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento que assimilam e pouco adaptam, essas novidades lexicais às suas realidades.

²³ António J. Lavouras Lopes.



Figura 4 – Esquema da descrição da interação lexical entre comunidades linguísticas

Além dos interesses políticos dos Estados subjacentes, a circulação de pessoas e bens pelos três grupos contribui, em grande medida, para a difusão das novas unidades lexicais, disseminação de empréstimos, onde, geralmente, os neónimos tendem a fixar-se rapidamente. O denominador comum é que as três comunidades linguísticas produzem, sendo que diferem na quantidade produzida e na maior capacidade de influência aos falantes em II e III.

A neologia está intimamente ligada ao carácter social da língua ALVES, I. (2010:9); os factores sociais funcionam como a maior fonte de neologia. É o que de facto ocorre na sociedade angolana. Pode, inclusive, inferir-se que o fenómeno da neologia, em Angola, é mais frequente na imprensa, literatura, gastronomia, moda e na música. E os que mais rapidamente se propagam são os oriundos da música e da imprensa oral (rádio e televisão) e escrita (jornais e *facebook*) com principal tendência para os textos publicitários.

A interação entre os diferentes grupos étnicos de Angola permitem a inserção no Português e vice-versa, de novos lexemas como por exemplo: *dikanza* /instrumento musical; *camba/dikamba*; *cota/ dikota*; *kandandu*/abraço ou *dikalul* / carro²⁴; *febele/febre*; *fidila/ ferida*; *hama/cama*; *kabalu/ cavalo*; *loso/ arroz*.

É facto assente que a harmonização entre as línguas de Angola é fundamental para o desenvolvimento sociocultural africano, para a preservação da cultura angolana e a sua firmação no contexto internacional.

²⁴Pe. WARMENHOVEN, (1994:10,18,19,21,27,52). Optamos por apresentar apenas exemplo da interferência recíproca (Português/Kimbundu) porque é o que mais se regista no *corpus* desta pesquisa, não obstante os exemplos, ora ilustrados, não fazerem parte do referido *corpus*, excepto *dikanza*.

Segundo ZAU, F. (2005:735),

“Nenhuma língua nacional tem condições, pelo menos por agora, para impor a sua hegemonia no país [...]”

o que torna mais fácil, cremos nós, a implementação da harmonização linguística.

Além dos fenómenos já apresentados, causadores de conflitos, julgamos que a divisibilidade — pouca interação — das instituições existentes no tratamento de questões das Línguas de Angola - Instituto de Línguas Nacionais, Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Departamento de Línguas Nacionais — também contribui para o afínco dessa *rivalidade* entre línguas angolanas de origem africana e Língua Portuguesa.

No contexto terminológico e lexicográfico, propomos considerar a interligação entre as políticas terminológicas (harmonização ou normalização) e as políticas linguísticas (estabelecimento de regras) na definição de políticas de produção com critérios claros para que haja qualidade na imensa quantidade que se pretende produzir (COSTA, T. 2013) e, no caso de Angola, diríamos tanto em Línguas *Bantu* como em Línguas não *Bantu*.

Em nosso entender, as políticas linguísticas precedem as políticas terminológicas, no entanto, há uma relação inerente, entre ambas, manifestada primeiro de forma implícita e posteriormente de forma explícita.

Por conseguinte, no estabelecimento de regras de uma língua deve ter-se presente as outras que coabitam na mesma comunidade linguística, e, neste processo, a harmonização no tratamento das questões linguísticas é fundamental. Finda esta fase, poder-se-á pensar, então, na definição das políticas de produção, ligada aos diversos domínios (como por exemplo: Ensino, Cultura, Administração Pública, Saúde, Comunicação Social) com a finalidade de valorizar e promover tais línguas. Dependendo do contexto de cada comunidade linguística, essas acções podem ser executadas em simultâneo.

O estado de fenómenos neológicos é relevante para o desenvolvimento sociocultural e sociolinguístico das sociedades porque, segundo CABRÉ, T. (2010:13-14),

(...)es un campo de trabajo práctico que por una parte contribuye a tareas de otros ámbitos como la lexicografía(actualización de

diccionarios), la terminología (elaboración de los criterios más adecuados para la creación de términos) o la planificación lingüística, (...)

Ainda segundo a mesma autora, a neologia tem um carácter interdisciplinar.

A contribuição da neologia apenas é operante se se partir de uma língua, cujo sistema linguístico é assente numa norma escrita, o que facilita a sua estabilidade e uso entre os falantes da mesma.

No caso do Português de Angola, rege-se pela norma do Português Europeu. Entretanto, urge adaptar tal norma à sua realidade sociocultural, geográfica e económica. Cremos que, apenas deste modo se poderá considerar a língua como um instrumento de ensino, estudo e de intercâmbio tanto nacional como internacional e fazer jus à designação de variante angolana.

A recolha, o estudo criterioso e o registo, em bases de dados, dos neologismos que vão surgindo, nas distintas áreas, seja no discurso corrente ou no discurso de especialidade, normalmente divulgados em discurso jornalístico, depois de validados, podem servir de fonte fiável de consulta às equipas responsáveis pela elaboração do Vocabulário Ortográfico Nacional, de manuais de ensino, tradutores (na busca de equivalentes), a outros investigadores e ao público em geral.

A realização e difusão sistemática de resultados do estudo sobre neologia, tanto em língua corrente como em língua de especialidade, permitem o alcance do conhecimento actualizado do desenvolvimento lexical de uma língua e dá aos investigadores a possibilidade da realização de estudos contrastivos de forma sincrónica e diacrónica, nesse caso, nas variantes do Português.

É cada vez mais crescente o interesse de linguistas, terminólogos e lexicólogos em realizar estudos sobre os fenómenos que ocorrem na criação de unidades lexicais. Daí que, seguindo diferentes perspectivas de abordagem desenvolvem-se estudos de ocorrências da língua corrente, com principal destaque para os seus processos de formação.

Na perspectiva de ALVES, I. (1990) e BIDERMAN, T. (1978), citados por CARVALHO em ALVES, (Org.) (2010:285), existem três formas de criar neologismos:

criação lexical pelos processos de formação de palavras, por mudança conceptual e por adopção de empréstimos. E é por essa senda que conduziremos a nossa pesquisa.

Mais adiante, na análise do *corpus*, veremos que qualquer uma das formas são identificáveis no Português de Angola, tanto da língua corrente como de especialidade, apesar de algumas delas terem pouca duração de vida ainda que se tenha registado um uso considerável, no momento do seu surgimento. Como exemplo, podemos citar casos de neologismos derivados de gíria (*Mboa*)²⁵, de comunicação publicitária (*gingubinha*)²⁶, nomes atribuídos a determinadas marcas de carros (*olho de gato*, *gira bairro*, *quadrado*).²⁷ Estes exemplos são usados também na escrita, mas unicamente em contexto informal.

²⁵ No presente parágrafo, apenas esse exemplo foi extraído do *corpus*.

²⁶ Telemóvel de marca Nokia, publicitado pela operadora de telefonia móvel, UNITEL, 2011 e em 2012 é lançada uma revista em banda desenhada e desenhos animados, com a mesma designação (*Gingubinha*).

²⁷ São carros de marca: *Toyota Corola*, *Toyota Starlet* e *Toyota Hiace*, inclusive.

CAPÍTULO II

CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

2.1. *Corpus*

Ao trabalho de recolha criteriosa e exploração de *corpora* textuais digitalizados com o desígnio de realizar estudo (s) sobre língua (s) ou variedades linguísticas, cabe à Linguística de *corpus* e à Linguística computacional apontarem critérios metodológicos.

De acordo com LINO, T. (2013)²⁸, foi em 1968 que se começou a trabalhar com *corpus* textual informatizado, dando origem à base de dados FRANTEXT (onde predominam textos literários) que permitiu a elaboração do *Trésor de la Langue Française – Dictionnaire du XIXe e XXe siècles*. Mais tarde, com uma base de dados com textos mais diversificados, surgiu o *corpus textual* organizado por SINCLAIR (1987) que permitiu a elaboração do primeiro dicionário a ser compilado a partir de *corpus* informatizado para a Língua Inglesa, o *Dictionary Collins — Cobuild*.

Os estudos sobre unidade lexical neológica, com vista a criação de observatórios ou redes neológicas, tem um carácter sociolinguístico na medida em que *implica observar o desenvolvimento social de uma comunidade linguística* (ALVES, I., 2010:9). Talvez por essa razão, notamos que a maior parte dos estudos principalmente da língua corrente, feito por investigadores conceituados, tiveram ou têm como base *corpus* de extracção: textos jornalísticos da imprensa escrita e / ou imprensa falada – o chamado *corpus de divulgação* (Alves, 2001:139)²⁹ — dos quais apenas citaremos quatro: Bernard Quemada, autor do primeiro observatório em França, Teresa Cabré (Espanha), Ieda Alves (Brasil), Teresa Lino (Portugal).

Para a constituição do nosso *corpus*, consideramos o facto de ser um periódico representativo, pela actualidade e diversidade temática, pois, conforme o Estatuto Editorial do mesmo jornal, é sua finalidade:

[...] conciliar a matéria informativa com conteúdos de carácter científico ou de criação literária abrangendo domínios tão variados da Literatura, Artes Plásticas, Música, Dança, História, Cinema, Teatro, Antropologia, Património, Ciências Sociais e Naturais, Filosofia, Fotografia, Arquitetura, [...] as Línguas, o Ensino e a Educação, a Geografia, entre outros, correspondendo às motivações e interesse de um público

²⁸ Léxico e Ensino de Línguas para Fins Específicos, (Língua Materna e Língua Estrangeira), Curso de Verão, UNL – FCSH, 2014.

²⁹ CORREIA, Margarita (Org.), 2001, Terminologia desenvolvimento e Identidade Nacional, VI simpósio Ibero-Americano de Terminologia, Edições Colibri.

*interessado na problemática cultura.*³⁰.

A análise dos dados obedeceu aos seguintes critérios de organização: lexicais, semânticos, morfossintáticos e pragmáticos.

Deste modo, as unidades lexicais extraídas do *corpus* são, inicialmente, *candidatos a neologismos* alterando a sua designação caso sejam validados.

A realização de estudos a partir de *corpus da língua corrente* permite analisar fenómenos que ocorrem em diversas áreas do saber, obter elementos de análise tanto da língua de especialidade (nível de vulgarização) como da língua corrente, razão pela qual os resultados que daí advêm podem interessar a maior parte da comunidade linguística, em causa, e outras pessoas interessadas na realização de estudos paralelos ou comparados sobre o Português, variante angolana.

À partida, tendo em vista o público diversificado, supostamente em contacto com esse periódico, analisámos os candidatos a neologismos que possam ser propostos para o enriquecimento do acervo lexical desta comunidade linguística.

2.2 Tipo de textos analisados

Os jornais consultados apresentam-nos uma diversidade tipológica de textos jornalísticos dos quais destacamos: editorial, entrevista, comentário, crónica, artigo, reportagem, ensaio e rubricas sobre o uso do Português em Angola, contudo, todos são do género prosa. Apesar da existência de textos poéticos, devido à elevada subjectividade que lhe é característico não os integrámos no corpus em análise.

Não obstante a existência de alguns registos de língua com conotações (representadas por metáforas e metonímias) e de língua de especialidade vulgarizada, neles predomina o discurso denotativo e a língua corrente.

São textos sobre cultura abordados em diferentes perspectivas: informativo, crítico, didáctico e entretenimento. De igual modo, as abordagens abrangem distintas áreas (política, literatura, música, história, saúde, linguística, gastronomia, artes),

³⁰ Estatuto Editorial: 2012: 4.

integram assuntos da actualidade, de âmbito nacional e internacional, histórico com maior incidência em aspectos da cultura angolana. Sendo que, a maior parte dos textos do *corpus* são da autoria de José Luís Mendonça³¹, Matadi Makola³² e Soberano Canhanga³³.

2.3 Ficha de candidatos a neologismos

No tratamento de dados a ficha de candidatos a neologismos ajuda a uniformizar os critérios de análise dos candidatos a neologismos, constituindo uma das principais ferramentas na classificação das novas unidades lexicais.

Para melhor organização dos dados, os critérios de registo para análise léxica e gramatical, das novas unidades lexicais, devem ser predefinidos e expressos em fichas de neologismos.

A figura abaixo é uma representação de análise do candidato a neologismo *dikanza* e contém os seguintes itens: categoria gramatical, contexto, fonte do contexto, domínio, data da fonte e um espaço para nota.

A presença da data da fonte do candidato a neologismo dá-nos referência do suposto período de existência do mesmo:

³¹ Escritor angolano (membro da União dos Escritores Angolanos), Licenciado pela Universidade Católica de Angola, Director e editor-chefe do Jornal Cultura, quinzenário angolano de Artes e Letras.

³² Pseudónimo de Coimbra Augusto Adolfo, Escritor e Assistente Editorial do Jornal Cultura, quinzenário angolano de Artes e Letras.

³³ Pseudónimo de Luciano António Canhanga, Professor, Escritor e Jornalista angolano.

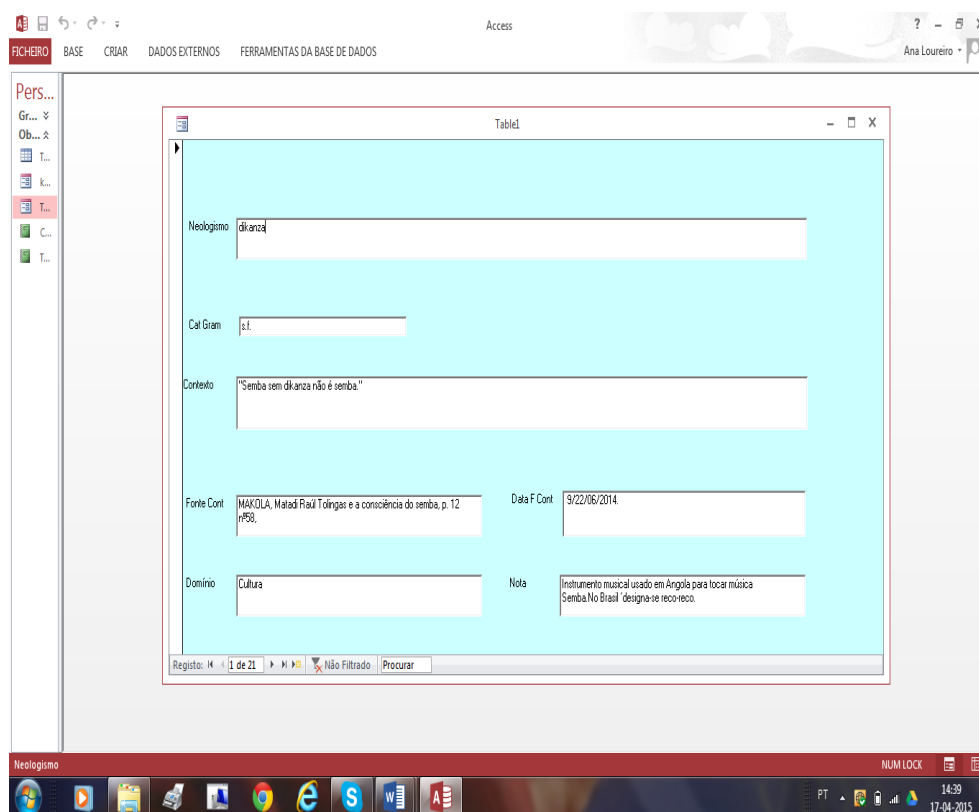


Figura 5 – Exemplo de ficha de candidato a neologismo

Contudo, para facilitar as interações e intercâmbio de conhecimento entre os países membros da CPLP e PALOP e tendo em conta os casos de empréstimos de línguas de Angola de origem africana, como, fundamentos socioculturais, achamos importante inserir campos que nos forneçam informações semânticas e etimológicas de novas unidades lexicais. Desta forma, propomos a inclusão de mais dois campos (*Etimol.* e *Nota 2*) na ficha a conceber para a base de dados que propomos nesta pesquisa. Salientamos que a presente proposta não é fechada, logo é susceptível de enriquecimento.³⁴

Para que se possa considerar uma unidade lexical neologismo, propomos submetê-la ao processo de validação por uma equipa de linguistas e, dependendo da situação, do fenómeno em análise, poder-se-á envolver especialistas de outras áreas. Por exemplo, existem casos em que para analisar o fenómeno fonológico e/ou semântico que ocorreu, num dado topónimo, precisa da contribuição de um historiador e/ou sociólogo, com a finalidade de garantir a fiabilidade no estabelecimento da definição da

³⁴ Como referência de elaboração desta proposta, consultamos a base de dados MorDebe, www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=mordebecontent, Março 2015.

novidade lexical para fins lexicográficos e de Ensino.

Nesse processo será importante considerar o tempo de existência e frequência da novidade lexical em análise.

Após o preenchimento, a ficha de candidato a neologismo estará sujeita a revisão pela equipa responsável pela validação dos mesmos, seguindo-se a divulgação dos doravante neologismos. Recomenda-se que seja um procedimento sistemático.

2.4 Tratamento semi-automático

Partindo de *corpus* informatizado, constituído por 56 subcorpus a que designamos *ANGONEO*, procedemos à organização e tratamento dos dados no programa *Hyperbase*, concebido pelo Linguista francês, *Étienne Brunet*, na versão 10, 2015.

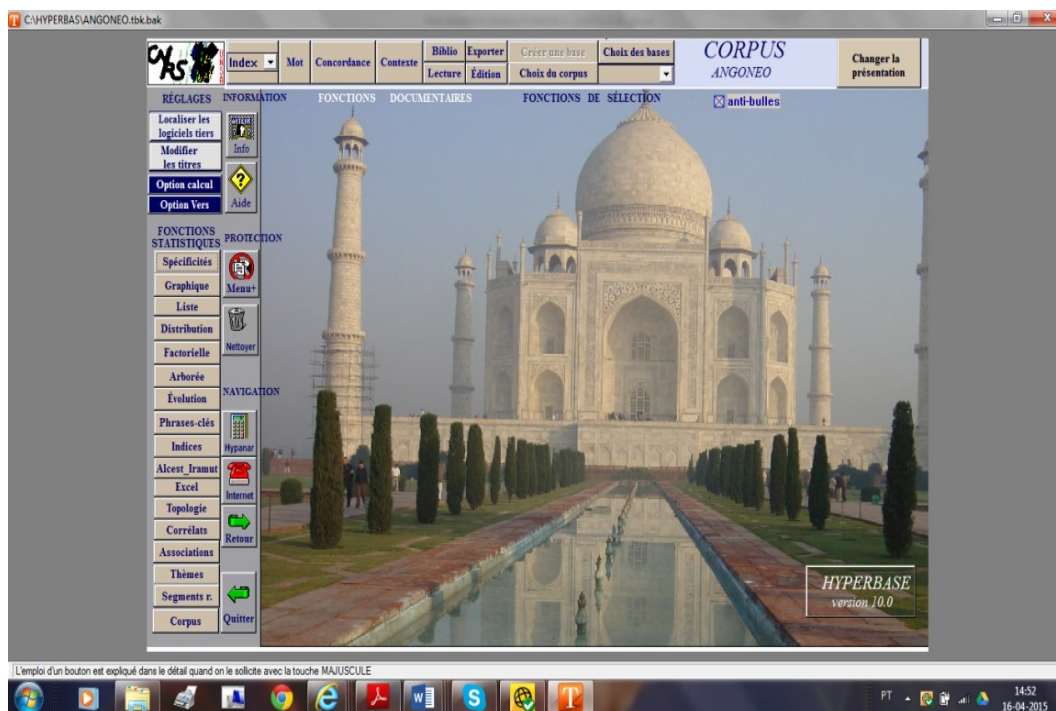


Figura 6 - Página inicial do *Hyperbase*

Após a passagem dos textos para formato txt, procedemos à codificação dos textos, com oito caracteres no máximo, da seguinte forma: a consoante Z seguida de

indicação do último dígito de cada edição, em maiúsculas, e a numeração, por ordem cronológica, obedecendo à ordem crescente da enumeração dos jornais — isto é, do mais antigo ao mais recente — tendo em atenção a ordem de página de cada jornal, inclusivamente. Isto é, a partir do número de edição, título longo (*ZDOIS1; ZQUATR16, ZCINCO31; ZSIES39; ZSETE45; e ZOITO51*), título curto (*ZDtxt.1; ZQtxt.16; ZCtxt.31; ZSxt.39; ZTtxt.45; ZOtxt.51;*), género (prosa) e código (*T1; T2; T3; T4; T5; T6*).

2.4.1 Extensão do *corpus ANGONEO*

Observando o gráfico abaixo, depreendemos tratar-se de um corpus com 61.820 ocorrências, 10.534 formas, sendo bastante variado, muito positivo, visto que não se regista nenhum subcorpus negativo. Logo, o seu vocabulário também é variado, sendo o subcorpus **ZQ29** mais rico, com **3274** frequências e apenas cinco lacunas. Todavia, o subcorpus **ZD6** é o mais pobre com **288** frequências, nenhuma lacuna.

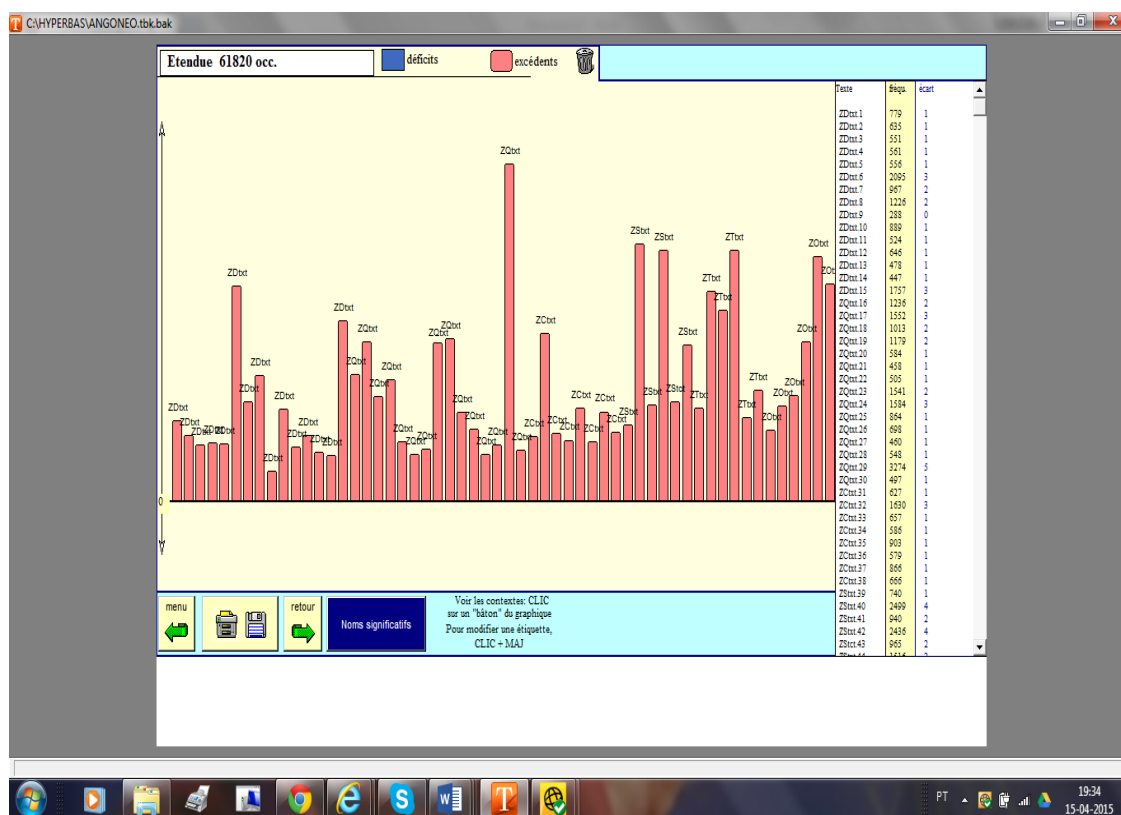


Figura 7

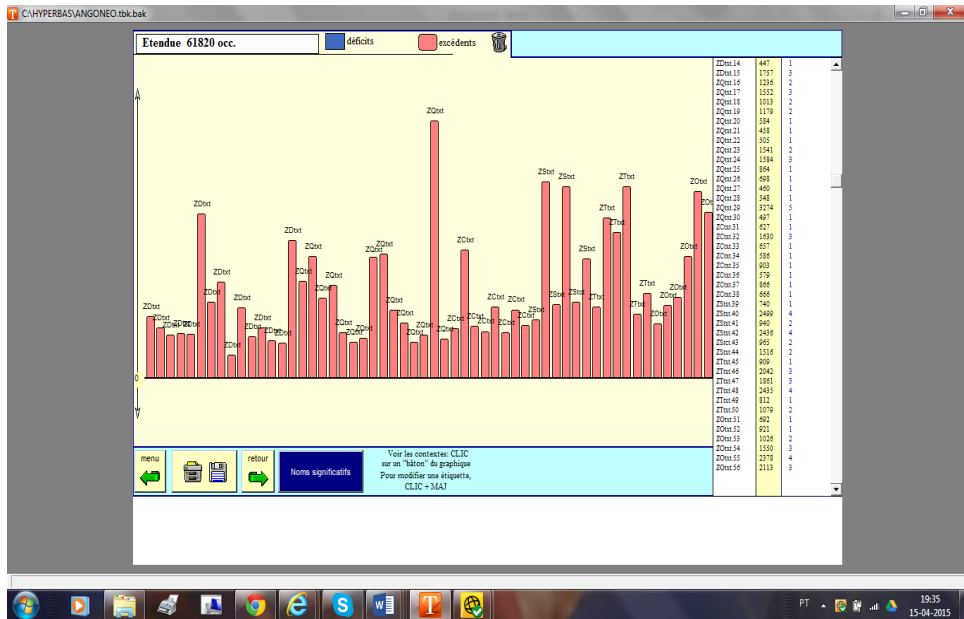


Figura 8 (cont.)

2.4.2 Altas frequências

O *Hyperbase* permitiu-nos elaborar o **Índice Hierárquico** do *Corpus ANGONEO* para detectar e, posteriormente, analisar as formas, lemas e categorias gramaticais mais frequentes, conforme se pode verificar nas imagens abaixo:

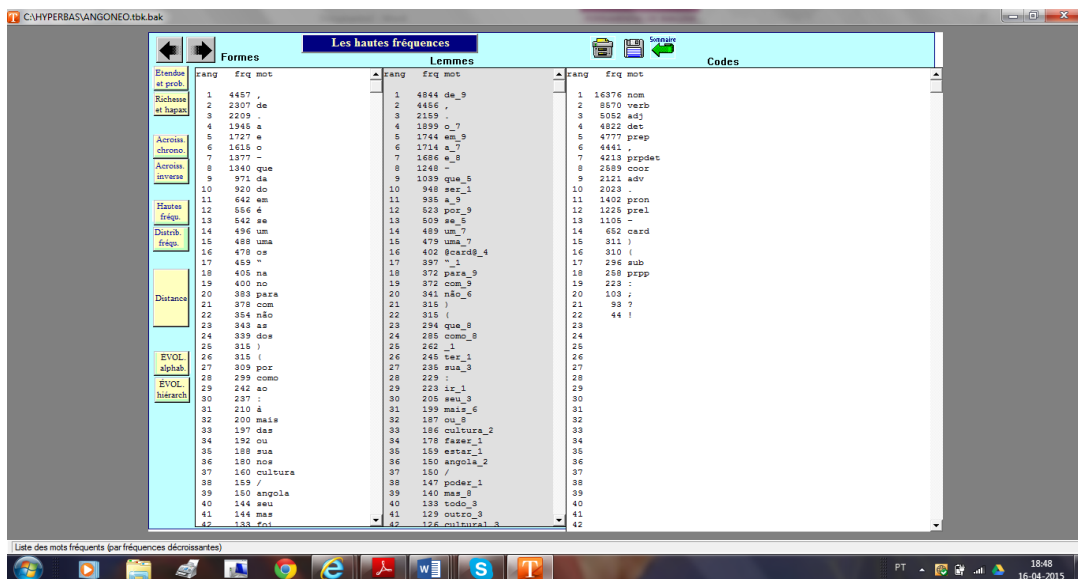


Figura 9

Formes	Lemmes	Codes
58 82 ainda	58 82 ainda_3	
59 77 sem	59 81 muito_3	
60 76 grupo	60 79 povo_2	1 16376 nom
61 75 quando	61 79 obra_2	2 8570 verb
62 73 este	62 79 ainda_6	3 5052 adj
63 71 onde	63 77 arte_2	4 4822 det
64 69 todos	64 76 o_5	5 4777 prep
65 68 há	65 74 grande_3	6 4441 ,
66 68 bem	66 74 dizer_1	7 4213 ppdet
67 67 aza	67 72 tempo_2	8 2589 coor
68 65 maco	68 70 social_3	9 2121 adv
69 65 mesmo	69 70 este_7	10 2023 -
70 64 sem	70 70 _2	11 1402 pron
71 62 seus	71 68 onde_5	12 1226 prel
72 62 música	72 68 música_2	13 1105 -
73 62 esta	73 68 bem_6	14 652 card
74 61 poesia	74 67 livro_2	15 311)
75 61 obra	75 67 a_5	16 310 (
76 61 arte	76 65 vez_2	17 296 sub
77 60 tempo	77 65 poema_2	18 258 prpp
78 59 está	78 65 neto_2	19 229 :
79 58 livro	79 65 ele_5	20 103 ;
80 58 dia	80 63 saber_1	21 93 ?
81 57 mundo	81 63 quando_8	22 44 !
82 57 assim	82 63 parte_2	23
83 56 parte	83 62 país_2	24
84 56 literatura	84 61 poesia_2	25
85 55 tudo	85 60 mundo_2	26
86 55 outros	86 60 ano_2	27
87 55 outro	87 60 africano_3	28
88 54 só	88 59 sem_9	29
89 54 pode	89 59 primeiro_4	30
90 53 angolana	90 58 ver_1	31
91 51 quem	91 57 ficar_1	32
92 51 lixanda	92 56 assina_5	33
93 51 grande	93 54 novo_3	34
94 50 país	94 53 poeta_2	35
95 50 africa	95 53 poesia_2	36
96 49 nacional	96 53 palavra_2	37
97 49 até	97 53 homem_2	38
98 48 nós	98 51 vir_1	39
99 47 suas	99 51 tudo_5	40
100 47 num	100 51 literatura_2	41
		42

Figura 10 (cont.)

A tabela de altas frequências, na coluna das formas indica a **vírgula** (,) com uma frequência alta — 4457 — seguida da preposição **de** — 2307 — e como última forma a contração **num**, com 47 de frequência. Enquanto na coluna do lema ocorre de forma inversa, relativamente à vírgula (,) — 4456 — à preposição **de** — 4844 — e termina apresentando três formas com a mesma frequência — 51.

Por último, na coluna da categoria gramatical, verificamos que o **nome** lidera com a **frequência de 16376**, seguido do **verbo** — 8570, **adjectivo** 5052. É, portanto mais uma referência positiva, visto que são também essas categorias mais frequentes, nos distintos processos de formação de novas unidades lexicais, processando-se de maneira isocategorial ou heterocategorial.

2.4.3 Riqueza vocabular e hapax

Ainda no âmbito do tratamento semi-automático, procedemos à avaliação dos hápax³⁵ no *corpus*. Conforme podemos verificar, na tabela abaixo, o subcorpus ZQ29 mantém-se no nível positivo como sendo o subcorpus mais variado, com léxico mais diversificado, isto é, o texto mais representativo em hapax. Porém, num cômputo geral,

³⁵ Palavra utilizada uma única vez em determinado texto, apresentando, por isso, a frequência 1.

há algum equilíbrio de representação, pois **29/31 subcorpus** apresentam-se no nível negativo enquanto **22/25 subcorpus** no nível positivo.

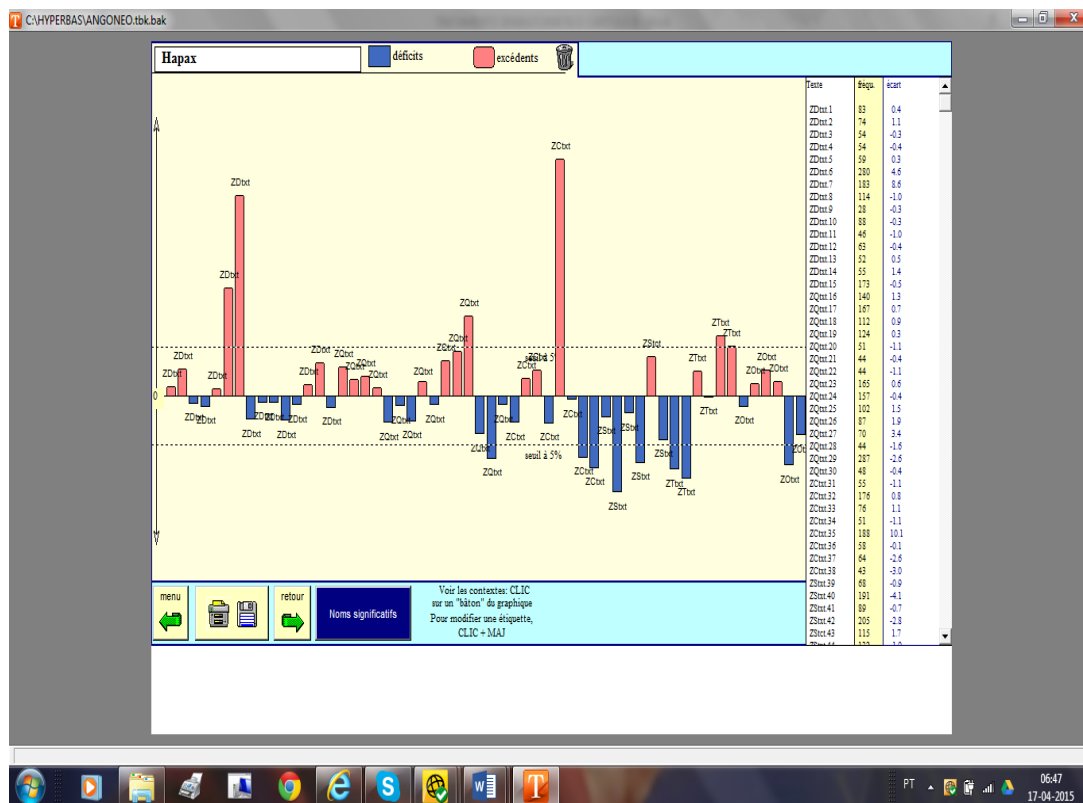


Figura 11

A riqueza vocabular e os hapax são cálculos estatísticos que nos permitem avaliar o nível de variedade lexical no corpus; pode ser representado por formas ou lemas.

Nos diferentes subcorpus há um aumento de frequência relativa enquanto nos subcorpus representados nas colunas azuis com a evolução do *corpus* deixou de ser utilizado.

	n°	réel	théo	écart réduit	Hapax réduit	Titre
Ecart et prob.	1	348	421	-73	-3.56	83 0.39 ZDext.1
Ecart et prob.	2	320	356	-36	-1.91	74 1.15 ZDext.2
Ecart et prob.	3	283	318	-35	-1.96	54 -0.30 ZDext.3
Ecart et prob.	4	261	322	-61	-3.40	54 -0.43 ZDext.4
Ecart et prob.	5	252	320	-68	-3.80	59 0.30 ZDext.5
Acronies chrono.	6	824	951	-127	-4.12	280 4.61 ZDext.6
Acronies chrono.	7	470	503	-33	-1.47	183 8.55 ZDext.7
Acronies inverse	8	462	612	-150	-6.06	114 -1.00 ZDext.8
Acronies inverse	9	165	192	-27	-1.95	28 -0.26 ZDext.9
Acronies inverse	10	362	469	-107	-4.94	88 -0.29 ZDext.10
Hautes fréq.	11	245	305	-60	-3.44	46 -1.03 ZDext.11
Hautes fréq.	12	327	361	-34	-1.79	63 -0.96 ZDext.12
Hautes fréq.	13	254	283	-29	-1.72	52 0.46 ZDext.13
Distrib. fréq.	14	245	269	-24	-1.46	55 1.39 ZDext.14
Distrib. fréq.	15	673	824	-151	-6.26	173 -0.48 ZDext.15
Distrib. fréq.	16	518	617	-99	-3.99	140 1.25 ZDext.16
Distrib. fréq.	17	626	744	-118	-4.33	167 0.69 ZDext.17
Distrib. fréq.	18	474	523	-49	-2.14	112 0.85 ZDext.18
Distrib. fréq.	19	480	593	-113	-4.64	124 0.34 ZDext.19
Distrib. fréq.	20	233	333	-100	-7.74	51 -1.12 ZDext.20
Distance	n°	réel	théo	écart réduit	Hapax réduit	Titre
Distance	1	321	390	-69	-3.49	51 -0.76 ZDext.1
Distance	2	289	334	-45	-2.46	48 0.19 ZDext.2
Distance	3	239	297	-58	-3.37	34 -0.99 ZDext.3
Distance	4	245	306	-61	-3.49	41 -0.11 ZDext.4
Distance	5	226	299	-73	-4.22	45 0.69 ZDext.5
Distance	6	735	855	-120	-4.10	199 3.87 ZDext.6
Distance	7	449	467	-18	-0.83	170 11.83 ZDext.7
Distance	8	405	667	-162	-6.80	74 -1.75 ZDext.8
Distance	9	155	183	-28	-2.07	23 0.39 ZDext.9
Distance	10	337	438	-101	-4.83	61 -0.57 ZDext.10
Distance	11	228	286	-58	-3.43	15 -2.17 ZDext.11
Distance	12	283	337	-54	-2.94	34 -1.93 ZDext.12
Distance	13	228	267	-39	-2.39	35 0.00 ZDext.13
Distance	14	222	253	-31	-1.95	50 3.03 ZDext.14
Distance	15	562	748	-186	-6.80	88 -3.61 ZDext.15
Distance	16	480	568	-88	-3.69	94 0.35 ZDext.16
Distance	17	565	679	-114	-4.37	116 0.23 ZDext.17
Distance	18	429	483	-54	-2.46	54 1.16 ZDext.18
Distance	19	441	533	-92	-3.98	87 0.95 ZDext.19
Distance	20	256	311	-55	-3.12	32 -1.64 ZDext.20

Figura 12

	n°	réel	théo	écart réduit	Hapax réduit	Titre
Ecart et prob.	37	383	459	-76	-3.55	64 -2.61 ZDext.37
Ecart et prob.	38	266	370	-104	-6.41	43 -3.04 ZDext.38
Ecart et prob.	39	339	404	-65	-3.23	68 -0.87 ZDext.39
Ecart et prob.	40	820	1096	-276	-8.34	191 -4.09 ZDext.40
Ecart et prob.	41	394	492	-98	-4.42	89 -0.71 ZDext.41
Ecart et prob.	42	750	1074	-324	-9.89	205 -2.82 ZDext.42
Ecart et prob.	43	433	502	-69	-3.08	115 1.68 ZDext.43
Acronies chrono.	44	598	730	-132	-4.89	132 -1.85 ZDext.44
Acronies chrono.	45	388	478	-90	-4.12	63 -3.11 ZDext.45
Acronies inverse	46	733	931	-198	-6.49	159 -3.48 ZDext.46
Acronies inverse	47	755	863	-108	-3.68	204 1.04 ZDext.47
Acronies inverse	48	858	1074	-216	-6.59	248 -0.03 ZDext.48
Hautes fréq.	49	384	436	-52	-2.49	106 2.56 ZDext.49
Hautes fréq.	50	508	551	-43	-1.89	132 2.10 ZDext.50
Hautes fréq.	51	349	382	-33	-1.59	67 -0.43 ZDext.51
Distrib. fréq.	52	415	483	-68	-3.09	99 0.52 ZDext.52
Distrib. fréq.	53	469	529	-60	-2.61	116 1.11 ZDext.53
Distrib. fréq.	54	616	743	-127	-4.66	166 0.68 ZDext.54
Distrib. fréq.	55	788	1053	-265	-8.17	198 -2.93 ZDext.55
Distrib. fréq.	56	738	957	-219	-7.08	192 -1.64 ZDext.56
Distrib. fréq.	57	383	459	-76	-3.55	64 -2.61 ZDext.57
Distrib. fréq.	58	266	370	-104	-6.41	43 -3.04 ZDext.58
Distrib. fréq.	59	339	404	-65	-3.23	68 -0.87 ZDext.59
Distrib. fréq.	60	820	1096	-276	-8.34	191 -4.09 ZDext.60
Distrib. fréq.	61	394	492	-98	-4.42	89 -0.71 ZDext.61
Distrib. fréq.	62	750	1074	-324	-9.89	205 -2.82 ZDext.62
Distrib. fréq.	63	433	502	-69	-3.08	115 1.68 ZDext.63
Acronies chrono.	64	598	730	-132	-4.89	132 -1.85 ZDext.64
Acronies chrono.	65	388	478	-90	-4.12	63 -3.11 ZDext.65
Acronies inverse	66	733	931	-198	-6.49	159 -3.48 ZDext.66
Acronies inverse	67	755	863	-108	-3.68	204 1.04 ZDext.67
Acronies inverse	68	858	1074	-216	-6.59	248 -0.03 ZDext.68
Hautes fréq.	69	384	436	-52	-2.49	106 2.56 ZDext.69
Hautes fréq.	70	508	551	-43	-1.89	132 2.10 ZDext.70
Hautes fréq.	71	349	382	-33	-1.59	67 -0.43 ZDext.71
Distrib. fréq.	72	415	483	-68	-3.09	99 0.52 ZDext.72
Distrib. fréq.	73	469	529	-60	-2.61	116 1.11 ZDext.73
Distrib. fréq.	74	616	743	-127	-4.66	166 0.68 ZDext.74
Distrib. fréq.	75	788	1053	-265	-8.17	198 -2.93 ZDext.75
Distrib. fréq.	76	738	957	-219	-7.08	192 -1.64 ZDext.76
Distance	77	235	309	-74	-4.21	42 -0.06 ZDext.77
Distance	78	339	416	-77	-4.22	47 -0.05 ZDext.78
Distance	79	243	348	-105	-6.63	32 -2.45 ZDext.79
Distance	80	310	377	-67	-3.45	52 -0.33 ZDext.80
Distance	81	724	986	-262	-8.34	130 -3.99 ZDext.81
Distance	82	373	458	-85	-3.97	65 -0.53 ZDext.82
Distance	83	740	975	-235	-7.53	229 -3.70 ZDext.83
Distance	84	396	465	-69	-3.20	84 1.61 ZDext.84
Distance	85	530	666	-136	-5.27	94 -1.61 ZDext.85
Distance	86	942	1149	-207	-6.05	141 -3.26 ZDext.86
Distance	87	648	843	-195	-6.72	104 -3.79 ZDext.87
Distance	88	678	783	-105	-3.76	150 1.22 ZDext.88
Distance	89	736	969	-233	-7.49	177 -0.15 ZDext.89
Distance	90	354	406	-52	-2.88	86 3.44 ZDext.90
Distance	91	460	507	-47	-2.09	95 1.86 ZDext.91
Distance	92	321	355	-34	-1.80	52 0.21 ZDext.92
Distance	93	389	451	-62	-2.92	71 0.37 ZDext.93
Distance	94	409	487	-78	-3.53	70 -0.57 ZDext.94
Distance	95	577	677	-100	-3.84	127 1.33 ZDext.95
Distance	96	717	948	-231	-7.50	133 -3.17 ZDext.96
Distance	97	646	863	-217	-7.39	135 -1.55 ZDext.97
Distance	98	8173				4525

Figura 13 (cont.)

Seguidamente apresentaremos dois exemplos de hapax, positivos, extraídos de subcorpus: as formas *kazukutar* e *kimone* – empréstimos da Língua *Kimbundu*. Logo, é a redução de frequência dessas **formas** nos demais subcorpus que lhe atribuem um valor qualitativo.

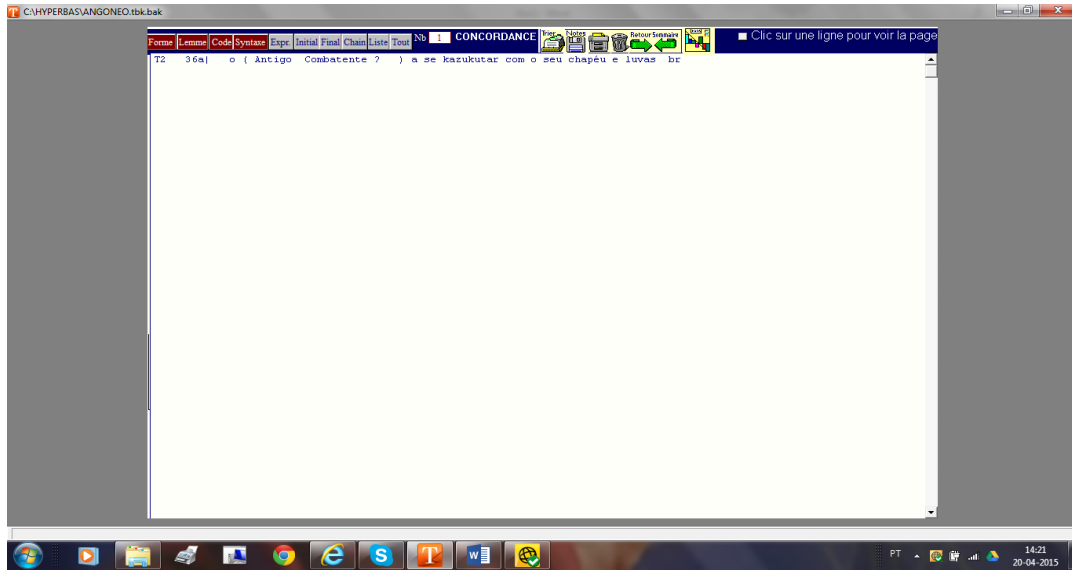


Figura 14

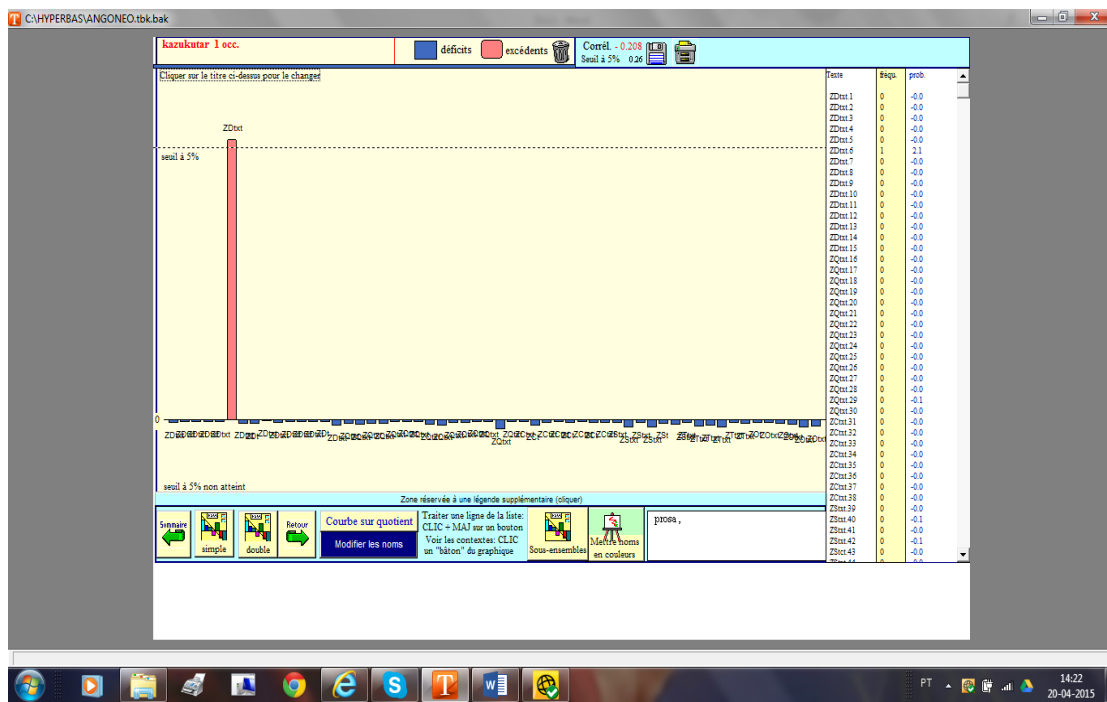


Figura 15 (cont.)

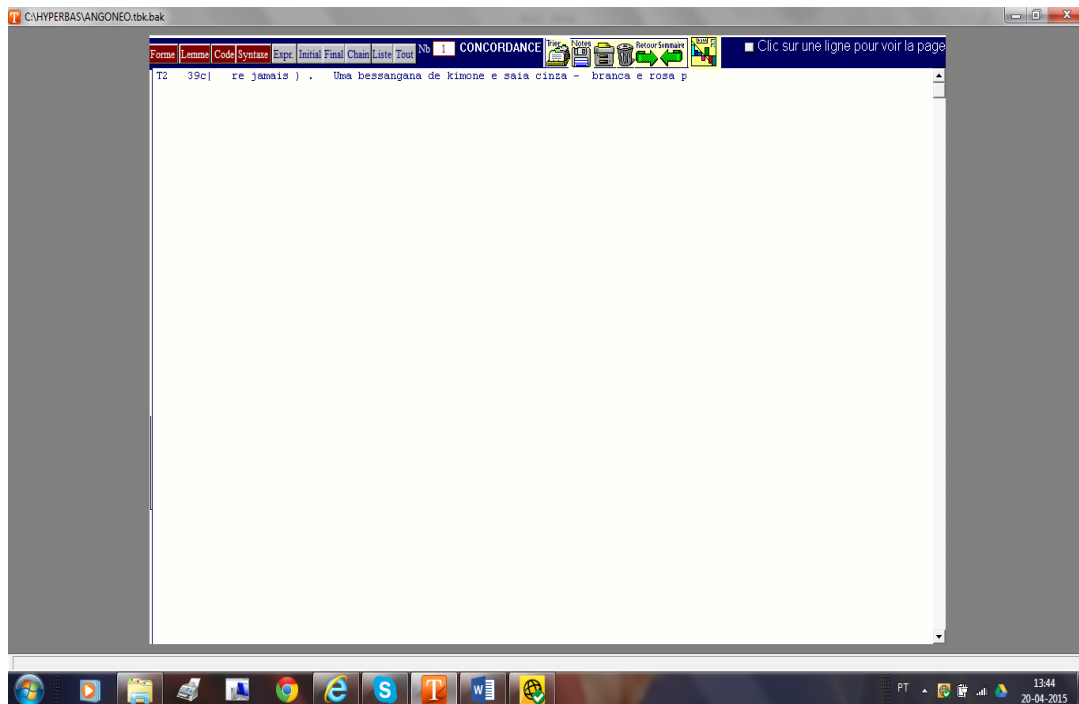


Figura 16

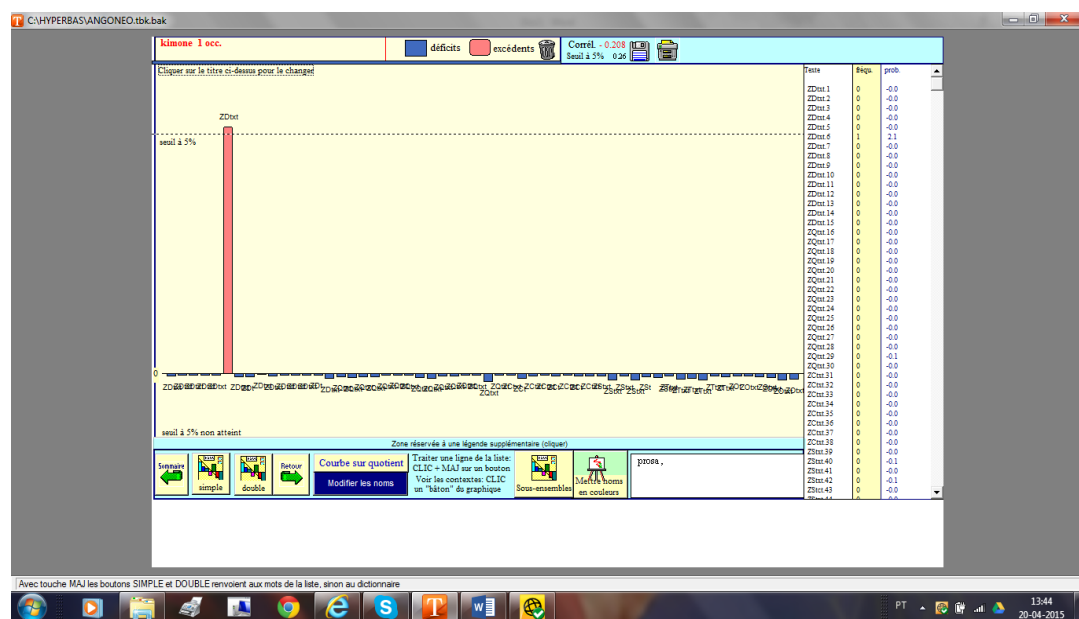


Figura 17 (cont.)

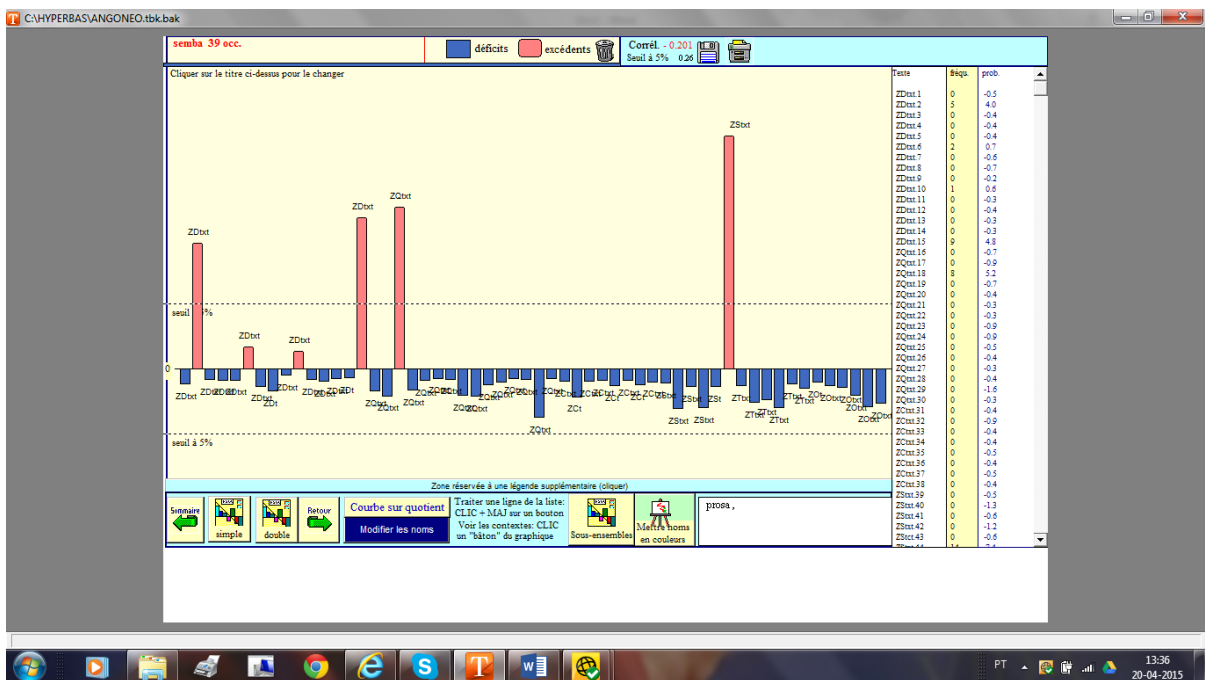
2.4.5 Concordâncias

O contexto permite-nos avaliar o valor semântico e a flexibilidade de formas ou lemas, isto é, determinar se dada forma é polissémica ou não e identificar o número de ocorrências das mesmas. Assim, extraímos do *corpus* com ajuda do *Hyperbase* as

concordâncias (contextos automáticos em torno de uma **forma-pólo**) das formas: *semba, Kilamba*. Vejamos:



Figura 18



Figuras 19 (cont.)

(WÜSTER:1998: 296/370)³⁶. Em qualquer uma destas formas, a frequência permite analisar o grau de uso de cada elemento constituinte do *corpus*, dependendo da finalidade da investigação. Os resultados dessa análise possibilita entender o comportamento linguístico dos falantes de determinada língua em determinadas épocas e o tempo de existência da novidade lexical.

Na perspectiva de CABRÉ, T. (2010:13) a análise de neologia, partindo do ponto de vista descritivo, por um lado, conduz-nos à identificação dos recursos mais produtivos para a actualização do léxico de uma língua e, por outro lado, a frequência permite-nos avaliar o nível de vitalidade de uma língua em contacto com outra língua.

A avaliação do grau de frequência de uso de prefixos, sufixos, empréstimos do *corpus* de extracção e compará-los, ajuda-nos a compreender a tendência do surgimento de novas unidades lexicais por composição. De igual modo, procuramos entender com que frequência ocorrem os outros processos de formação de palavras no *corpus* em estudo. É possível também registar o número de ocorrências de formas e/ou lemas em determinado *corpus* ou subcorpus para definir o número de ocorrências.

A título de exemplo, numa representação quantitativa, descrevemos a frequência de três formas retiradas dos subcorpus com ajuda do *Hyperbase*:

Formas	Subcorpus	Frequências	Problema	Ocorrências
Semba	ZS44	14	74	39
	ZD15	9	48	
	ZQ18	8	52	
	ZD16	1	4.0	
dikanza	ZS48	5	49	9
kilamba	ZD8	4	45	7

Figura 22 – Mapa de frequência de formas

No decorrer da nossa pesquisa, constatamos que, na língua corrente, a maior parte dos empréstimos derivam das línguas angolanas de origem africana e, em raros casos, das línguas estrangeiras. Porém, em contexto de especialidade, ocorre geralmente de forma inversa na maior parte dos domínios, por exemplo na economia, direito, saúde, moda, gastronomia, turismo, informática, electrónica.

³⁶ De acordo com a visão de Eugen Wüster, apreendemos que os **dicionários de frequências** distinguem-se dos **dicionários comuns** pelo facto dos primeiros não estarem ordenados alfabeticamente, mas sim por **classes de frequência**. Como exemplo, Wüster indica o dicionário do lexicógrafo alemão Helmut Meier (1964) cuja base é o dicionário de frequências de Kaeding (1898).

Outro aspecto a destacar é o facto de a observação de fenómenos neológicos, a partir de *corpus /corpora* textuais escritos de jornais actuais, nos permitir fazer uma análise sincrónica, do ponto de vista semântico e morfológico, das tendências neológicas do Português Contemporâneo. Porém, dependendo do que se pretende, às vezes, há necessidade de se recorrer a *corpus textuais orais* porque poderão oferecer maior actualidade no tratamento dos dados.

CAPÍTULO III

FENÓMENOS NEOLÓGICOS

3.1 Alguns pressupostos sobre a inovação lexical

Falar de neologia, concomitantemente, implica falar de Lexicologia (neologia semântica e neologia morfológica), Terminologia (neonímia) e Lexicografia (dicionarização de neologismos).

Do ponto de vista etimológico, o lexema neologia é um empréstimo do Grego ao Latim: *ne* (*o*)³⁷ = (novo) + *logos* = (palavra), tendo posteriormente dado origem a outras palavras tal como, neologismo = neologia + *ismo*.

Para REY, A. (1976:12) o que define o valor do morfema *neo* no neologismo é o facto de tanto a *nouveauté formelle* como a novidade *sémantique déclenche et suppose la nouveauté pragmatique*. Logo, no estudo desses fenómenos deve ter-se em conta a relação entre os três aspectos.

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* neologia é definida do seguinte modo: *criação ou emprego de palavras ou de acepções novas*, enquanto neologismo é *o emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não; atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua*. O neologismo é um produto da neologia. Todavia, nesse conceito não encontramos espaço para as fraseologias neológicas nem de formações compostas.

Apesar da importância que o estudo de inovação lexical acarreta, França, segundo REY, A. (1976:4), começou a dar relevância às palavras formadas por *neo e logos*, no campo da Linguística, no século XVIII, enquanto Portugal data do século XIX.

ALVES, I. (cf. 2010) afirma que os estudos sobre neologismos tiveram início na década de 50 e nos anos 60 com o *Prof. Bernard Quemada*, no *Laboratoire d'Analyse Lexicologique du Centre d'Etude du Vocabulaire Français, Besançon, França*, quando desenvolve a metodologia de *observação sistemática* de neologismos, utilizados em estudos neológicos do Francês Contemporâneo e de outras línguas, como

³⁷ De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2003), *ne(o) el.comp.* antepositivo do gr. *Néos.a,on* que significa *novo, recém, renovadamente, de novo e nos fins do séc. XIX em diante passou a ser fortemente usada para indicar revivescências (de partidos, movimentos, doutrinas, elementos e afins); Rebelo Gonçalves e o Vocabulário Ortográfico (e assim o sistema vigente em Portugal) registaram-no com a indicação de que é seguido de hífen antes da palavra origin. começada por vogal, b, r ou s (seguido de vogal).*

um dos critérios de actualização permanente dos dados (novidade lexical) em bases de dados tidas como fonte de abastecimento de observatórios linguísticos.

Actualmente, a quantidade de trabalhos realizados e em curso (obras, artigos científicos, actas de colóquios, teses de mestrado e doutoramento) seja a partir de *corpus/corpora* textuais de documentos, jornais, revistas, obras literárias ou de gravações de programas de rádio e de televisão denotam a importância deste assunto e está longe de ser um estudo acabado ou prestes a ser concluído a julgar pelas perspectivas de análise que se têm registado, tanto em língua corrente, por exemplo: Alves, Org.: 2010(reúne treze comunicações diversificadas sobre neologia); como em língua de especialidade: Correia, Org.: 2002, Alves (p.139), Caldoná, Elvira R. C. (p.361), Hugas & Pérez (p.457), Pilla, Éda Heloisa (p.725l).

Depois da contestação de conceitos apresentados por outros autores, achando-os ambíguos e/ou incoerentes gramaticalmente, REY, A. (1976:17) apresenta a sua proposta conceptual de neologismo que a considera pragmática, metodológica e, possivelmente, do conhecimento geral, porém, assegura que não é um *pseudo - concept* e fundamenta ao afirmar que neologismo é

“une unité du lexique, mot, lexie ou syntagme, dont la forme signifiant ou la relation signifiant-signifié caractérisée par un fonctionnement effectif dans un modèle de communication détermine, n’était pas réalisée au stade immédiatement antérieur du code de la langue”.

De facto, ao realizarmos uma análise comparativa entre os conceitos, aqui, anteriormente descritos, concluímos que a sua proposta é a mais detalhada, porém ela não dá resposta a seguinte questão: Onde enquadrar a unidade lexical, palavra ou sintagma cuja novidade lexical se dá apenas numa variante, visto que ela já existe na/numa outra variante? Então, propomos acrescentar o seguinte: [...] *du code de langue* “ou de variantes da mesma língua”.

No ponto de vista diacrónico a manifestação extralinguística do léxico é expressa, directa ou indirectamente pelas distintas actividades humana na medida em que é a forma mais comum do ser humano manifestar as suas intenções, as suas acções, as suas necessidades, os seus agrados e desagradados.

VILELA, M. (1994: 10) considera as ciências da Lexicologia e da Lexicografia áreas disciplinares próximas à semântica lexical, pois enquanto uma regista e estuda os fenómenos semânticos ao nível do léxico a outra trata do acervo lexical ao registar em dicionários, vocabulários, glossários e thesaurus.

O mesmo autor (1994: 14) refere-se ao léxico como sendo *o subsistema da língua mais dinâmico*, pois, frequentemente surgem novas unidades lexicais enquanto outras se tornam obsoletas. No entanto, pode acontecer que determinada palavra tornada obsoleta numa comunidade linguística continue a vigorar noutra comunidade, pois, depende da dinâmica evolutiva registada no acervo lexical da Língua Portuguesa em cada comunidade linguística, ao longo dos tempos.

No seu artigo, REY, A. (1976:3) questiona a razão da ausência do termo *neologismo* em obras de referência da Linguística generativa (*Bloomfield, Harris, Gleason, J. Lyons*), em meados do século XX, e o facto de outros autores considerarem ser um assunto da Psicologia e da Psiquiatria da Linguagem.

É verdade que a extensão de abordagem de um conteúdo gramatical depende em grande parte da exaustividade apresentada pelos gramáticos ou pelos autores de obras didácticas de referência em programas escolares.

A maior parte dos professores de Língua Portuguesa em Angola, na década dos anos noventa, e perdura até hoje, para clarificar dúvidas encontradas em outras gramáticas ou para a preparação de aulas era-lhes recomendada a gramática de CUNHA & CINTRA, considerada uma das melhores gramáticas, cujo fundamento incide no facto de ser mais descritiva e com exemplos mais claros.

No entanto, à semelhança de outros gramáticos da mesma época e da época precedente refere-se no quarto capítulo (CUNHA & CINTRA 2005:64) às Noções Lexicais (sinais acessórios da escrita) e no quinto capítulo (p.75) aborda a classe, estrutura e processos de formação de palavras, distinguindo o *morfema lexical do morfema gramatical* sem, no entanto, fazer menção à sua relação com os vários fenómenos de neologia existentes na Língua Portuguesa. Logo, se os especialistas não davam a devida importância ao assunto de inovação lexical seria muito difícil os professores fazerem-no.

Numa análise contrastiva, centrada na abordagem de novidade lexical, entre gramáticos da década de noventa e gramáticos da actualidade, notamos que os últimos já se referem aos fenómenos de neologia com a relativa relevância e tendem a evitar, nas suas obras, focos de ambiguidade e de omissão de informação, procurando direccioná-las a um público/- alvo mais restrito, isto é, para o professor e/ou para o aluno, elaboradas de acordo com o nível de conhecimento dos seus destinatários (para o ensino de base). Como exemplo, veja-se a *Gramática da Língua Portuguesa* (BARROS, 2ª edição 2013) e *Da comunicação à Expressão, Gramática Prática de Português* (cf. AZEREDO *et al.* 2011) ambas para o 3º Ciclo e Ensino Secundário.

Outro aspecto a salientar é o facto de a primeira gramática se limitar à apresentação de conceitos enquanto a outra complementa a descrição dos conceitos com exemplos, que do ponto de vista pedagógico, torna o texto mais perceptível.

Sem dúvida, as constantes reflexões à volta do fenómeno de neologia faz com que cada vez mais, gramáticos, lexicólogos e pedagogos se interessem e aprofundem mais estudos sobre neologia lexical o que facilita a dinâmica de metodologias para a aquisição de competências lexicais (alunos), facilita a comunicação entre falantes de uma mesma língua e reduz a ambiguidade (gráfica e semântica), nos trabalhos de tradutores na busca de equivalentes e entre utentes de determinada língua.

Ainda no âmbito do ponto de vista conceptual, CABRÉ, T. (2010: 13) afirma que *neologia es un campo de conocimiento y de trajo que se ocupa de los fenómenos nuevos que aparecen en las lengua*. Igualmente, ALVES, I (2010: 9): (...) *diz que é um processo de criação de novas unidades lexicais*. Estas afirmações convergem com a definição de neologia lexical proposta por REY, A.

Por sua vez, SABLAYROLLES, J-F.(2010:83) apresenta outra perspectiva de análise neológica, isto é, centra as suas reflexões na neologia semântica e descreve-a como sendo

“un signifié nouveau associé à un signifiant déjà attesté en langue est traditionnellement et automatiquement considéré comme relevant de la néologie sémantique et constituant un cas de polysémie”.

Em nosso entender, a visão de Sablayrolles difere do ponto de vista de I. Alves, pelo facto de o referido autor limitar a sua análise ao valor semântico da neologia.

Apesar dos pontos convergentes nas definições de neologia, aqui apresentadas, concordamos com SABLAYROLLES, J-F.(2010:83) quando afirma que da neologia semântica resultam casos de polissemia, frisando que uma unidade lexical apenas se pode considerar neologismo semântico caso seja portadora de uma linha semântica concebível entre o sentido original e o novo sentido. Diante desta afirmação surge-nos a seguinte questão: Será que deste modo, Sablayrolles aclara a falta de consenso quanto aos critérios que definem a polissemia de uma unidade lexical e a homonímia registada entre duas palavras?

A necessidade de nomear um objecto ou algo novo — exemplo: Centralidade do *Kilamba*³⁸, ou de mera necessidade comunicativa, a imensa criatividade humana associada à coabitação entre povos e culturas - *Motorola*³⁹, *dikanza*⁴⁰, ou, simplesmente, a pobreza vocabular, impõe à língua novas formas lexicais, que a Lexicologia enquadra na neologia e designa de neologismos, quando derivados da língua corrente e de neónimos, quando derivados da língua de especialidade, das quais nem sempre atentas às normas morfossintáticas, semânticas e fonéticas do sistema linguístico da língua em causa, principalmente a neologia derivada da língua corrente.

O estudo da neologia é pertinente em trabalhos realizados por linguistas, investigadores, terminólogos, lexicólogos, lexicógrafos, tradutores, professores e para a evolução da própria língua.

Isto remete-nos para a necessidade de se dar real importância à investigação científica em Angola e muito em especial a investigação concernente à neologia lexical. O estudo de questões sobre neologia abrange outras áreas do saber. Logo, é crucial fortalecer as relações de intercâmbio interministeriais, envolvendo Instituições de Ensino, sector privado e, em simultâneo, na esfera internacional participar, com produtividade, em eventos preconizados pelos países que falam a mesma língua sem excluir os países com a mesma origem linguística e os que, de alguma forma, interferem no surgimento de novas unidades lexicais na comunidade linguística em causa.

³⁸ Cozer alimentos (Kulamba); sofrimento de quem enterrou quase todos os filhos e o que sobreviveu designa-se Kilamba.

³⁹ Sandes de frango frito com maionese e c/s salada de repolho (confeccionada em mercados de Luanda).

⁴⁰ Instrumento musical.

Deste modo, a aposta no desenvolvimento da investigação científica não deve constituir preocupação unicamente do Estado. A título de exemplo, citamos aqui o Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Católica de Angola em que a maior parte da verba de subsistência de seus projectos advém de patrocínios de organismos internacionais. Este Centro tem parceria com uma rede de centros de investigação, com credibilidade no mercado internacional, e focaliza as suas investigações no domínio da Economia, História, Cultura e Direitos Humanos, Energia, Ambiente e Ciências Sociais, cujo principal objectivo é incentivar a investigação científica. Conta, também, com a colaboração de investigadores, docentes e estudantes, da respectiva universidade.

Porém, a criação de hábitos de investigação podem ser desenvolvidos a partir do Primeiro Ciclo para que ao atingir o Ensino Superior haja, no primeiro ano deste Nível de Ensino, quantidade e qualidade de investigadores juniores nas distintas áreas do saber.

Mas como primeiro passo para a implementação dessa medida, pelo Ministério da Educação de Angola, impõe-se apostar na capacitação dos professores do Iº, IIº e IIIº Ciclos com cursos de curta duração sobre métodos e metodologias de investigação científica, destacando a importância da investigação científica no desenvolvimento intelectual da criança/adolescente e a importância da investigação para o Estado com objectivos centrados nos interesses Nacionais e Internacionais.

Assim, a médio prazo, poder-se-á pensar no desenvolvimento da investigação do Português falado nesse país, com a merecida relevância da temática sobre neologia lexical, dando o seu contributo na actualização do acervo lexical, na divulgação, de forma célere, e na preservação da identidade linguística desta comunidade linguística.

A falta de harmonia social e linguística inviabiliza a criação de associações com finalidades centradas na investigação científica. De pesquisas feitas, concluímos que, por exemplo, em países como Portugal, Brasil, França e Espanha as Associações de Professores de Língua Portuguesa, Francesa, Espanhola e / ou Associações de linguistas, impulsionaram medidas marcantes concernentes a actualizações de políticas linguísticas e a implementação de projectos de investigação científica.

A organização de mesas redondas, conferências, seminários, palestras, debates e outras realizações têm permitido o alcance do objectivo primordial almejado por

qualquer comunidade linguística, a valorização e difusão de suas línguas. Por outro lado, acreditamos ser também o caminho mais fiável para se chegar à constituição de uma Academia de Letras, sugerida em pontos precedentes.

Todavia, toda a iniciativa que surja com essa finalidade tem de ser revestida de forte perseverança para que os resultados perdurem de forma evolutiva.

Por isso, é importante (cf. GONZÁLES, M.: 2004) definir e aplicar uma política de língua que permita a articulação harmoniosa para assegurar, por meio do ensino, o enriquecimento lexical, criar instâncias institucionais reguladoras da entrada de empréstimos, investir na edição dos produtos consensualmente aprovados e gerir a actualização do acervo lexical da Língua Portuguesa, mantendo-se, regularmente, em sintonia com as comunidades linguísticas que partilhem a mesma língua.

3.2 Aspectos a considerar no ensino-aprendizagem do léxico em PLM⁴¹, LS⁴² e LE⁴³

A aprendizagem, a aquisição e o desenvolvimento do léxico constituem processos cognitivos, que asseguram as capacidades de produção, análise e compreensão textual e, conseqüentemente, a elaboração de discursos de vária natureza (QUIVUNA, M., 2014:70).

Nesta óptica, entendemos que o ensino do léxico, como novidade lexical ou não, numa perspectiva metodológica diversificada, dependendo da finalidade do ensino, leva o aluno de Português Língua Materna, Língua Segunda ou de Língua Estrangeira a melhor conduzir as leituras que faz e, na vida prática, conflui para o uso fluente da língua em qualquer situação de comunicação, seja oral ou escrita.

As ocorrências vividas em mais de vinte anos de docência por escolas distintas, da 1ª classe ao ensino superior, permitem-nos afirmar que, em Angola, não tem sido dada a devida relevância ao ensino do léxico tão pouco em conteúdos como novidade lexical, salvo raríssimos casos isolados. E quando é abordada essa temática, acontece de forma muito superficial⁴⁴. Na maior parte dos casos acontece por falta de conhecimento

⁴¹ Português Língua Materna

⁴² Língua Segunda

⁴³ Língua Estrangeira

⁴⁴ Aborda-se os processos de formação de palavras (composição e derivação), estrangeirismos e neologismos, cujos conceitos são apresentados de forma muito vaga.

da pertinência do assunto, por falta de recursos didáticos actualizados ao dispor do professor – em livrarias, nas respectivas escolas, bibliotecas, dificuldade de aceder à internet, falta de cultura de investigação –, pelo número reduzido, no mercado nacional, de gramáticas que abordem esses assuntos com exaustividade e por falta de harmonização dos materiais a usar em sala de aula ou fora desta – exemplo: gramáticas, dicionários, vocabulário e prontuários⁴⁵.

Não basta ensinar as regras de formação das palavras como se a língua fosse um sistema estável. É fundamental que o aluno tenha consciência da existência da inovação lexical e conduzi-lo a ser capaz de identificar, no seu quotidiano, escrito ou oral, as novas unidades que surgem na (s) língua (s) que faz uso e compará-las às regras que aprendeu ou adquiriu sobre o assunto.

Assim, a partir de uma pirâmide invertida, procuramos descrever a importância do ensino do léxico nas várias etapas de aprendizagem de uma língua. Analisando as diferentes fases, tradicionalmente seguidas, para o ensino do Português Língua Materna e Língua não Materna, no 1º Ciclo, nem sempre o grau de exigência de Ensino corresponde ao nível de conhecimento do professor.

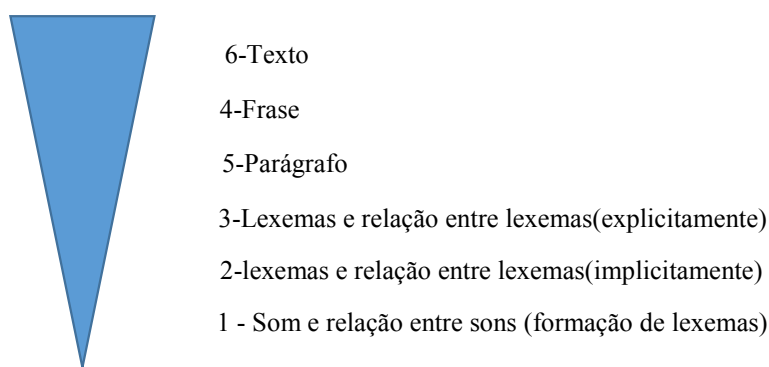


Figura 5 - Descrição de seis etapas de aprendizagem do léxico

Do primeiro ao quarto ponto, normalmente, explora-se o conhecimento cognitivo do aluno e reforça-se os alicerces para o desenvolvimento e aquisição da competência lexical. E do quinto ao sexto ponto – no segundo ciclo – já é possível ensinar o léxico com destaque para os fenómenos de neologia. É importante que assim

⁴⁵ O guia do professor de Língua Portuguesa, 7ª classe, 1º Ciclo, orienta o professor afirmando que deve conceber os seus próprios recursos didáticos adequados ao nível e interesse dos alunos e recorrer sempre a bibliografia variada. Mas não indica a bibliografia de referência.

seja para permitir à criança, desde cedo, fazer uso consciente das novas formas lexicais que surgem na (s) língua (s) que ela usa e ser capaz de reconhecer, ainda que vagamente, palavras não pertencentes à referida língua (empréstimos). Em qualquer uma das fases acima descritas, o uso de dicionários pedagógicos, não deve ser descurado, pois é um instrumento essencial para o ensino do léxico na percepção do valor semântico e conhecimento da categoria gramatical, inclusivamente. A outra componente importante é o recurso a metodologias dinâmicas e criativas em aulas sobre o ensino do léxico, como exemplo, citamos a obra de GOMES *et al.* (2004)⁴⁶.

Senão, como exigir que um aluno escreva com correção e coerência quando não foram dadas as bases científicas suficientes para adquirir a competência lexical? Talvez a inexistência da definição do Vocabulário Ortográfico do Português de Angola, a escassez de gramáticas e dicionários harmonizados à nova realidade linguística nacional e internacional ao dispor de professores e alunos; a fraca ou falta de hábitos de investigação sejam alguns dos factores subjacentes a esta lacuna.

O 9º Artigo da Lei de Bases sobre o Sistema de Educação de Angola estabelece que o Ensino deve ser ministrado em Língua Portuguesa.⁴⁷ Entretanto, a referida lei não foi acompanhada, ao longo dos anos, pela concepção de condições para o alcance da autonomia linguística a começar pela criação de: Vocabulário Ortográfico Nacional, Vocabulário Fundamental, estudos sistemáticos sobre neologia lexical para a sua actualização e outros estudos essenciais para o desenvolvimento do Português falado neste país.

O Vocabulário Ortográfico Nacional pode constituir a base linguística para aquisição de proficiência lexical para assegurar a comunicação no quotidiano dos falantes da Língua Portuguesa; pode ainda servir de base para a elaboração de materiais didácticos, para a consulta em trabalhos de investigação desenvolvidos pelos alunos; de acordo com a dinâmica metodológica a aplicar pode ser útil no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa como Língua Materna, Língua Segunda ou Língua Estrangeira.

⁴⁶ De fácil aquisição no mercado angolano.

⁴⁷ Lei de Bases do Sistema de Educação de Angola, Nº 13/01 de 30 de Dezembro de 2001. Artigo 9º (Línguas): **1.** O ensino nas escolas é ministrado em língua Portuguesa; **2.** O Estado promove e assegura condições humanas, Científico – técnicas, materiais e financeiras para a expansão e a generalização da utilização e do Ensino das Línguas Nacionais. **3.** Sem prejuízo do nº 1 do presente artigo, particularmente no Subsistema de Educação de Adultos, o ensino pode ser ministrado nas línguas nacionais.

Sendo o ensino o principal meio de implementação da norma de um sistema linguístico e considerando que compete essencialmente à escola promover a competência lexical de uma dada comunidade linguística, a definição de qualidade no ensino na aprendizagem do Português Língua Materna (PLM), Língua Segunda (LS) ou da Língua Estrangeira (LE) requer a consecução de investimento na qualidade e diversidade dos meios como dicionários, glossários, *thesaurus*, manuais, programas de ensino, bibliotecas, jogos didáticos, bases de dados linguísticas, observatórios e outros (em papel e/ou em formato electrónico, monolíngue e/ou plurilíngue) ao dispor do professor, dos alunos e de todos quanto se interessem pelo estudo e consulta de determinada língua, pressupondo sempre o aumento de competências sociolinguísticas.

Assuntos como a distinção léxico e vocabulário, neologia, inovação lexical, fenómenos de polissemia, sinonímia, homonímia, antonímia e outros, tipos de dicionários existentes para esse fim, macro e microestrutura de um dicionário, deviam ser de domínio dos professores de Línguas, para mais facilmente, nas suas aulas, criar actividades que ajudem a desenvolver competências lexicais nos seus alunos de acordo com a fase de aprendizagem e para melhor contribuir em pesquisas que visem actualizar o acervo lexical da língua que usa. Outrossim, possibilita melhor compreensão e aplicabilidade, em vários contextos, de fenómenos resultantes da relação semântica (como por exemplo: homonímia, polissemia ou sinonímia) em determinadas palavras.

A partir de actividades lúdicas adaptadas às suas idades e nível de conhecimento, as crianças do Iº, IIº e IIIº Ciclos podem ser orientadas para o exercício de investigação em neologia resultando na elaboração de dicionários neológicos gerais e de especialidade (por exemplo numa aula cujo texto se refira às profissões).

Em estudos de neologia importa atentar nas expressões idiomáticas que, muitas vezes não são consultáveis em dicionários. Então, é importante que o professor de Língua Materna, Língua Segunda ou Estrangeira as explore em sala de aula.

Para que haja harmonização linguística é necessário existir primeiro harmonização no ensino da Língua Portuguesa. Isto é, a referência bibliográfica de base (gramáticas, dicionários, prontuários) de cada nível deve ser predefinida e estabelecida em conformidade com a realidade linguística, social, e económica de cada província, de cada Estado.

3.3 As tendências neológicas no Português de Angola

Os fenómenos de neologia existem em qualquer língua viva, independentemente da sua situação de desenvolvimento sociolinguístico. O que difere é o grau de pertinência que cada comunidade linguística dá ao tratamento desses fenómenos.

Em Angola, existem algumas reflexões em torno do fenómeno de neologia (espelhadas em entrevistas e teses)⁴⁸, mas não encontramos estudos profundos sobre esta matéria.

Segundo LINO, T. (2014),⁴⁹ a nível dos países africanos membros do PALOP, apenas Moçambique regista avanços em estudos sobre neologia tanto de língua corrente como de língua de especialidade. Como constatações dessa informação, destacamos a existência de um *Observatório de Neologismos do Português de Moçambique* e a previsão da realização de um colóquio internacional sobre neologia *da Língua portuguesa em Moçambique e a terminologia usada especificamente em Moçambique*.⁵⁰

Ainda sobre a variante angolana, o ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional) tem divulgado, na sua plataforma, resultados de algumas pesquisas sobre neologismos, mas normalmente carecem de informações complementares para fundamentação da sua etimologia e para melhor se perceber os fenómenos linguísticos que ocorrem em torno de tais novidades lexicais, quando se trata de empréstimos provenientes das línguas angolanas de origem africana ou de neologismos, cuja fundamentação esteja ligada a factores socioculturais desta comunidade linguística.

Igualmente, o Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa tem em curso um projecto, liderado pela Linguista e Investigadora Teresa Lino, que visa criar recursos de Neologia da língua corrente e língua de especialidade do Português de Portugal e das variantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.⁵¹

Se por um lado essas acções, claramente demonstram a vontade de se implantar a harmonização linguística e comunicativa entre essas comunidades linguísticas com o objectivo de manter a Língua Portuguesa actualizada e aumentar a sua expressão no

⁴⁸ Como exemplo podemos citar as teses, já publicadas, de: Teresa Manuela C. J. da Costa (2013), *Os Empréstimos das Línguas Bantu no Português Falado em Angola*; Alexandre M. Chicuna, (2014), *Portuguesismos nas Línguas Bantu para um Dicionário Português Kiyombe*, (2015).

⁴⁹ www.noticiasominuto.com/.../portuguesa-desenvolve-base-de-dados-co..., 30/03/2014.

⁵⁰ Idem, ibidem, Colóquio organizado por Irene Mendes.

⁵¹ Idem, Ibidem.

contexto internacional; por outro lado, existe um incentivo aos Linguistas, lexicólogos e terminólogos dos outros países membros do PALOP, para que percebam a necessidade urgente de se dar tratamento os fenómenos de neologia do seu país, nos vários domínios da vida humana baseados em corpora orais e escritos.

À semelhança de Bernard Quemada, Teresa Lino, Teresa Cabré, Ieda Alves, Inês Machungo, Irene Mendes por que não começar por analisar discursos jornalísticos escritos e/ou orais? E salientamos que se assim for, a realização desses estudos surgem numa época privilegiada se tivermos em conta os avanços registados no domínio da Linguística de Corpus e da Linguística Computacional.

É facto assente que a informação passada pelos órgãos da comunicação social transmite elevada credibilidade pelos seus ouvintes, tanto do ponto de vista do conteúdo temático como no ponto de vista do conteúdo linguístico.

Talvez por isso, a comunicação social exerça forte influência na difusão e em muitos casos até na frequência do uso de certos empréstimos ou novidades lexicais. Indirectamente acaba por se tornar o factor que valida, informalmente (já que compete ao linguista fazê-lo consensualmente), certas unidades neológicas através do uso destas nos seus discursos escritos ou orais. Este acto de aceitação manifesta-se em pessoas de diferentes níveis sociais.

No caso de Angola, a criação e o uso de neologismos e neónimos, geralmente, de forma aleatória, em contexto de língua corrente, deve-se, em parte, à ausência de uma norma ortográfica própria para a Língua Portuguesa (várias vezes focado ao longo deste trabalho), o fraco conhecimento das normas sobre processos de criação lexical, a falta de organismos que coordenem estudos visando a sua validação. No entanto, não pretendemos fazer crer que ultrapassados os obstáculos, acima referenciados, contribua para inexistência de produção de neologismos de forma aleatória, mas sim a sua redução consideravelmente porque cremos ser o tipo de ocorrência inevitável em qualquer sistema linguístico, pois implicaria exercer controlo sob a criatividade humana.

Em algumas zonas da província de Luanda, Zaire, Uíge, Cabinda, Lunda Norte há forte influência da língua estrangeira *Lingala*; no Lubango (Huíla), Cunene e Luanda há a influência do Inglês. Em Luanda, tendencialmente, em alguns bairros suburbanos há maior concentração de emigrantes do Congo Democrático (Palanca, Asa Branca, *Hoji ya Henda*, *Mabor*, Rocha Pinto) e regista-se uma influência da Língua *Lingala*;

existem também falantes de Língua Francesa; Luanda, talvez por ser a capital é a mais populosa e a mais heterogénea a todos os níveis.

O elevado custo de vida associado à ínfima existência de empresas têxteis faz com que muitos angolanos, até professores, se dediquem à comercialização de vestuário adquiridos em diversas partes do mundo, sendo que os países mais visitados são Portugal e Brasil, muito provavelmente devido ao factor da língua comum. Os promotores dessa actividade são designados de *muambeiros*⁵². Destes contactos e do contacto com novelas e outros programas e proliferação de igrejas, também brasileiras, resultam o surgimento de alguns neologismos, através de empréstimos, derivados de variantes do Português.

Apesar disto, verificamos que a maior parte dos empréstimos registado no corpus analisado provém de línguas angolanas de origem africana. Isto faz-nos pensar que as interferências da Língua *Lingala* ocorrem com maior frequência no contexto oral e em comunicações informais. Enquanto as interferências vindas da Língua Inglesa, à semelhança do que acontece com outras línguas e supostamente com outras variantes do Português, são na sua maioria derivados da Língua de Especialidade – ciência e tecnologia.

Como um dos ramos da Lexicologia, a neologia comporta quatro tipos de fenómenos: fonológico, morfossintáctico, sintáctico e lexical, sendo que o mais frequente é a neologia lexical, visto que as estruturas sintácticas e morfológicas são menos vulneráveis em relação a estrutura lexical.

Por sua vez, a neologia lexical divide-se em neologia de forma do qual podem resultar os processos de composição, derivação, truncação, abreviaturas, siglas e acrónimos; e a neologia semântica (atribuir um novo significado a um significante já existente na língua). Entretanto, os neologismos formais ainda se subdividem em dois grupos: *neologismos formais internos (criações lexicais dentro da própria língua) e neologismos formais externos (criados através de importação de outra língua)*, CHICUNA, A. (2015: 54-55).

Ainda sobre os processos de inovação lexical, CORREIA et al. (2005: 23) consideram a existência de quatro métodos, a citar: *1º construção de palavras a partir de*

⁵² Cf. Dicionário Porto Editora, 2013:293. *Candongueiro e muamba*, dependendo do contexto, pode ser: negócio informal, nome de um prato angolano que é acompanhado de funje ou pirão.

regras da própria língua; 2º atribuição de novos significados a palavras já existentes; 3º empréstimos de palavras de outra língua; 4º e a criação de novas formas lexicais partindo do nada (ex nihilo).

Com excepção do quarto método, podemos inferir que os restantes métodos se enquadram nas formas de *criação lexical pelos processos de formação de palavras, por mudança conceptual* e por *adopção de empréstimos*, proposta por ALVES, I. (1990) e BIDERMAN, T. (1978) e, igualmente, a abordagem de CHICUNA, A. (2015). Assim, propomo-nos seguir essa perspectiva de análise como base na interpretação e organização dos dados extraídos do *corpus* desta pesquisa, no ponto subsequente.

3.4 Classificação dos neologismos

Conforme cresce o interesse por estudos sobre os fenómenos que ocorrem na inovação lexical aumentam as perspectivas de análise, demonstrando ser um campo aberto à investigação, seja em análise diacrónica (ALVES, I., 2010: 63; ADAMO, J. 2010:35) ou sincrónica. Isto tem-se verificado em conferências internacionais, artigos publicados em revistas científicas e em teses em distintas línguas.

O facto de uma língua pertencer a mais de uma comunidade linguística é motivo suficiente para recorrer a estudos comparados e/ou paralelos, visando a harmonização linguística entre essas comunidades.

Alguns estudos linguísticos requerem um olhar sobre os fenómenos registados no passado para melhor entender as ocorrências do presente e prever a prossecução que esses fenómenos poderão ter. Daí a pertinência do estudo diacrónico de fenómenos neológicos.

Estabelecer critérios de controlo e regulação da novidade lexical de línguas é crucial para se evitar a instabilidade ortográfica, os focos de ambiguidade na comunicação entre os seus utentes e garantindo a actualização sistemática das mesmas.

No âmbito das leituras feitas, apreendemos que de entre as formas de criação lexical, a via por processos morfológicos de formação de palavras, é o método

tradicionalmente previsto pela norma da Língua Portuguesa, continua a ser muito frequente na actualidade, tanto por derivação como por composição.

BARROS (2013:63-64) e AZEREDO et al. (2011: 290-296) designam *de processos irregulares ou não morfológicos de formação de palavras* os casos de *onomatopeia, truncação, siglas e acrónimos, amálgama, hibridismo, empréstimo e extensão semântica*, o que não se verifica em Cunha et al. (2005: 85-116), fazendo-nos crer que nem todos gramáticos partilham desta ideia. Suscita-nos aqui alguma ambiguidade na medida em que podemos entrepertá-la de duas formas: irregular por se distanciar da norma tradicional ou irregular porque tais processos depreciam a Língua Portuguesa? Contudo, optamos por considerar a primeira hipótese. Apesar do carácter irregular desses processos, a verdade é que eles também constituem fonte de enriquecimento do léxico da Língua Portuguesa e de outras línguas.

De acordo com CHICUNA, A. (2015:116-122), o léxico da variante angolana apresenta *várias unidades neológicas, tanto formais como semânticas*, como por exemplos: *angolanização, giraboa, candongueiro, kinguila, TAAG, TPA, BPC*. Na análise dos *corpora*, pudemos observar os dois tipos de variedade neológica, sendo que, o processo de criação, por via de empréstimo, dá-se de forma recíproca entre a Língua Portuguesa e as Línguas autóctones.

Além dos tipos de neologismos citados por CHICUNA, A., registamos também neologismos *ex nihilo*⁵³ do subdomínio da música. São onomatopeias:

*lélélélélé-lélélé; prá-catá-tumbá; Vum pah.*⁵⁴

As onomatopeias são criadas *por imitação do som ou ruído produzido por objectos, animais ou fenómenos naturais* (cf. BARROS, 2013: 205) e não é o que se verifica nos exemplos que acabamos de apresentar. Quanto ao tipo, não saberíamos como as classificar, porquanto, supomos não haver presença de significante nem de significado. Assim, dá-se relevância apenas à melodia que as acompanha. Esse tipo de criação apenas tem expressão dentro do próprio subdomínio. O uso e a durabilidade dos mesmos dependem do tempo de vida do seu contexto⁵⁵.

⁵³ Processo citado por Correia et al. (2005: 23).

⁵⁴ Cf. Jornal Angolano de Artes e Letras, Edição nº52, 17 - 30/03/2014:14.

⁵⁵ Quando a música deixar de ser ouvida, pelos seus apreciadores, tais neologismos morrem também.

A apresentação da classificação dos restantes dados, extraídos do *corpus*/subcorpus, está de acordo com os casos de neologismos de forma, seguidos dos neologismos semânticos.

3.5 Neologia de Forma

A derivação é um dos processos de criação lexical que consiste na adição, a uma base morfológica – de um mesmo sistema de língua ou não – de um prefixo (prefixação), de um sufixo (sufixação) ou de ambos (parassintética). Por prefixação, apenas encontramos o *formante multi*, com sentido original e por sufixação registamos *ismo*⁵⁶ e *enses*. São elementos normalizados, que surgem como afixos juntos a uma base já existente na Língua Portuguesa.

3.5.1 Derivação prefixal

Identificamos apenas dois casos de derivação prefixal, ambos formados através do formante *multi*⁵⁷ com uma função de prefixo. Veja-se os exemplos seguidos dos respectivos contextos: *multi-denominacional* e *multirrelacional*.

multi+denominacional → (adj. → adj.)

*Cândida Narciso, a governadora e o seu elenco, altas patentes militares e sua praça, comandante da polícia e representantes dos seus diversos ramos, jovens, crianças (que aproveitam o contacto com a relva sintética, enquanto o culto não começa), todos os angolanos residentes na Lunda Sul representados no culto **multi-denominacional**. (OS LIVROS E A EXALTAÇÃO À PAZ EM SAURIMO, Soberano Canhanga, jornal n° 54, p.2, 14-27/04/2014).*

multi+relacional → (adj→adj.)

*Fizemos referência à cultura na óptica multisectorial e **multirrelacional** com ênfase para o trabalho, a propriedade, a terra, a justiça, o desenvolvimento, a família, a participação bem como algumas ideias-força relativas à concepção da vida. (Barbeitos, Arlindo, A Propósito da Cultura e da sua Diversidade, III – A cultura na óptica multisectorial e multi-relacional, jornal n° 58, p.p4-5)*

⁵⁶ Aqui os dois exemplos designam fenómenos políticos em perspectiva negativa. Os sufixos *ino* e *enses* na formação de gentílicos. A inexistência de dicionários sobre os gentílicos e topónimos de Angola causa, às vezes, dúvida sobre a grafia certa dos mesmos.

⁵⁷ CUNHA et al. (2005: 114-115, 18ª ed.) classifica de pseudoprefixo.

3.5.2 Derivação sufixal

Criação lexical por processos de derivação sufixal destacamos três casos com o sufixos *ismo*⁵⁸ (sentido pejorativo/negativo) e *enses* (sentido positivo), sendo que a base e a novidade lexical têm a mesma categoria gramatical. Logo é *isocategorial*⁵⁹ ($N \rightarrow N$) enquanto o outro é *heterocategorial*⁶⁰.

Por exemplo:

Cabritismo \rightarrow cabrito+*ismo* ($N \rightarrow N$)

O cabritismo (o cabrito come onde está amarrado!) é um provérbio da Filosofia africana, hoje completamente adulterado pelo oportunismo dos administradores da função pública pós-colonial. Quando a África pede que o cabrito coma onde está amarrado, significa, muito simplesmente isso mesmo, tomado à letra. O cabrito, segundo a sábia Filosofia Africana é o próprio Povo que se encontra amarrado à máquina do Estado. Quem desvia, quem entra em esquemas, desde o tempo das requisições, não é cabrito! (Mendonça, José Luís, Isunji, de Albino Carlos, Coisas do arco-da-velha, jornal nº 57, pp.10-11, 26 de Maio a 8 de Junho de 2014).

Ainda sobre o sema existente em *ismo*, MARONEZE B. (2010:122-123) apresenta a teoria de alguns estudiosos, segundo os quais em determinados contextos, esse sufixo pode significar afectividade; porém, tradicionalmente, é a estilística que mais descreve o valor afectivo dos sufixos.

À semelhança do que acontece no Português contemporâneo do Brasil (Ieda, 2002: 29-30) nos substantivos neológicos – *cabritismo* e *eternalismo* – o sema existente em *ismo* apresenta um sentido pejorativo *em tom de recriminação*⁶¹) referindo-se a fenómenos políticos do período pós-independência em Angola.

Eternalismo \rightarrow eternal+*ismo* \rightarrow (adj \rightarrow N)

Além do que acabamos de expor, no último exemplo há alteração da categoria gramatical (*heterocategorial*) e do género da base; de acordo com o contexto a nova unidade lexical é do género masculino.

⁵⁸ O sufixo *ismo* ao juntar-se a uma base forma substantivos a partir de substantivos ou de adjetivos. Cunha et al. (2005: 98).

⁵⁹ Cf. Rio-Torto, 1999:88, *apud* Chicuna (2015:55).

⁶⁰ Id., *ibid.*

⁶¹ MARTINS (1997: 116), *aup.* Maroneze, (2010:122-123).

No entendimento do autor, estas situações acontecem devido, essencialmente, à falta de unidade cultural e ao “eternalismo” dos líderes no poder. (Pegado, Aida), Do docente Rui Filipe Gungu, Livro não cala o grito, “África até quando? Jornal n° 62, p.10, 7 - 17 /08/ 2014).

O exemplo seguinte, apesar de ser um gentílico que normalmente tem a categoria de adjectivo, mas neste contexto tem a categoria de nome:

Saurimuenses (gentílico) → Saurimo (topónimo) + *enses* (sufixo) → (N→N)

Agrada-me o crescimento do interesse dos saurimuenses pela literatura. (Canhanga, Soberano, Os livros e a exaltação à paz e m Saurimo, Jornal Angolano de Artes e Letras n° 54, p.2,14-27/04/2014).

Ressaltamos a existência de outro gentílico derivado por sufixação, cujo sufixo é *ino*⁶² que se junta ao nome (Lunda Sul), formando um gentílico que neste contexto assume também a categoria de nome, sendo por isso *isocategorial*.

lundasulino (gentílico) → Lunda Sul (topónimo composto) + *ino* → N+N.

Um estudo realizado recentemente pelo investigador Tomás Lima Coelho, sobre a literatura angolana e feita pelos angolanos, actualizada nesta última quinta-feira, aponta que, de 1849 (ano em que foi publicada a primeira obra de um angolano), a esta parte, o número de escritores nascidos na Lunda Sul ainda NÃO CHEGA A DEZ. São apenas SETE, contando já com a nossa caçula Brigitte, Caferro sendo que o primeiro lundasulino a publicar um livro em Angola foi o Professor Dr. Vítor Kajibanga com “A alma sociológica na ensaística de Mário Pinto de Andrade, em 2000., Canhanga, Soberano Luciano), “do meu íntimo mais (íntimo”, Primeiro “artefacto” literário de Brigitte Caferro, jornal 52, 17-30/03/2014: 5.

3.5.3 Composição

A união de duas ou mais formas de base, radicais ou palavras, resulta em palavras formadas por composição morfológica ou por composição morfossintáctica. Sabemos que, na Língua Portuguesa, os compostos mais frequentes são os nominais seguidos dos adjectivais e muito raramente os verbais.

⁶² Esse sufixo pode auferir valor diminutivo ou origem, natureza [...], conforme o contexto, pode ser adjectivo ou substantivo Cunha et al. (2005: 92, 100), 18ª ed..

A forma *mente* é polissémica, visto que pode ser: 1) sufixo de origem latina, *lentamente*; 2) substantivo feminino, *memoria*, *entendimento*, *pensamento*, *percepção* *entendimento*, etc; 3) forma do verbo mentir na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

No neologismo que se segue é este último valor que está presente:

Mentefactos → *mente* + factos (V+N) → N

Assim, em certos círculos científico-sociais, subdivide-se o conceito de cultura em dois grandes campos epistemológicos: o dos artefactos e o dos mentefactos. (Barbeitos, Arlindo, A Propósito A Propósito da Cultura e da sua Diversidade, III – A cultura na óptica multisectorial e multi-relacional, jornal nº 58: 4-5).

Da junção dos dois elementos autónomos surge uma nova unidade lexical por composição morfológica. O neologismo expressa um sentido depreciativo: aqueles que deturpam a informação sobre cultura; porém, não se dissocia das noções dos seus constituintes.

De igual modo, o pseudoprefixo⁶³ *proto*⁶⁴ tem um valor polissémico já que, pode assumir o valor de substantivo masculino ou de elemento de composição; no próximo exemplo junta-se ao substantivo cultura. O neologismo protocultura é uma adaptação (decalque) do empréstimo *protoculture* da Língua Francesa.

Protocultura → proto+cultura (el.comp.+N) → N

*Tais fenómenos constituem a dita **protocultura**, ou seja, os processos de inculturação ou de integração sócio-cultural do indivíduo no grupo social onde se insere.* (Barbeitos, Arlindo, A Propósito da Cultura e da sua Diversidade, III – A cultura na óptica multisectorial e multi-relacional, jornal nº 58, p.p4-5).

Em alguns casos de palavras compostas nota-se uma instabilidade ortográfica quanto ao uso ou não do hífen em determinadas unidades lexicais novas, pois em conformidade com a norma, em língua portuguesa, nesses casos, usa-se o hífen quando a seguir ao prefixo ou radical surge a consoante *s*, *r* ou *h*; todavia, não é o que se verifica na nova unidade lexical *paleo-linguística* [Sic].

⁶³ CUNHA *et al.* (2005:115).

⁶⁴ Significa revisor tipográfico, primeiro.

Paleo⁶⁵- linguística → (N+N → N)

A paleo-linguística permite confirmar esta evolução do início da nossa era até o século XIV, e, a partir deste período, as fontes escritas.
(SOUINDOULA, Simão, *Angola: dimensão proto-bantu e identidade cultural*, jornal n° 55, p.11, 28 /04 a 11 /05/2014).

Como acabamos de verificar, os três exemplos enquadram-se na composição e são neologismos nominais.

3.6 Siglas e Acrónimos

Os exemplos que a seguir apresentamos consideramo-los acrónimos a julgar pelos contextos inseridos. A existência da contracção *do* – no primeiro exemplo – e do artigo *A* – no segundo exemplo – faz-nos concluir que estamos em presença de duas siglas que evoluíram para acrónimos, nomes.

JAANGO (**J**ovens **A**rtistas **A**ngolanos):

O objectivo do JAANGO é provocar (...).

Terceira edição do JAANGO NACIONAL, p.16, Jornal Angolano de Artes e Letras n° 62, 7-17/08/2014.

APROCIMA (*Associação Angolana de Profissionais de Cinema, Televisão e Audiovisual*): *A APROCIMA tem como fim social:*

[...]. APROCIMA, Uma pedra na construção do novo cinema angolano,

p.17, Jornal Angolano de Artes e Letras n° 62, 7-17/08/2014.

3.7 Amálgama

A partir do cruzamento do acrónimo *ENSA*⁶⁶ e a palavra *Arte* resultou a amálgama «ENSARTE». Vejamos o contexto:

É a primeira vez que uma artista ganha o ENSARTE.

(XIIª edição do ENSARTE, Fineza Teta convence júri,
p.18, Jornal Angolano de Artes e Letra, n° 62, 17/08/2014, p.7).

⁶⁵ Radical Grego, significa antigo, Id., ibid. (2005: 110-111).

⁶⁶ Cf. Empresa Nacional de Seguros de Angola, CHICUNA, (2015: 38), *Dicionário de Siglas e Abreviaturas Angolanas*.

3.8 Híbridismo lexical

KORTAS (2009) atesta que em Linguística existem diferentes acepções do termo híbrido⁶⁷. Assim, hibridização pode ser: *pléonasme syntaxique*, Berrendonner (1997: 82); Forlot (1999) *appelle hybride* ou *emprunt mixte* que subdivide em dois níveis: derivacional e morfo-sintático. Por último, *Hamers et Blanc* (1983: 255) designam de (...) *langue hybride* e, portanto, *langue mixte*.

No entanto, a designação de forma *híbrida* lexical foi usada pela primeira vez por *Vaugelas* (1647/1981: 273), *apud* Kortas (2009). Esse processo consiste na criação de unidades lexicais complexas, compostas por dois ou mais elementos de línguas diferentes.

Dos vinte e um casos de híbridismo identificados, apresentamos seis exemplos dos quais uns são formados por derivação e outros por composição, tendo resultado na criação de três verbos e quatro nomes, conforme exemplos abaixo. Porém, apenas um dos exemplos se forma a partir de formas autónomas, pois, os outros exemplos ocorrem entre uma base autónoma da Língua Kimbundu e uma forma não autónoma (sufixos) derivados da Língua Portuguesa.

1) bantuizou-a → (bantu+izou-a →N→V)

*Ainda o mesmo autor refere que não obstante este tipo de arte ter tomado uma particular autonomia artística, ela provém de um processo de aculturação (interpenetração de culturas), devido ao facto de que esta arte é de costume e de inspiração europeia, trazida à Angola por um indivíduo que aprendeu o ofício em Portugal e ao voltar a Angola **bantuizou-a**. (Correia, Octaviano, Uma arte funerária rara em África, jornal nº 58, 22/06/2014: 9).*

2) kazukutar → (kazukuta⁶⁸ +ar →N→V)

*Chapéus brancos de fitas pretas. Passa um mais velho medalhado (Antigo Combatente?) a se **kazukutar** com o seu chapéu e luvas brancas. (Mendonça, José Luís, Kabocomeu: o ex-libris do Carnaval, jornal nº 52, 30 /03/2014, pp.6-7, 17)*

Nos casos dos 1) e 2), os sufixos são desinências verbais (*izou-a*, *ar*) que se juntam a bases nominais (*bantu*, *kazukuta*); daqui resultam duas novas formas nominais derivadas por sufixação, portanto, *heterocategorial*. Não se registam alterações semânticas.

⁶⁸ Na Língua Kimbundu é um vocábulo polissémico, visto que pode significar *inflamação das bochechas ou quem faz barulho, desordem*. Pe.Warmenhoven, (1994: 32)

3) Xinguilamento → (xinguila⁶⁹ + mento → V→N, *Id.*, *ibid.*)

O União Jiza apareceu a seguir, com uma alegoria de pendor político e um ritmo desfiado, chapéus e xinguilamento. (Mendonça, José Luís, Kabocomeu: o ex-libris do Carnaval, jornal n° 52, pp.6-7, 17 - 30 /03/2014).

De igual modo, o terceiro exemplo também se enquadra na derivação por sufixação *heterocategorial*, porém em processo inverso. Isto é, junta-se o sufixo *mento* a uma base verbal (*xinguila*) que resulta na formação de um nome derivado por sufixação.

4) Makemaka → (maka+é+maka → N+V+N→N)

Com base num pretexto simples e original, o de um reino que entra em decadência porque os seus habitantes vão ficando sem os respectivos passados, o Autor introduz-nos num mundo mágico, com personagens com nome inspirados na gíria local ('Estamos Juntos', 'Cara Padre', 'Todo o Mundo', 'Mboa', 'Makemaka'⁷⁰), (...), Abrantes, José Mena, TALA MUNGONGO de Filipe Correia de Sá, A valorização e o resgate do (s) passado (s), jornal n° 56, p.5, Luanda, 23/4/2014).

Há uma presença redundante do empréstimo *maka* intercalada com a forma verbal *ser* do Português. Classificámo-la de composição por aglutinação. Do ponto de vista fonológico ocorre o fenómeno de cacofonia, apesar de o verbo não preservar graficamente o acento. O mais provável é que estejamos diante de um *hapax*⁷¹, resultante da cacofonia supra citada.

Feskizomba → (festa+kizomba → N+N→N)

A canção "Beijo de Judas" é a vencedora da 7ª edição do concurso anual Feskizomba, cuja gala da final aconteceu na noite de sábado, 26 Junho, no Cine Atlântico. (Makola, Matadi, Beijo de Judas" vence 7ª edição do Feskizomba, p.14, jornal n° 62, 7- 17 de Agosto de 2014).

A junção do vocábulo *festa* (*forma interna*) ao vocábulo *kizomba*⁷² (*forma externa*) origina um tipo de neologismo idêntico ao precedente; todavia existe a supressão ou elipse da preposição *de* (*festa de kizomba*).

⁶⁹ Em Kimbundu, *xingila*: entrar em transe, implorando sortes a seres superiores. Idem ibidem, (1994:65).

⁷⁰ Kimbundu, cujo equivalente é: *problema é problema*.

⁷¹ Ao longo dessa pesquisa, a classificação de hápax a determinado neologismo será em função da sua frequência no corpus, visto que, ao nível do sistema linguístico, esse tipo de classificação é mais coerente em análises diacrónicas.

⁷² Tipo de música e dança angolana.

5) Sembista → (semba+ista → N → N)

*Quanto a nós, angolanos, é tempo de questionarmo-nos: quem é o **sembista** e o que o diferencia das conturbadas novidades da máquina do hoje: sua visão, sua conduta, seu mister, seus ideais e pragmatismo?* (Makola, Matadi, Bonga, *O semba é uma maneira filosófica de estar*, jornal n° 54, 2014: 9).

Na Língua Portuguesa o sufixo *ista* é um dos *formantes* que dá origem a neologismos nominais; juntando-se ao vocábulo *semba* da Língua *Kimbundu* formou outro nome.

Dos casos híbridos, aqui descritos, notamos que há uma maior tendência para juntar às bases da Língua *Kimbundu* morfemas das flexões verbais ou sufixos nominais da Língua Portuguesa. Portanto; os processos por derivação e por composição são os mais produtivos.

O hibridismo entra na língua corrente por vulgarização. Quando já estão enraizadas na língua é muito difícil ignorá-las, Cunha et al. (cf. 2005:115). Logo, não podemos deixar de considerar esse processo morfossintático, seja por derivação ou por composição, como outra forma de enriquecimento do léxico.

3.9 Neologia Semântica

Nesse processo sucede a alteração do significado de um significante já existente na língua, cuja desinência conceptual pode ser nova ou de um outro significante, que, de acordo com o contexto, pode resultar em casos de polissemia ou homonímia.

Em nosso entender, a instabilidade semântica e a neologia semântica conferem um valor diacrónico à lexicologia, na medida em que a análise das mudanças linguísticas permitem ter a percepção das tendências neológicas nas várias fases de existência de determinada língua, afinal, são as *«lois sémantiques» qui gouvernent les évolution des sens*, SABLAYROLLES, J-F. (2010: 83) em línguas vivas.

3.9.1 Extensão Semântica

Quando atribuímos um novo significado a um ou mais significantes (formações complexas) já existentes na língua em causa ocorre o processo de formação de palavras por extensão semântica.

O exemplo *cabrito* é uma criação lexical por extensão semântica com recurso à estilística (metáfora), da categoria nominal e domínio, seres vivos, passa a designar um fenómeno sociopolítico; mantém a sua categoria gramatical, mas passa para o subdomínio de seres humanos; logo, há um empréstimo interno. É, portanto, um caso de polissemia e homonímia.

O cabritismo (o cabrito come onde está amarrado!) é um provérbio da Filosofia africana, hoje completamente adulterado pelo oportunismo dos administradores da função pública pós-colonial. Quando a África pede que o cabrito coma onde está amarrado, significa, muito simplesmente isso mesmo, tomado à letra. O cabrito, segundo a sábia Filosofia Africana é o próprio Povo que se encontra amarrado à máquina do Estado. Quem desvia, quem entra em esquemas, desde o tempo das requisições, não é cabrito! (Mendonça, José Luís, Isunji, de Albino Carlos, coisas do arco-da-velha, jornal nº 57, 26 de Maio a 8 de Junho de 2014: 10-11.).

3.9.2 Empréstimos

Os empréstimos em Linguística representam palavras ou termos que surgem para nomear uma realidade nova na língua de uma comunidade (interno) ou não (externo), recorrendo a combinatórias formais, morfológicas ou/e semânticas e que nem sempre são bem aceites por alguns linguístas.

a) Empréstimo Externo

Aos empréstimos como: *kotas* (velho / mais velho), *kandengues* (criança / miúdo) ou *maka* enquadraríamos nos chamados *pseudo-emprunts* (Sablayrolles,1976:11), visto que existem, na Língua Portuguesa, formas denominativas para tais nomes. Enquanto, *bumbar* (trabalhar) e *mboa* (mulher), derivados da gíria, são

tipos de neologismos que se vulgarizam na língua. Não são totalmente aceites pela comunidade linguística, por isso, o seu uso é mais frequente em contexto informal.

b) Empréstimo Interno

As mudanças semânticas que acontecem dentro do próprio sistema linguístico são designadas de empréstimo interno. Dá-se, nos três casos, a formação de sintagmas nominais.

1) Táxi azul e branco⁷³

A língua corrente empresta os lexemas, *azul* e *branco*, ao subdomínio dos Transportes Rodoviários.

E lá onde o comboio não chega, hão-de chegar as colunas de autocarros e candongueiros culturais, que o táxi azul e branco também é um servente da Cultura Nacional. (FENACULT 2014 (30 de Agosto a 20 de Setembro, Comboio cultural transporta Alma Angolana, p.3 s/autor, jornal nº 62, 4-17/08/2014).

2) Praia da Lua

O domínio da Astronomia empresta o lexema *Lua* ao domínio do Ambiente.

3) Baía Azul; 4) Baía Farta:

Os lexemas, *azul* e *farta*, da língua corrente passam para a língua de especialidade do Ambiente. Ocorre, nos três exemplos, o empréstimo intralinguístico, fenómeno de polissemia e homonímia, visto que, mantêm a grafia e fonia, porém altera o sentido. Se considerarmos que a água é incolor.

*A Ocidente, o mar. Podíamos ter virado para Equimina ou **praia da Lua**, ma vamos seguir nos sobressaltos do caminho, que a ideia era essa, fazer quilómetros ir longe. Cuidado com as cabeças, o destino é a- com nome a fazer lembrar outra maravilha do Kwanza Sul – praia da Binga, onde existiu uma importante pescaria agora sem actividade. A Binga é uma entre várias enseadas que se seguem ao longo da costa com o mesmo tipo de recorte da Baía Azul e Baía Farta. (Milagre, Nuno, 9ª Maravilha, jornal nº62, 4-17/08/2014: 4).*

⁷³ Designação atribuída aos carros de marca *Toyota Hiace* que realizam serviço, particular, de táxi (*candongueiro*).

3.9.3 Expressões Idiomáticas

Estamos Juntos - expressão, normalmente, usada como forma de se despedir de alguém ou de um grupo de indivíduos, manifestando o sentimento de solidariedade de irmandade. Surgiu como slogan do domínio Política⁷⁴ e passou para a língua corrente. É uma locução verbal;

Cara Podre → (*N+Adj* → *N*) - refere-se a alguém que não tem vergonha, atrevido, corajoso. É locução adjectival. Nos dois exemplos acontece a junção de dois lexemas, cujo valor, sintáctico e semântico, funcionam como um só, inclusivamente. Todavia, em conformidade com o contexto do *corpus* de extração, evoluíram para nomes próprios, adquirindo carácter polissémico pelo mecanismo de metáfora. Deste modo, ocorre a extensão semântica.

O Autor introduz-nos num mundo mágico, com personagens com nomes inspirados na gíria local ('Estamos Juntos', 'Cara Podre', 'Todo o Mundo', 'Mboa', 'Makemaka'⁷⁵) (...), Abrantes, José Mena, TALA MUNGONGO, de Filipe Correia de Sá, A valorização e o resgate do (s) passado (s), jornal nº 56, Luanda, 23/4/2014: 5).

Desde aproximadamente a década de sessenta, a fim de divulgar e, assim, valorizar as línguas angolanas de origem africana e/ou pretendendo colocar em posição paralela à língua portuguesa, alguns autores, como por exemplo: Uanhega Xitu, José Luandino Vieira, Pepetela, António Jacinto, usavam o método de inclusão, intencional, de expressões ou unidades lexicais de línguas angolanas de origem africana (recorrendo, normalmente, à sinonímia, polissemia, hibridismo, extensão semântica, metáfora), em obras escritas em Língua Portuguesa.

Em contexto jornalístico também se tem notado essa prática em alguns textos, dos quais determinados autores chegam a mencionar o equivalente em Português.

No corpus analisado também verificamos ocorrências do género, de origem *bantu*, que designaremos de empréstimos. São, maioritariamente, da Língua *Kimbundu*, como: *dicanza*, *bumbu*, *hungu*, *kotas*, *kandengues*, *Kalandula*, *Mbambo*, *Muloji*, *nguintambulé*, *ginguzu*⁷⁶, *kianda*, *museke*⁷⁷, *kambuás*⁷⁸, *kimone*, *mabanga* e *kilamba* dos

⁷⁴ Expressão usada pelo presidente da República de Angola em comícios.

⁷⁵ Kimbundu, cujo equivalente é: *problema é problema*.

⁷⁶ Na Língua *Kimbundu*: *Nguzu* (força) e o plural *jinguzu* (forças).

quais apenas o último perde o seu valor semântico, conforme observaremos mais adiante. Destacamos um único empréstimo da Língua *Kwanyama*: *Mbali*⁷⁹.

Em síntese, podemos concluir que, no *Corpus ANGONEO*, os processos de criação lexical são diversificados, atribuindo a esta variante o carácter dinâmico e, conseqüentemente, evolutivo do sistema linguístico e apesar da falta de harmonização linguística, existe uma notável interação, mais natural que premeditada, entre o Português e as línguas angolanas de origem africana, a julgar pelos dados estatísticos apresentados no ponto seguinte.

3.10 Classificação por relevância

Na análise do nosso *corpus*, efectuámos a classificação por relevância, salientando os processos mais comuns. Assim, de acordo com o gráfico abaixo, os processos de formação de palavras por composição são os mais significativos (24%) contrariamente aos de criação lexical por acronímia e onomatopeias (3%), inclusive. O segundo processo mais frequente, também de criação lexical, é o hibridismo (21%) seguido do empréstimo (20%). O processo por amálgama com (1%) é o menos frequente.

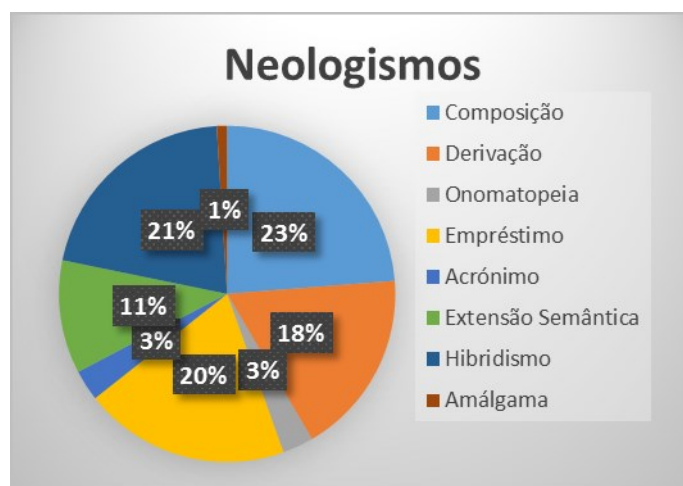


Figura 6 - Classificação quantitativa dos dados

⁷⁷ Musseque, *s.m.* [...] bairro ou aglomeração de moradias das classes pobres[...]ETM quimb. *musêke*, quinta; lugar de areia [...], Dicionário Houaiss, TomoV, (2003: 2575). Ao que se vê há a intenção do autor de querer suplantar a grafia original em detrimento da grafia adaptada ao português.

⁷⁸ *Kambuás*- Calão de Luanda, *kimbundu* seria *imbwa*, *jimbwa* significa cão/ cães Vulgarização.

⁷⁹ *Mbali*, truncação de *Vimbali*, chamados também de quimbares, eram povos aportuguesados (afro-europeus).<http://jornalcultura.sapo.ao/eco-de-angola/uma-arte-funeraria-rara-em-africa,07/06/2014>.

Ao observarmos a posição ocupada pelos processos por empréstimo e hibridismo; concluímos que existe uma forte interação de forma consciente e inconsciente entre a Língua Portuguesa e as línguas angolanas de origem africana.

3.11 Da língua corrente

Ao analisarmos o corpus numa vertente estatística, notamos que a quantidade de neologismo da língua corrente suplanta os da língua de especialidade. Isto é, de sessenta e quatro neologismos extraídos do corpus apenas oito se enquadram na língua de especialidade. Porém, paradoxalmente, são, habitualmente, os neologismos de língua de especialidade que mais rapidamente se fixam no sistema.

Não obstante a nossa pesquisa centrar-se na língua corrente, área diferente da língua de especialidade, observamos a coabitação dos dois tipos de subsistemas nos distintos textos. Em contexto de ensino, o grau de predominância de neónimos ou de neologismos, quando não expresso explicitamente, será o indicador de classificação do respectivo texto.

Assim, consideramos a língua de especialidade-associada à ciência e tecnologia — como outra componente determinante no processo de renovação do léxico, já que *a dinâmica da ciência se reflecte na evolução dos conceitos* e nos neónimos, bem como nas novas particularidades cognitivas que ocorrem nesses processos de evolução da própria língua (LINO et al. 2011:s/p.).

De acordo com LINO (2011), dentro das línguas de especialidade e de suas terminologias existem três níveis de especialização: *altamente especializado, de banalização e vários níveis de vulgarização*. Daí a relevância da existência de organismos, como a ISO, para regular e harmonizarem os neónimos que vão surgindo nas línguas.

A nível da língua corrente também ocorrem os níveis de *banalização e [...] níveis de vulgarização*, normalmente, derivados da gíria, como por exemplo: *mboa*⁸⁰ *bumbar*⁸¹, *kambuás*⁸², *mambos*⁸³.

⁸⁰ Abrantes, *A valorização e o resgate do (s) passado (s)*, jornal nº 56, 2014: 5.

Maioritariamente, os empréstimos das línguas angolanas de origem africana que a seguir descrevemos constituem uma novidade para a Língua Portuguesa por estarem subjacentes a factores sociolinguísticos e socioculturais. Vejamos os exemplos que se seguem, organizados por nome, significado e domínio/subdomínio: *Dicanza*, *bumbu e hungu*⁸⁴ (instrumentos musicais): música; *Mbambo*⁸⁵ (veneno): farmacêutica; *Ngonguenha*⁸⁶ (mistura de farinha de mandioca com açúcar e água) e *mabanga*⁸⁷ (crustáceo): gastronomia; *Kimone*⁸⁸ (tipo de blusa, normalmente indumentada com panos e lenço típicos de África): moda; *Kilamba*⁸⁹ (topónimo - centro recreativo para adultos) geografia /administração de território.

⁸¹ Manuel Rui, (*croniqueta*), \jornal nº62, 2014: 21.

⁸² Azulay, *Os cães e os galos da Colômbia*, jornal nº 55, 2014: 7.

⁸³ Mendonça, *Coisas do arco-da-velha*, jornal nº 57, 2014: 10-11.

⁸⁴ Makola, Raúl Tolingas e *a consciência do semba*, jornal nº58, 2014: 12.

⁸⁵ Mendonça, Isunji, de Albino Carlos, *Coisas do arco-da-velha*, jornal nº 57, 2014:10-11.

⁸⁶ Makola, Nguami Maka, *Manter a face do semba*, Jornal nº 56, 2014:10.

⁸⁷ Mendonça, *Kabocomeu: o ex-libris do Carnaval*, jornal nº 52, 2014: 6-7.

⁸⁸ Idem, *ibidem*.

⁸⁹ Makola, Bonga, *O semba é uma maneira filosófica de estar*, jornal nº 54, 2014: 9.

CAPÍTULO IV

PROPOSTRA DE BASE DE DADOS

DE NEOLOGISMOS

4.1 A importância de Base de Dados de neologismos

No contexto da nossa pesquisa, entendemos que a Base de Dados é um instrumento ou meio informático que permite de forma mais célere a gestão, armazenamento e actualização do acervo lexical de línguas; permite também uma articulação com os corpora textuais de vários tipos e tamanhos; essas bases de dados, normalmente, são passíveis de se adaptar às necessidades e finalidades de investigação. Portanto, organizam conhecimento.

É sabido que a elaboração de um dicionário fiável em papel não é uma tarefa fácil que pode ser arquitectada e concretizada num curto espaço de tempo, porque, requer sérios investimentos humanos e financeiros para um Estado. O garante da sua actualização sistemática é outro exercício árduo.

Contudo, são necessárias para o desenvolvimento de qualquer língua, visto que, fenómenos de inovação lexical ocorrem constantemente. Entre as várias vantagens das novas tecnologias de informação está o facto de num curto espaço de tempo ser possível difundir informações às regiões que fazem uso destes recursos tecnológicos. Logo, procura-se tirar o maior proveito possível dos benefícios que a Linguística Computacional oferece ao estudo de línguas, com fins lexicológicos, terminológicos e lexicográficos.

Em suma, partindo dos pressupostos apresentados nos pontos precedentes, pretendemos que a Base de Dados de Neologismos do Português de Angola (*NEO - ANGOLA*) possa servir de fonte fiável de consulta às equipas responsáveis pela elaboração de glossários, vocabulários, manuais de ensino, outros produtos lexicográficos, e, assim, reduzir as incertezas apresentadas na grafia, ao valor semântico e ao uso de certos neologismos; que diminua as dificuldades na procura de equivalentes, estimule a constituição de mais bases de dados dentro do domínio da Linguística, e que sirva de base para a constituição do futuro Observatório Linguístico do Português de Angola.

O funcionamento de bases de dados de neologia pode auxiliar os professores de Português Língua Materna, Língua Segunda e Língua Estrangeira, como meio de consulta, na preparação e execução de aulas sobre o ensino do léxico, nas mais variadas

perspectivas e auxiliar investigadores na realização de estudos comparados sobre o Português falado nos países membros da CPLP ou fora deste organismo e ao público, em geral, e no conhecimento actualizado sobre evolução do léxico desta variante da Língua Portuguesa.

4.2 Constituição da proposta de Base de Dados

Partindo de *corpora* textuais da imprensa escrita⁹⁰, propomos a criação de uma base de dados, cujo objectivo é:

- recolher, organizar, analisar, classificar, validar e divulgar as novas unidades lexicais detectadas, de forma sistemática;
- projectar a realização de estudos comparados, inicialmente, com Portugal, Brasil e Moçambique.

Neste âmbito, propomos que todo trabalho de concepção e gestão da base de dados seja realizado numa perspectiva pedagógica, social e científica, visto que, pretendemos poder atingir o público, em geral.

Assim, propomos o estabelecimento dos seguintes critérios:

- Elaboração de um projecto tutelado pelo Ministério da Educação, Ministério do Ensino Superior - Departamento de Língua Portuguesa do ISCED (Instituto Superior de Ciências da Educação) e Faculdade de Letras - em colaboração com o IILP;
- Constituição dos *Corpora* textuais: textos da imprensa escrita; em Língua Portuguesa (língua corrente); inicialmente sincrónicos (Português contemporâneo) e, posteriormente diacrónicos;
- Tipo de análise: gramatical, lexical, pragmática e estatística;
- Na constituição da equipa de trabalho, propomos a divisão em quatro subequipas: informático⁹¹, de extracção e inserção, de exclusão, de análise e de validação, com a abertura de os integrantes da segunda e terceira

⁹⁰ Seleccionar jornais e revistas nacionais com maior aderência.

⁹¹ Poderá ser linguista.

subequipas poderem ascender à última subequipa, por via de formação e experiência comprovadas;

- que as equipas de trabalho sejam constituídas por: linguistas, técnicos informáticos, investigadores seniores (professores, estudantes universitários) e investigadores juniores;
- Prever a interação com gestores ou coordenadores de Observatórios a nível da CPLP e de outros países, como por exemplo: ONPBC e TermNeo (Brasil), OLP (IILP), ONP (Portugal), ONPM (Moçambique), ONFF (França), OBNEO (Espanha) NEOPORTERM - Observatório de Neologia e de Terminologia em Língua Portuguesa para a realização de estudos paralelos e comparados;
- Beneficiários: Lexicógrafos, professores, investigadores e público em geral.

Como forma de reforçar a difusão, *on-line*, dos resultados apresentados na base de dados, aqui proposta, propusemos a criação de uma revista científica, *Revista AngoNeo*, de publicação semestral em papel, sendo que a síntese da mesma pode ser divulgada em programas de rádio e televisão, recursos com muita audiência.

Para o tratamento semi-automático propomos a utilização de um programa informático que, pelas funcionalidades, vá de encontro a necessidade de investigação e de adaptação ao contexto sociolinguístico de *corpus/corpora* em estudo.

4.3 A importância de um Observatório Linguístico

Das pesquisas realizadas, constatamos que de uma maneira geral, os observatórios linguísticos têm como principal meta: divulgação do conhecimento - especificidades linguísticas de determinada comunidade – a partir da organização, manutenção, e gestão de bases de dados dos mais distintos domínios e subdomínios de ocorrências do quotidiano, da ciência e da tecnologia, visando o registo e actualização de acervos lexicais. Nos Observatórios há uma maior possibilidade de extensão das temáticas de estudo ou em estudo e de interação com outras comunidades linguísticas.

A delimitação do grau de proficiência da equipa de trabalho depende, em grande parte, do rigor apresentado no estabelecimento e cumprimento dos critérios de funcionamento.

CABRÉ, T. (2010: 21) centrando-se na relevância do estudo de fenómenos de neologia, apresenta quatro aspectos que sintetizamos da seguinte forma:

- análise do grau de autenticidade das formações espontâneas;
- atitudes dos falantes sobre o modelo de língua de forma explícita e implicitamente;
- elaboração de planos de actuação para evitar o desaparecimento de uma língua por falta de actualização ou por colonização gramatical e lexical;
- apresentação de propostas de critérios linguísticos de denominação dos novos conceitos mais usados pelos falantes de determinada língua.

Para Cabré, a importância desses aspectos reside no facto de possibilitarem determinar o estado e a evolução das línguas.

Os quatro aspectos, ora resumidos, representam igualmente, em síntese, toda importância da existência e funcionamento regular de Observatório (s) Linguístico (s), visando a interacção com comunidades que usam a mesma língua e com as que tenham a mesma origem ou, neste caso, para os que se interessem pelo estudo sincrónico /diacrónico da Língua Portuguesa. E aqui, salientamos a necessidade do estabelecimento de políticas e convénios maleáveis que tornem possível esse investimento.

Dependendo dos objectivos que se pretenda alcançar com o estudo de novidade lexical, os fenómenos de neologia podem ocorrer em diferentes perspectivas: estilística; língua de especialidade; língua corrente, todavia poderá se registar a presença dos três tipos num só *corpus*, mas sempre com predominância de apenas um deles.

Outro detalhe pertinente é não rejeitar esta ou aquela novidade lexical, sem antes realizar estudos que sirvam para a fundamentação da sua aceitação ou rejeição.

Afinal, proceder ao registo escrito do acervo lexical de determinada língua sem a realização prévia e regular de estudos sobre os fenómenos semânticos, morfológicos, fonológicos e morfossintácticos decorrentes de factores intra e extralinguísticos do

léxico da mesma, pode resultar na mutação de aspectos socioculturais e/ou sociolinguísticos da língua em causa.

Pretendemos que a proposta de constituição de base de dados de neologismos seja o alicerce da consecução de uma proposta mais abrangente, criação de um Observatório Linguístico e se torne uma das suas fontes e um dos seus suportes.

Contrariamente ao previsto para a base de dados, propomos que para o Observatório Linguístico, o estudo sobre neologismos do Português de Angola seja extensivo à língua de especialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentámos um estudo dos fenómenos relevantes que espelham a tendência de criação neológica do Português de Angola. Demostrámos que há uma necessidade urgente de realizar estudos sobre fenómenos de natureza morfológica, semântica, fonológica e morfossintácticas sobre as novas unidades lexicais que surgem constantemente no Português, variante angolana, para registo e conhecimento da evolução do léxico dessa variante. Só assim podemos interagir linguisticamente, tendo em conta o contexto sociocultural e sociolinguístico, ao nível nacional e internacional, começando pela criação de Base de Dados de neologismos e, em paralelo, incitar o surgimento de Associações de professores de Português e de Linguistas angolanos, respectivamente.

Pretendemos organizar um Observatório Linguístico a fim de tratar de questões linguísticas, no âmbito da lexicologia, lexicografia, terminologia, ensino da língua Portuguesa; pretendemos efectuar esclarecimentos sobre problemas de dúvidas do âmbito linguístico e ter uma forte interacção com a futura Academia de Letras.

Concluimos que o ensino de fenómenos neológicos, em distintas perspectivas, pode ser uma ferramenta importante no emergir de interesses relacionados com temática sobre os neologismos de Angola.

Por outro lado, a harmonização da grafia dos neologismos e a valorização do léxico desta variante são outros aspectos a ter em conta em investigações futuras.

Assim, é urgente a criação de políticas de língua claras - tendo em vista os factores socialização, globalização – com uma aposta no desenvolvimento da investigação científica, prevendo a criação de estruturas e de organismos semi-autónomos.

Estas iniciativas visam a elaboração do Vocabulário Ortográfico Nacional, a regulação e a harmonização das línguas de Angola, num curto período de tempo, rumo ao desenvolvimento e massificação de produtos lexicográficos nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAVV (2004), *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, (versão pré-publicação), pp. 33-54.
- ADAMO, Giovanni (2010), “La neologia italiana”, in ALVES, Ieda Maria, (Org.), *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*, Editora Paulistana, São Paulo,
- ALVES, Ieda Maria, (2002), *NEOLOGISMO. Criação lexical*, Editora Afiliada, São Paulo.
- ALVES, Ieda Maria (2010), “A neologia do Português brasileiro de 1990 a 2009”, in *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*, Editora Paulistana, São Paulo.
- ALVES, Ieda Maria (Org.), (2010), *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*, Editora Paulistana, São Paulo.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. (1996), “Os dicionários que deveríamos ter”. *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (vol.II) (org.) Isabel Hub Faria e M. Margarita Correia. Lisboa, Colibri, pp.55-61.
- CABRÉ, M. T., FREIXA, J. & SOLÉ, E. (ed.) (2002) *Léxici neologia*, Observatori de Neologia, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona.
- CALVET, Louis-Jean (2012), *Nouvelles perspectives sur les politiques linguistiques: le poids des langues*, Revista Gragoatá Niterói nº 32, 1º Semestre, 55 – 73.
- CEIA, Carlos (2012), *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*, Editorial Presença, 9ª Edição, Lisboa.
- CHICUNA, Alexandre Mavungo (2014) *Portuguesismos nas Línguas Bantu, para um Dicionário Português Kiyombe*, Edições Colibri, 4, Lisboa.
- CORREIA, M. & LEMOS, L. San P. de (2005) *Inovação Lexical em Português*, Edições Colibri e Associação de Professores de Português, 2005.
- CORREIA, Margarita (Org.) (2001), *Terminologia desenvolvimento e Identidade Nacional*, VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia, Edições Colibri.
- CORREIA, Margarita & MINEIRO, Ana, (2004), *Neologia de importação no português europeu: desafios e medidas a tomar*, In: *Actas do XX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, (versão pré-publicação), pp. 33-54.
- COSTA, António Fernandes (2006), *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola – para uma Análise Diferencial*, Universidade Católica de Angola.

- COSTA, Rute (2014) *Harmonização terminológica portuguesa: (FCSH-UNL,PT), 2ª conferência sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, 2013*, in. www.conferencialp.org/, [consultado em Outubro de 2014].
- COSTA, Teresa (2013) *Os Empréstimos Lexicais no Português Falado em Angola – Um estudo lexicológico da variante angolana*, Luanda, editora Gravico.
- CRISTÓVÃO, Fernando (2011) *Método Sugestões para a Elaboração de Um Ensaio ou Tese*, Edições Colibri, 2ª Edição, Lisboa.
- FRADA, João José Cúcio (2001), *Guia Prático para a Elaboração e Apresentação de Trabalhos Científicos*, Edições Cosmos, 11ª Edição.
- GALISSION, Robert (1979) *Lexicologie et enseignement des langues*. Paris, Hachette.
- GALISSION, Robert (1984) “Pour un dictionnaire des mots de la culture”. *Le Français dans le monde*, n.º 188, Paris, Hachette.
- GALISSION, Robert (1987) “De la lexicographie de dépannage à la lexicographie d’apprentissage”. *Cahiers de lexicologie*, n.º 51-2. Paris, Didier, pp. 51-52.
- GALISSION, Robert (1988). “Culture et lexiculture partagées : les mots comme lieux d’observation des faits culturels”. *Études de Linguistique Appliquée*, n.º 69, Paris: Didier Erudition, pp. 74-90.
- GALISSION, Robert (1989) “La culture partagée: une monnaie d’échanges culturelles”. *Le Français dans le monde, Lexiques* n.º Spécial (coord. Amr Helmy Ibrahim). Paris, Hachette, pp. 113-117.
- GALISSION, Robert (1981) *De la langue à la culture par les mots*. Paris: Clé International.
- GALISSION, Robert (1993). “Les palimpsestes verbaux : des révélateurs culturels remarquables mais peu remarqués”. *Repères*, n.º 8, *Pour une didactique des activités lexicales à l’école*. Paris: INRP, pp. 41-62.
- GALISSION, Robert (1997). “Une dictionnaire à géométrie variable au service de la lexiculture”. *Cahiers de Lexicologie*, n.º 70. Paris: Didier Erudition, pp.57-77.
- GOMES, A & CAVACAS, F., A, (2004) *Vida das Palavras-Léxico*, Clássica Editora.
- KORTAS, Jan (2009) *Les hybrides lexicaux en français contemporain : délimitation du concept*, *Revue Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 54, nº 3, 2009, 533-550, in <http://id.erudit.org/iderudit/038313ar> [consultado em Abril de 2015].
- LINO, MariaTeresa Rijo da Fonseca (1979) “Importância de uma Lexicologia Contrastiva”, *Letras Soltas 1*, FCSH, Lisboa.

- LINO, MariaTeresa Rijo da Fonseca (1994) “Bases de données textuelles et terminographiques”, *Revue Meta - Hommage à Bernard Quemada*, Montréal.
- LINO, Maria Tetresa Rijo da Fonseca (2001) “De la Néologie à la Lexicographie de Spécialité d’ Apprentissage”, *Cahiers de Lexicologie*, nº 78, Paris, Champion, pp.139-145.
- LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca (2003) (coordenação) *Mots et Lexiculture – Hommage à Robert Galisson*, Paris, Honoré-Champion.
- LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca et alii (2007) « Rede de Neologia e Terminologia da Língua Portuguesa em situação de contacto de línguas», *Actas do Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, Praia, Cabo Verde.
- LINO, T., CHICUNA, A., GRÔZ, A. P., MEDINA, D.(2010) “Neologia, Terminologia e Lexicultura. A Língua Portuguesa em contacto de línguas”, *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa* 12 (2) Universidade de S. Paulo.
- LINO, T. & CONTENTE, M. (2011) “Neologia Terminológica: Evolução Conceptual e Semântica”, in *Actas do SIMELP III – Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa III, Simpósio 7, Neologismos – Neologia e o Ensino da Língua Portuguesa*, MATEUS, M.H.M & VILLALVA, A. (2007) *Linguística: O Essencial sobre Língua Portuguesa*, Editorial Caminho.
- MARONEZE, Bruno Oliveira (2010) “A Expressão da Afectividade em Neologismos por Sufixação”, in *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*, (Org.) ALVES, Ieda Maria, Editora Paulistana, São Paulo, 121-146.
- MATEUS, Eugénio (2014) “O desafio de harmonizar os alfabetos das línguas locais de Angola”, no jornal *O País* (Luanda, Angola), 5 / 3 / 2014.
- MARTINET, André (1991) *Elementos de Linguística Geral*, traduzido por BARBOSA, Jorge Morais, Lisboa, Sá da Costa, 1991.
- MINGAS, Amélia A. (2004) *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 73 -77.
- MINGAS, Amélia A. (2002) “Ensino da Língua Portuguesa no Contexto Angolano”, in MATEUS, Maria Helena Mira, (Coord.), *Uma Política de Língua para o Português*, (Colóquio Julho 1998), Lisboa, Colibri.,
- MINGAS, Amélia A. (2000) *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Chá de Caxinde, Luanda.
- MUDIAMBO, Quibongue (2014) *Estudos Linguísticos sobre a Lexicologia e a Lexicografia de Aprendizagem (aplicados) ao Ensino da Língua Portuguesa*, Edições

Colibri:4, Lisboa.

NTONDO, Zavoni (2014) *Morfologia e Sintaxe do Nganguela*, Editorial Nzila, Luanda.

QUIVUNA, Manuel (2014) *Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em Português Língua não Materna*, Edições Colibri, 4, Lisboa.

REIS, Victorino (2006) *Sociolinguística, Dinâmica Funcional vs Problemas Funcionais da Língua*, Editorial Nzila, Luanda.

REY, Alain (1976) *Néologisme: Un pseudo-concept?*, in Cahiers de Lexicologie, Paris, v. n.º 28, pp.3-17.

REY, Alain (1979) *La Terminologie Que sais-je?*. Collection Encyclopédique: Paris.

REY-Debove, J. (1998) *La Linguistique du signe, une approche sémiotique du langage*. Paris: Colin.

Revista Internacional da Língua Portuguesa, (2002) 2, AULP, Lisboa.

SABLAYROLLES, Jean- François (2010) « Néologisme homonymique, néologisme polysémique et évolution de sens », in ALVES, Ieda Maria, (Org.), *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*, Editora Paulistana, São Paulo, 2010.

SABLAYROLLES, Jean- François (2000) *La Néologie en Français Contemporain, Examen du concept et analyse de production néologiques récentes*, HONORÉ CHAMPION ÉDITEUR, Paris,

SABLAYROLLES, Jean- François (2003) *L'Innovation lexicale*, HONORÉ CHAMPION ÉDITEUR, Paris, 2003.

TEYSSIER, Paul, *História da Língua Portuguesa* (1982), Tradução de Celso Cunha, Martins Fontes, Paris, 26 /3/ 1982, in,

VIGÁRIO, Freitas & Frota (2006) in <http://www.apl.org.pt/docs/25-textos-selecionados/49-Marina%20Vig%C3%A1rio.pdf>, [consultado em 20-03-2015].

VILELA, Mário (1994) *Estudos de Lexicologia do Português*, Liv. Almedina, Coimbra.

ZAU, Filipe, *Professor do Ensino Primário e o Desenvolvimento dos Recursos Humanos em Angola (uma visão prospectiva)*, 2005, in <https://repositorioaberto.uab.pt/.../Filipe%20Zau%20-%20Tese%20de%20...>,

WÜSTER, Eugen, « *Einführung in die Allgemeine Terminologielehre und Terminologische Lexikographie*, Viena, 1979: Springer [Tradução castelhana: (1998) *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica* ».

GRAMÁTICAS

AZEVEDO, O.M., PINTO, M.F.I.M. & LOPES, A.C.M., *Gramática Prática de Português*, Lisboa Editora, 2011.

BARROS, Vítor Fernando, *Gramática da Língua Portuguesa*, 3º Ciclo e Secundário, 2ª Edição Atualizada, Âncora Editora, 2013.

CUNHA, C. & CINTRA, L., *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa Editores, 18ª edição, 2005.

DICIONÁRIOS E VOCABULÁRIO

CHICUNA, Alexandre Mavungo, *Dicionário de Siglas e Abreviaturas Angolanas*, Edições Colibri, 4, Lisboa, 2015.

Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, 2013.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, Editora Verbo (I e II volume), 2001.

HOUAISS, A & VILLAR, M.de S., *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (do Tomo I ao VI, versão portuguesa), 2002.

MAIA, Pe. A. da S., *Dicionário Complementar Português- Kimbundu - Kikongo* (Línguas Nativas do Centro e Norte de Angola), 3ª Edição, 2009.

WARMENHOVEN, Pe. João, *Vocabulário da Língua do Kimbundo de Angola*, Editora Missie Informatie Dienst da Congregação do Espírito Santo, Gemert, Nederland, 1994.

Documentos

Cultura, Jornal Angolano de Artes e Letras, Estatuto Editorial: 2014, p.4.

Cultura, Jornal Angolano de Artes e Letras, edição nº52 e nº54 – nº 58, 2014.

Documentos Oficiais

Diário da República, Conselho de Ministros, *Resolução n. 3/87, 23 / 5 / 1987*, Aprova a título experimental o *Alfabeto de seis línguas nacionais*, Série, n. 41.

Instituto de Línguas Nacionais, *Boletim Nº1*, Luanda, 1987.

Instituto Nacional de Estatística. **Censo 2014-** Resultados Preliminares de Recenseamento da População e da Habitação, Angola.

MINISTÉRIO DA CULTURA (2004) “Lei sobre Estatuto das Línguas Nacionais”, Luanda.

UNESCO, **CLT.2002/WS/9**. *Declaração Universal Sobre A. Diversidade Cultural*, 2002, [consultado em Novembro de 2014].

Sitografia:

www.angonoticias.com/full_headlines.php?id=2249 [consultado em 12 de Novembro de 2014].

www.iltec.pt/pdf/.../2004-mcorreia-mesa_redonda_emprestimos.pdf, consultado em Novembro 2014.

www.iltec.pt/[consultado em 20/3/2015].

www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=mordebecontent, [consultado em Março de 2015].

MoeDebe, www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=mordebecontent, [consultado em Março de 2015].

<http://dt.dgdc.min-edu.pt/>

<http://jornalcultura.sapo.ao/eco-de-angola/uma-arte-funeraria-rara-em-africa>,07/06/2014, [consultado em 25/02/2015].

www.med.gov.ao/VerLegislacao.aspx?id=162, [consultado em 04/6/2014].

<https://ventosdalusofonia.wordpress.com/2014/03/12/o-desafio-de-harmonizar-os-alfabetos-das-linguas-locais-de-angola/> [consultado em Outubro de 2014].

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros.

<http://groups.google.com/group/digitalsource> [consultado em Março de 2015].

ANEXO I

Constituição do Corpus	
Nº da Edição	Total de Textos por Edição
52	15
54	15
55	8
56	6
57	6
58	6
Total: 6	Total:56
= 74 Neologismos	

ANEXO II

Nº	Neologismos	Categoria Gramatical	Classificação	Nota
1	portungolano	n. <i>m</i>	Composição	
2	lélélélélé-lélélé; prá-cató-tumbá; Vum pah	onomatopeias	Onomatopeias	
3	dikanza	n.f. Monossemia	Empréstimo interlinguístico	
4	multi-denominacional	adj.	Derivação	
5	candongueiros culturais	Adj. Polissemia, Metonímia Empréstimo interno	Composição	
6	<i>táxi azul e branco</i>	"	Composição	
7	Maka	n.f Sinonímia	Empréstimo interno	
8	saurimuenses	n.m (topónimo + enses) composto	Derivação	Gentílico pátrio
9	kotas	n.m. Sinonímia	Empréstimo interno	Hibridismo
10	Kandegues	"	Empréstimo interno	Hibridismo
11	praia da Lua	n. f. (topónimos) Metonímia	Composição	
12	praia da Binga	"	Composição	
13	Baía Azul	"	Composição	
14	Baía Farta.	"	Composição	
15	esticar os ossos ao sol	Expressão idiomática	Composição	
16	alargar a vista	Fraseologia (v+prep.+n)	Composição	
17	Quedas de Kalandula	n.f. (Topónimo)	Composição	Hibridismo
18	Lundasulino	n. <i>m</i> . composto	Derivação	Gentílico

				pátrio
19	Icolo e Bengo	n.m (topónimo)	Composição	
20	Eternalismo	adj.	Derivação	
21	Feskizomba,	n.(festa+kizomba)	Composição	Hibridismo
22	JAANGO	n.m.(sigla)	Acrónimo	
23	APROCIMA	n. m.(sigla)	Acrónimo	
24	ENSARTE	n. m. sigla + Acrónimo	Composição	
25	Bumbar	v. Sinonímia	Empréstimo interno	Informal
26	Kuduro	n.m	Empréstimo interno	
27	fome burocratizada,	adj.	Extensão semântica	
28	Esquemas	n. m.	Extensão semântica	
29	Cabritismo	n. m, Metáfora, polissemia extensão semântica	Derivação	
30	<i>Cabrito</i>	n. m.	Extensão semântica	
31	Mambos	n. m Sinonímia	Empréstimo interno	Informal
32	Mbambo	n.m <i>Empréstimo</i>	Empréstimo interno	
34	Muloji	n.m Sinonímia	Empréstimo interno	
35	geografia conflituosa.	Metáfora (estilística)	Composição	
36	agri-cultura	n. m. Sinonímia	Derivação	
37	Caluquembe	n.(topónimo)	Empréstimo interno	
38	Kota	n. Sinonímia	Empréstimo interno	
39	arte Mbali	Adj. Polissemia	Composição	Hibridismo
40	bantuizou-a	v.	Derivação	Hibridismo

41	multirrelacional	adj	Derivação	
42	Mentefactos	n.m.	Composição	
43	Protocultura	adj.	Composição	
44	Ngonguêha	n. f.	Empréstimo interno	Hibridismo <i>ngongwenya</i> ⁹²
45	n'guitabulé	v	Empréstimo interno	
46	Estamos Juntos	Expressões idiomáticas, Sinonímia, cacofonia	Composição	
47	Cara Podre	"	Composição	
48	Mboa	n. f.	Empréstimo interno	Informal
49	Makemaka	n. f. cacofonia	Composição	Hibridismo
50	xixilarem	v	Derivação	Hibridismo
51	trungungueiras	adj	Derivação	Hibridismo
52	ginguzu	Adj. Sinonímia	Empréstimo interno	Hibridismo
53	munhunguero	adj. n.m.	Derivação	Hibridismo
54	Mangonharem	v.	Derivação	Hibridismo <i>manganya</i> ⁹³
55	kambuás	n. m.	Empréstimo interno	Informal
56	Mazé	Interj.	Empréstimo interno	Informal
57	proto-bantu	n. m.	Composição	
58	paleo-linguística	n. f.	Composta	
59	sembista	adj. m. /f.	Derivação	Hibridismo
60	ngoma	n.m.	Empréstimo interno	
61	Kilamba	n. m.(topónimo)	Empréstimo interno	

⁹² Grafia em *Kimbundu*

⁹³ Grafia em *Kimbundu*. Portuguesa = resina

62	makotas	<i>n.m</i>	Empréstimo interno	Hibridismo
63	quarta-feira das mabangas	<i>n.f.</i> Expressão idiomática	Composição	Hibridismo
64	Kianda	<i>n.f</i>	Empréstimo interno	
65	wanga	<i>n.m</i>	Empréstimo interno	
66	xinguilamento	<i>n.m</i>	Derivação	Hibridismo
67	kazukutar	<i>v.</i>	Derivação	Hibridismo
68	xinguiladoras	<i>Adj.</i>	Derivação	Hibridismo
69	xinguiladora	<i>adj</i>	Derivação	Hibridismo
70	kimone	<i>n. m.</i>	Empréstimo interno	
71	kudurista	<i>n. m.</i>	Derivação	Hibridismo
72	museke	<i>n.</i> Sinonímia	Empréstimo interno	
73	bumbu	<i>n.m.</i>	Empréstimo interno	
74	hungu	<i>n.m.</i>	Empréstimo interno	

ANEXO III

Processos de formação de palavras	Total de candidatos a neologismos
Composição	24
Derivação	18
Onomatopeia	3
Empréstimo	20
Acrônimo	3
Extensão Semântica	11
Hibridismo	21
Amálgama	1